EM BUSCA DA MÚSICA PERDIDA

UMA SINFONIA PARA REACENDER O SILÊNCIO

VÍTOR RUA



ASOKA MIAU EDITIONS · 2026

EM BUSCA DA MÚSICA PERDIDA

EM BUSCA DA MÚSICA PERDIDA

Uma Sinfonia para Reacender o Silêncio

VÍTOR RUA

© 2026 Vítor Rua

Primeira edição: Setembro de 2026
Asoka Miau Editions, Lisboa · Planeta Terra

Revisão linguística: português europeu, norma anterior ao Acordo Ortográfico de 1990
Concepção gráfica, paginação e arte de capa: edição Asoka Miau

ISBN fictício: 978-989-99999-0-0
Depósito legal fictício: 000000/26

Todos os direitos reservados. Esta ficha técnica integra uma edição artística; os números de registo são deliberadamente fictícios e deverão ser substituídos antes de qualquer edição comercial.

PRELÚDIO

SINFONIA DE DOIS MUNDOS: UM PREFÁCIO

No coração da vastidão do cosmos, onde cada estrela é uma promessa e cada planeta guarda segredos, encontra-se a história de Victor e Ilsa — uma sinfonia de amor, mistério e descoberta, tocada em dois mundos separados por anos-luz e ligados por uma verdade universal: a busca pelo sentido da existência.

Victor não é um homem comum. Ele é um viajante intergaláctico, um coleccionador de sons e sentimentos, enviado de Amulon, um planeta tecnologicamente avançado, mas emocionalmente deserto. Embarcou numa missão secreta à Terra, acreditando que a música deste pequeno e vibrante mundo poderia reacender as faíscas adormecidas na sua civilização. Mas no meio da cacofonia de Lisboa, entre as notas de guitarras e sintetizadores, encontrou algo que nem as estrelas poderiam prever: Ilsa.

Ilsa, uma mulher que caminha entre o tangível e o etéreo, uma artista multifacetada cujos dedos dançam entre as teclas do sintetizador e as páginas de livros que moldam mentes. Desde sempre, sentiu que não pertencia inteiramente à Terra, como se fosse uma partícula de luz caída do cosmos, aguardando um propósito maior. Quando os seus caminhos se cruzam, uma faísca inusitada desperta. Não é apenas amor; é um reconhecimento de que, juntos, são mais do que a soma das suas partes.

Esta é uma história que navega entre o íntimo e o infinito, onde o som das ondas na praia ecoa tão alto quanto o silêncio das estrelas. É um romance que explora os mistérios do coração humano e os

segredos do universo, questionando o que significa pertencer e até onde estamos dispostos a ir por aquilo que amamos.

Prepare-se para mergulhar numa narrativa onde o real e o imaginário colidem, onde o amor transcende a gravidade, e onde cada página é uma nota na sinfonia do desconhecido. Victor e Ilsa convidam-no a descobrir o que existe entre as estrelas e nos cantos mais profundos do espírito.

CAPÍTULO 1

ECOS DISTANTES DE ANDRÓMEDA

MUNDOS AQUÁTICOS

No silêncio infinitesimal do cosmos, onde o vazio se estende além da compreensão humana, desponta a majestosa galáxia de Andrómeda. Espiralando em braços de poeira estelar, luz e sombra, Andrómeda ergue-se como uma catedral cósmica, uma tapeçaria viva tecida por incontáveis sóis, nebulosas e mundos distantes. O seu núcleo brilhante, como o olho de uma divindade estelar, pulsa lentamente, emanando energia que atravessa milhões de anos-luz e chega à Terra como um débil vislumbre luminoso no céu nocturno. Com mais de 150 mil milhões de estrelas cintilantes, Andrómeda guarda no seu seio a diversidade de 400 mil milhões de planetas, cada um distinto no seu carácter. Alguns são desertos escaldantes, onde ventos de plasma corroem as superfícies; outros são mundos aquáticos, onde oceanos sem fim reflectem eternamente a luz de sóis distantes.

Cada ponto de luz que observamos da Terra esconde segredos milenares: histórias de civilizações que emergiram das poeiras das estrelas, que prosperaram e definharam, que deixaram legados invisíveis no imenso mosaico galáctico. Entre os braços espirais de Andrómeda, há um em particular que, embora aparentemente insignificante no contexto colossal da galáxia, alberga uma complexidade fascinante. Este braço periférico, envolto numa nebulosa púrpura que brilha com gases ionizados, é o lar do sistema solar de Zortek-Tal.

O SISTEMA DE ZORTEK-TAL

A cerca de 2,5 milhões de anos-luz da Via Láctea, Zortek-Tal encontra-se aninhado numa órbita estável dentro de Andrómeda. Este sistema solar recebeu o nome do lendário explorador Zortek-Tal, cuja história é tão antiga que as suas origens são quase mitológicas para os habitantes locais. Segundo as lendas, Zortek-Tal foi o primeiro a decifrar as estrelas e a utilizar as suas danças celestes para navegar pelo cosmos, estabelecendo o alicerce do que hoje é uma civilização tecnológica e avançada. No centro deste sistema brilha Kaeleon, um sol branco de luminosidade feroz que emana um calor constante e inabalável. É uma estrela jovem em termos cósmicos, mas já suficientemente madura para proporcionar estabilidade gravitacional aos nove planetas que orbitam na sua esfera de influência. A sua luz atravessa milhões de quilómetros, banhando os nove planetas que orbitam à sua volta com um brilho branco perolado.

Estes planetas, como um coro celestial, seguem as suas rotas com precisão matemática, orbitando numa dança coordenada que já dura milénios. Os nomes dos planetas ecoam a sofisticação da língua antiga dos habitantes de Zortek-Tal, cada um carregado de significado e história: Ixtor, o mais próximo do sol, é um mundo de tempestades perpétuas, onde oceanos de magma se agitam sob uma atmosfera densa de gases tóxicos. Velrun, coberto por desertos metálicos, é conhecido pelas suas paisagens brilhantes e tempestades eléctricas que iluminam o horizonte com um espectáculo aterrador. Caléxis, o planeta das nuvens eternas, é envolto num manto de neblina opaca, com formas geológicas pontiagudas que emergem como ilhas num oceano de vapor. Omoar, um gigante gasoso cujas camadas superiores cintilam com relâmpagos colossais, é muitas vezes descrito como o coração eléctrico do sistema. Tavrión, com os seus anéis brilhantes e luas geladas, é considerado um dos mais belos e misteriosos.

Xorann, um mundo coberto por cristais reluzentes, onde se acredita que antigos viajantes cósmicos deixaram vestígios das suas passagens. Lymphae, um planeta aquático, é inteiramente coberto por um oceano turquesa, povoado por organismos luminescentes que dançam sob a superfície. Zykron, o guardião externo do sistema, é um gigante de

gelo cuja órbita excêntrica faz dele um visitante ocasional das regiões interiores do sistema. No entanto, entre todos estes mundos, nenhum é tão peculiar quanto Amulon, o quarto planeta a partir de Kaeleon.

UMA SOCIEDADE SEM ALMA – AMULON

Visto do espaço, Amulon é uma esfera opalescente, um contraste hipnotizante entre tonalidades azuis, prateadas e cinzentas. À primeira vista, parece um mundo próspero, mas uma análise mais detalhada revela a sua verdadeira natureza. Ao atravessar a fina camada atmosférica de Amulon, revela-se um mundo cuidadosamente construído pela mão dos seus habitantes. As paisagens naturais foram completamente substituídas por infraestruturas urbanas que se estendem em todas as direcções. As cidades de Amulon reflectem a mentalidade dos seus habitantes. A arquitectura é fria, geométrica e desprovida de ornamentação desnecessária. Os edifícios erguem-se em torres monocromáticas, com superfícies lisas que absorvem a luz solar e a transformam em energia. As janelas são raras, pois os Zevori não têm necessidade de olhar para o exterior. Toda a interação ocorre dentro dos espaços internos, conectados por redes telepáticas e digitais. As ruas de Amulon estão sempre movimentadas, mas nunca caóticas. Veículos antigravitacionais deslizam silenciosamente em carris de luz, transportando os habitantes entre os seus destinos. Peões caminham em filas organizadas, raramente interagindo uns com os outros.

Não há sons de vozes, apenas o zumbido suave da tecnologia que permeia cada canto do planeta. A vida em Amulon é eficiente, mas desprovida de espontaneidade. As cidades de Amulon reflectem a mentalidade dos seus habitantes. A arquitectura é fria, geométrica e desprovida de ornamentação desnecessária. Os edifícios erguem-se em torres monocromáticas, com superfícies lisas que absorvem a luz solar e a transformam em energia. As janelas são raras, pois os Zevori não têm necessidade de olhar para o exterior. Toda a interação ocorre dentro dos espaços internos, conectados por redes telepáticas e digitais.

OS SINTÉCTILOS

As antigas florestas que outrora cobriam vastas regiões do planeta desapareceram, substituídas por um tipo de vegetação artificial projectada pelos cientistas de Amulon. As árvores metálicas, com troncos de um cinza lustroso e folhas que mudam de cor conforme o ciclo solar, ondulam suavemente ao vento, mas não com o movimento natural de uma brisa. São alimentadas por microcircuitos internos que simulam o movimento orgânico. Durante a noite, estas árvores emitem um brilho fosco, iluminando os parques artificiais das cidades. Os rios, que outrora serpenteavam livremente entre montanhas e vales, foram transformados em linhas de energia líquida. Com tonalidades azul-neon, estas correntes energéticas fluem através de canais de vidro transparente, iluminando as ruas e fornecendo energia às vastas metrópoles. A água natural, vital para a vida, tornou-se um recurso controlado e confinado a reservatórios subterrâneos, quase intocável.

Os animais que outrora habitavam Amulon foram vítimas de séculos de negligência ambiental e de um avanço tecnológico desenfreado. A caça predatória e a destruição dos habitats naturais levaram ao desaparecimento gradual de todas as espécies nativas. Hoje, a única forma de vida animal em Amulon são os sintéctilos, criaturas artificiais criadas em laboratórios para preencher o vazio deixado pelos antigos companheiros da humanidade. Os sintéctilos são uma fusão de engenharia e estética. Algumas destas criaturas lembram felinos, mas os seus corpos são cobertos por um pelo metálico que muda de cor conforme o estado emocional do dono. Estas criaturas movem-se com uma graciosidade impressionante, embora os seus olhos de cristal revelem a ausência de uma alma viva. Outros sintéctilosassumem formas mais exóticas, como pequenos répteis luminescentes com escamas que brilham no escuro.

Estes répteis têm olhos profundos e hipnóticos, projetando uma sensação de inteligência quase alienígena, como se fossem capazes de decifrar os pensamentos das pessoas com quem interagem. Apesar da sofisticação dos sintéctilos, a sua presença não consegue substituir a verdadeira ligação que os antigos animais proporcionavam. Estes companheiros artificiais são funcionalmente perfeitos, mas carecem da

imprevisibilidade, da espontaneidade e do calor que um ser vivo poderia oferecer.

ECOS DO PASSADO

Os Zevori, habitantes de Amulon, são uma raça que, à primeira vista, poderia passar por humana. Contudo, uma análise mais próxima revela diferenças subtis, mas incontestáveis. A sua pele, de tons translúcidos, não apenas reflecte a luz ambiente, como parece refratá-la, criando uma aparência etérea. Este efeito luminoso varia ligeiramente conforme as condições ambientais, fazendo com que os Zevori pareçam quase espectrais sob a luz directa de Kaeleon. Os seus olhos são abismos de um negro absoluto, sem íris ou pupilas visíveis. Olhar para eles é como contemplar um vazio profundo e insondável. Esses olhos, no entanto, não servem apenas para enxergar; funcionam como sensores avançados que processam informações com a eficiência de um supercomputador. Ao olhar para um objeto ou um ser, os Zevori podem analisar a sua composição, movimentos, padrões e até intenções. Este sentido hiperdesenvolvido faz com que sejam quase infalíveis em ambientes sociais e tecnológicos, mas, paradoxalmente, contribui para uma sensação de desconexão emocional.

Desenvolveram um método de comunicação quase exclusivamente telepático. A sua capacidade de transmitir pensamentos directamente uns aos outros eliminou a necessidade de palavras faladas. Esta habilidade, embora fascinante, conferiu uma atmosfera de silêncio inquietante às suas cidades. Conversas que poderiam ser animadas e cheias de nuances emocionais são agora rápidas trocas de dados, frias e precisas. Ainda assim, a tecnologia continua a desempenhar um papel complementar. Dispositivos avançados, conhecidos como Relayons, são usados para interagir com sistemas computacionais ou traduzir pensamentos mais complexos para outras formas de expressão. Esses dispositivos, normalmente embutidos nos pulsos ou na base do crânio, permitem que os Zevori se conectem a redes globais e partilhem informações em tempo real. São capazes de processar informações com a precisão de máquinas, mas essa característica veio a custo de uma vida emocional limitada. Vivem

segundo rotinas rigorosas, dedicando a maior parte do seu tempo a tarefas produtivas.

As horas de lazer são raras e muitas vezes envolvem atividades que reforçam o desempenho cognitivo, como jogos de estratégia ou simulações virtuais. Os Zevori são uma civilização extraordinariamente avançada, mas pagaram um preço alto pela sua busca pela perfeição. A ausência de música, arte e espontaneidade transformou-os numa sociedade funcional, mas emocionalmente estéril. Os seus dias são preenchidos por rotinas rigorosamente programadas, divididos entre trabalho produtivo e períodos de descanso cronometrados. Não existem festividades, celebrações ou momentos de descontração coletiva. Até mesmo o conceito de humor se perdeu ao longo das gerações, visto agora como uma distração desnecessária. No meio de tudo isto, há uma sensação de vazio que permeia as vidas dos Zevori. Eles podem não reconhecer ou expressar esse sentimento directamente, mas está presente em cada interação fria, em cada cidade silenciosa e em cada rua sem vozes.

É um mundo onde a beleza superficial esconde uma solidão avassaladora, e onde a ligação com a vida natural e emocional foi sacrificada em nome da eficiência. A esfera opalescente de Amulon continua a brilhar no cosmos, um farol de perfeição tecnológica. Contudo, para aqueles que vivem nas suas cidades imaculadas, este brilho é apenas uma fachada. A ausência de vida natural, de música e de emoção transformou o planeta numa prisão invisível, onde a rotina e a funcionalidade reinam supremas. Enquanto o resto do sistema solar de Zortek-Tal mantém os seus mistérios, Amulon é um mundo que vive sob o peso das suas próprias escolhas.

O SILÊNCIO DAS ALMAS CRIATIVAS

A ideia de arte em Amulon foi completamente transformada ao longo dos séculos. Onde antes existia uma apreciação pela beleza e pela expressão criativa, agora reina o conceito de utilitário. Pinturas, esculturas e outras formas de expressão visual foram substituídas por gráficos funcionais que servem para comunicar informações. Cinemas e teatros, espaços que outrora poderiam ter reunido os Zevori em momentos de emoção compartilhada, foram extintos. Livros físicos, com as suas palavras cuidadosamente escolhidas e impressas, também se tornaram relíquias de uma era ultrapassada. Toda a literatura existente está agora armazenada em bancos de dados acessíveis apenas por pensamentos, eliminando a necessidade de contemplação ou interpretação. Com o avanço tecnológico, a música tornou-se um campo regido por regras rígidas. Algoritmos começaram a ditar o que era «perfeito», acabando gradualmente com a improvisação e a expressão pessoal.

Os compositores, pressionados pela busca incessante pela precisão, começaram a criar obras tão complexas que se tornaram ininteligíveis para o público. A população, incapaz de encontrar prazer ou ligação na música, afastou-se lentamente dela. Os instrumentos foram deixados a enferrujar, as partituras foram apagadas dos bancos de memória, e o silêncio instalou-se. Hoje, a música é apenas uma memória distante, um eco de algo que os Zevori já não conseguem compreender.

CAPÍTULO 2

A DECADÊNCIA DA MÚSICA

O PASSADO VIBRANTE DE AMULON

Há milhares de ciclos, Amulon era um planeta repleto de vida sonora. Melodias preenchiam os seus vastos espaços urbanos, enquanto ritmos sincopados ecoavam pelas ruas e avenidas. A música, outrora considerada a mais pura forma de expressão emocional dos Zevori, transcendia o simples entretenimento; era um pilar fundamental da sua identidade cultural. Grupos de músicos improvisavam em praças públicas, utilizando instrumentos que combinavam elementos acústicos e eletrónicos. As lyrifones, harpas de energia luminescente, emitiam notas cristalinas, enquanto os kallirons, tambores que vibravam com ondas gravitacionais, criavam ritmos que faziam o solo pulsar sob os pés. Cada performance era única, uma expressão momentânea que conectava os músicos às audiências numa celebração compartilhada de emoção pura. Compositores de eras passadas criaram sinfonias que misturavam harmonias complexas com improvisações ousadas. Esses mestres eram celebrados como visionários, e os seus nomes ecoavam nos registos históricos como símbolos de uma era dourada. A música, tal como as estrelas, parecia eterna.

O INÍCIO DA DECADÊNCIA E A DESILUSÃO COLETIVA

À medida que a tecnologia avançava, a sociedade de Amulon começou a valorizar a precisão e a eficiência acima de tudo. Essa obsessão infiltrou-se lentamente no campo da música, onde os primeiros algoritmos foram introduzidos para analisar e otimizar composições. Inicialmente, esses sistemas eram vistos como ferramentas para aprimorar a criatividade, permitindo aos compositores explorar territórios musicais antes inalcançáveis.

No entanto, o que começou como uma colaboração entre tecnologia e arte rapidamente se tornou uma ditadura algorítmica. Os sistemas começaram a impor regras cada vez mais rígidas sobre o que era considerado «perfeito». Notas, ritmos e harmonias passaram a ser medidos e ajustados com precisão matemática, eliminando qualquer traço de imperfeição ou espontaneidade. A improvisação, que era a alma da música zevoriana, foi banida, considerada desnecessária e caótica. Os compositores começaram a produzir obras que, embora tecnicamente impecáveis, eram frias e desprovidas de emoção. A música transformou-se num exercício intelectual, um quebra- cabeças para ser decifrado em vez de uma experiência para ser sentida. Aos poucos, o povo de Amulon começou a afastar-se da música, incapaz de encontrar nela a alegria e a ligação que antes definiam as suas vidas. Com o passar das gerações, a música tornou-se cada vez mais irrelevante para a vida quotidiana dos Zevori.

As apresentações públicas desapareceram, e os instrumentos outrora celebrados foram relegados a museus e ficheiros digitais. As escolas de música fecharam as portas, incapazes de atrair novos alunos. A ausência de música teve um impacto profundo na sociedade. O silêncio começou a preencher os espaços onde antes ressoavam melodias, e com ele veio uma apatia generalizada. O povo de Amulon tornou-se emocionalmente desconectado, incapaz de encontrar alegria nas suas vidas altamente mecanizadas. Reconhecendo esta crise, os líderes de Amulon reuniram-se para discutir uma solução. Decidiram que, para salvar a sua civilização, precisavam de trazer de volta a música, mas não a música fria e calculada que tinham criado. Eles precisavam de redescobrir a música como expressão viva, algo que

apenas poderia ser encontrado noutras civilizações.

A FROTA DOS NIMBOS ETERNOS

Assim nasceu o projecto dos Nimbos Eternos, uma frota de naves colossais projectadas para explorar as galáxias em busca de inspiração musical. Cada nave era um prodígio de engenharia zevoriana, equipada com a tecnologia mais avançada e tripulada por centenas de xenomusicólogos – especialistas dedicados ao estudo das tradições musicais de outras culturas. Entre essas naves, destacava-se a Harmonia Stellarum, a maior e mais avançada de todas. Com 30 quilómetros de comprimento, esta nave era um verdadeiro monumento à inovação tecnológica de Amulon. A Harmonia Stellarum foi construída para ser praticamente invisível no vasto vazio do espaço. A sua superfície exterior, revestida com um material conhecido como Lumivex, reflectia o cosmos à sua volta, tornando-a indistinguível das estrelas. Apenas sensores avançados poderiam detectá-la em movimento. No coração da nave estava o seu motor de Nytherium, um combustível hipotético capaz de dobrar o espaço-tempo e permitir viagens mais rápidas que a luz.

Este motor não apenas proporcionava velocidades incompreensíveis, mas também era uma fonte de energia limpa e inesgotável, mantendo a nave funcional durante décadas de exploração. O interior da Harmonia Stellarum era um universo por si só. Salas amplas e iluminadas com painéis de luz dinâmica abrigavam laboratórios, ficheiros digitais e estúdios de gravação avançados. Cada xenomusicólogo tinha acesso a instrumentos simulados de centenas de culturas conhecidas, permitindo-lhes estudar e reproduzir estilos musicais com precisão.

ELVERIAN, O EXPLORADOR MUSICAL: A PARTIDA

Entre os passageiros da Harmonia Stellarum estava Elverian, um dos xenomusicólogos mais talentosos e respeitados de Amulon. Desde jovem, Elverian havia mostrado um fascínio incomum pela música das eras passadas. Ele passava horas nos ficheiros digitais, estudando partituras e ouvindo gravações antigas, tentando compreender o que tornava aquelas obras tão emocionantes. Para Elverian, a música era mais do que um som; era uma linguagem universal que transcendia culturas e épocas. Ele acreditava que, ao redescobrir a música viva, os Zevori poderiam recuperar não apenas a alegria, mas também a essência do que significava ser verdadeiramente vivo. A sua missão na Harmonia Stellarum era clara: estudar a música de civilizações distantes, analisá-la e trazer de volta o conhecimento necessário para recriar uma tradição musical vibrante em Amulon. A Terra, um pequeno planeta azul na galáxia vizinha da Via Láctea, foi designada como o seu destino. Quando a Harmonia Stellarum deixou a órbita de Amulon, uma nova esperança surgiu entre os Zevori.

Embora a maior parte da população continuasse mergulhada na apatia, aqueles que estavam conscientes do projecto dos Nimbos Eternos viam nele uma oportunidade de redenção. No interior da nave, Elverian preparava-se para a missão da sua vida. Enquanto a Harmonia Stellarum navegava pelo hiperespaço, ele revia os dados sobre a música terrestre, estudando gravações e teorias musicais recolhidas de fontes distantes. A cada nova descoberta, a sua determinação crescia. Para Elverian, esta não era apenas uma missão científica. Era uma jornada para redescobrir a alma perdida do seu povo e devolver-lhes a capacidade de sentir e de se conectar através da música. E assim, a Harmonia Stellarum avançava silenciosamente pelo cosmos, uma arca de conhecimento em busca de um som que pudesse reacender o coração de um planeta inteiro.

CAPÍTULO 3

A CHEGADA À TERRA

A NAVE INVISÍVEL E O PRIMEIRO VISLUMBRE DA TERRA

A Harmonia Stellarum pairava na órbita do Sol, imóvel, como uma sombra que se recusa a revelar-se. A sua superfície exterior, revestida com o material revolucionário chamado Lumivex, reflectia perfeitamente o vazio ao seu redor, tornando-a indistinta do pano de fundo estelar. Apenas aqueles que olhassem muito atentamente poderiam perceber um ligeiro tremor na luz, um reflexo de partículas carregadas que dançavam ao redor da estrutura gigantesca. Mesmo assim, esse reflexo não era distinto do brilho natural das partículas solares. A nave utilizava a radiação do Sol para alimentar os seus sistemas de camuflagem e se esconder das curiosas ferramentas de observação humanas. Os telescópios mais potentes não podiam detectar a sua presença. Para os terráqueos, ela era tão invisível quanto o silêncio que preenchia os seus corredores. No entanto, esse silêncio não era vazio. Dentro da nave, havia movimento, atividade e propósito.

Durante anos, a Harmonia Stellarum cruzara galáxias, viajando pelas profundezas do espaço com um objectivo único: descobrir as melodias perdidas que poderiam salvar Amulon. Agora, tinha chegado ao seu destino, um pequeno sistema solar na orla da Via Láctea. Nos corredores internos da nave, um grupo de xenomusicólogos trabalhava sem descanso. Cada um estava focado na preparação da sua missão, estudando os mundos que visitariam, os povos que conheceriam e as músicas que capturariam. Para muitos, esta era mais do que uma simples tarefa científica; era uma missão de esperança, uma tentativa de devolver a alma ao seu mundo natal. No centro de comando, um

holograma tridimensional do sistema solar flutuava, girando lentamente no ar. O Sol brilhava no centro, rodeado pelos seus oito planetas principais e inúmeras luas, asteroides e outros corpos celestes. Mas, para os xenomusicólogos, apenas um desses planetas importava: a Terra. Na projeção holográfica, a Terra era uma esfera vibrante de azul, verde e branco.

Os oceanos, que cobriam grande parte do planeta, reflectiam a luz solar como espelhos líquidos, enquanto as nuvens desenhavam padrões intrincados na sua superfície. Os continentes estavam cobertos de florestas, desertos e montanhas, um contraste absoluto com o mundo cinzento e artificial de Amulon.

A VIDA NA HARMONIA STELLARUM

Embora a nave estivesse equipada com a tecnologia mais avançada de Amulon, o seu interior era surpreendentemente simples e funcional. Os corredores eram largos e iluminados por painéis que imitavam a luz natural. As paredes, feitas de um material semelhante a metal, mas macio ao toque, eram revestidas com gráficos dinâmicos que podiam exibir informações, mapas ou paisagens relaxantes conforme a necessidade. Cada xenomusicólogo tinha uma cabine pessoal, equipada com um terminal de trabalho, uma cama ergonómica e um espaço de armazenamento. Esses espaços eram pequenos, mas confortáveis, projectados para otimizar a concentração e o bem-estar. Elverian estava na sua cabine, sentado diante de um painel holográfico. As suas mãos moviam-se rapidamente, manipulando gráficos e dados que flutuavam no ar à sua frente. Estava a rever informações sobre a Terra: as suas culturas, as suas línguas, e, mais importante, a sua música.

A EXPECTATIVA DE ELVERIAN E A ESCOLHA DOS DESTINOS

Para Elverian, esta missão não era apenas uma obrigação profissional. Era uma jornada pessoal, uma oportunidade de redescobrir o que significava sentir. Durante anos, ele estudara os registos musicais de Amulon, tentando entender onde o seu povo errara, onde perdera a ligação com a emoção. Agora, estava prestes a testemunhar algo completamente novo. A Terra, com a sua diversidade cultural e a sua rica tradição musical, era um mistério que ele mal podia esperar para desvendar. Elverian ajustou o seu assento e ativou um novo conjunto de dados. O holograma projetou uma coleção de clips de áudio e vídeo captados de transmissões terrestres. Ele ouviu músicas tradicionais portuguesas, como o fado, com as suas melodias melancólicas e letras profundamente emocionais. Também estudou formas mais contemporâneas de música, como o jazz e a música eletrónica, captando nuances que eram completamente diferentes das composições rígidas de Amulon. Enquanto ouvia, os seus olhos negros brilhavam com uma intensidade rara.

Cada nota, cada melodia parecia evocar algo dentro de si, algo que ele mal conseguia compreender, mas que o atraía inexoravelmente. No centro de comando, os xenomusicólogos reuniram-se para discutir as suas missões individuais. Cada um tinha um planeta ou cultura específica a estudar. Alguns iriam para mundos de civilizações avançadas, outros para planetas onde a música ainda era rudimentar, mas visceral. Elverian recebeu a sua atribuição: Lisboa, Portugal. A escolha não era arbitrária. Lisboa era uma cidade com uma rica herança musical, desde o fado às influências modernas. Além disso, a sua localização na Terra oferecia um equilíbrio entre tradição e inovação, tornando-a um ponto de partida ideal para a missão de Elverian.

O MOMENTO DA VERDADE

Finalmente, chegou o momento de Elverian partir. A nave menor que o transportaria foi preparada, e os sistemas de camuflagem ativados. No hangar principal da Harmonia Stellarum, a esfera metálica flutuava no ar, pronta para descer à Terra. Antes de entrar na nave, Elverian deu um último olhar ao holograma da Terra. Respirou fundo, absorvendo a magnitude da sua missão. Esta era a sua oportunidade de fazer a diferença, de resgatar algo que o seu povo perdera há tanto tempo. Sem dizer uma palavra, ele entrou na nave menor. As portas selaram-se atrás de si, e os motores antigravitacionais começaram a funcionar silenciosamente. A nave foi ejetada do hangar e iniciou a sua descida em direcção ao pequeno planeta azul. No vazio do espaço, a Harmonia Stellarum permaneceu, invisível e silenciosa, enquanto Elverian dava início à missão mais importante da sua vida.

CAPÍTULO 4

A SEPARAÇÃO DA NAVE MENOR

A ÚLTIMA SINFONIA DE HARMONIA STELLARUM

No vasto silêncio do cosmos, no coração do centro de comando da Harmonia Stellarum, uma série de sinais telepáticos e mensagens digitais fluíam numa sincronia perfeita. Os sistemas avançados da nave trabalhavam incansavelmente, processando dados, calculando trajetórias e ajustando detalhes para a fase final da missão de Elverian. O holograma da Terra, suspenso no ar, girava lentamente, destacando cada detalhe: oceanos, massas de terra, e uma camada de nuvens brancas que parecia flutuar como uma capa delicada ao redor do planeta. Os xenomusicólogos reunidos no centro de comando observavam em silêncio, respeitando a solenidade do momento. Para eles, cada separação de uma nave menor era um evento carregado de significado, pois simbolizava o início de uma jornada que poderia reacender a essência da música no seu mundo natal.

A NAVE MENOR: UM MILAGRE TECNOLÓGICO

A nave menor, designada internamente como Esfera Luminosa 7, era uma obra-prima da engenharia de Amulon. Perfeitamente esférica, com uma superfície prateada que reflectia o cosmos, a nave parecia um pequeno planeta, brilhando com uma luz própria enquanto aguardava o momento da sua libertação. No seu interior, o espaço era otimizado para um único passageiro. As paredes internas eram revestidas com um material translúcido que exibia dados, imagens e gráficos em tempo real. Tudo estava projectado para oferecer conforto e funcionalidade, permitindo que o ocupante permanecesse focado na sua missão.

O motor da Esfera Luminosa 7, alimentado pelo revolucionário combustível Nytherium, era silencioso e incrivelmente poderoso, permitindo que a nave se deslocasse sem qualquer vibração perceptível. Este sistema avançado era acompanhado por um módulo de inteligência artificial de última geração, programado para garantir uma viagem precisa e segura até à superfície terrestre.

O DESTACAMENTO E A APROXIMAÇÃO À TERRA

Com um leve tremor que mal era perceptível, a nave menor destacou-se suavemente da Harmonia Stellarum. Durante um breve momento, permaneceu imóvel, flutuando no espaço ao lado da nave-mãe, como um fragmento que hesitava antes de seguir o seu próprio caminho. Então, com um brilho quase imperceptível, começou a mover-se, afastando-se lentamente. De dentro da esfera, Elverian observava o interior do hangar a desaparecer gradualmente da sua vista. Estava calmo, mas atento. Este era o momento em que a sua missão deixava de ser um conceito abstrato para se tornar uma realidade tangível. Enquanto a nave menor deslizava pelo vazio, a luz do Sol reflectia na sua superfície, criando um espectáculo de brilhos que parecia uma estrela em movimento. Para qualquer observador casual, seria indistinguível de uma pequena rocha espacial ou de uma partícula de poeira cósmica. Do vazio do espaço, a pequena nave menor aproximava-se da Terra com uma precisão que era tanto uma demonstração de tecnologia quanto uma sinfonia em movimento.

No visor principal, Elverian via o planeta azul a crescer gradualmente, um espectáculo que capturava a sua atenção. A cada quilómetro percorrido, os detalhes tornavam-se mais nítidos: as linhas suaves das encostas, as sombras das montanhas projectadas pela luz da lua e o brilho das cidades que pontilhavam a escuridão como constelações invertidas. O sistema de navegação, controlado pela avançada inteligência artificial da nave, ajustava a trajetória em tempo real. Cada decisão era calculada com uma exatidão impecável, desde o ângulo de entrada até a velocidade necessária para minimizar o atrito. Este era um momento crítico; mesmo a mais pequena falha poderia comprometer a missão.

A ENTRADA NA ATMOSFERA E O MANTO NOCTURNO

Quando a nave menor atingiu a camada superior da atmosfera terrestre, o atrito começou a gerar calor, criando um rasto luminoso atrás de si. Por breves instantes, a nave parecia uma estrela cadente, uma luz efémera a riscar o céu. Mas ao contrário dos meteoros, este rasto era discreto, quase imperceptível, projectado para se fundir com a miríade de fenómenos naturais que ocorrem no céu nocturno. A nave manteve-se silenciosa durante toda a descida. O seu design avançado eliminava qualquer som que pudesse ser gerado pela interação com o ar. Mesmo as vibrações internas eram minimizadas, criando uma experiência de voo suave e quase surreal para Elverian. Dentro da nave, os visores holográficos exibiam dados em tempo real: velocidade, altitude, condições atmosféricas e a localização exata do ponto de pouso. Elverian manteve os olhos fixos no visor principal, observando enquanto a paisagem terrestre ganhava forma. Na superfície da Terra, a noite estava em pleno domínio.

A escuridão envolvia o planeta como um manto macio, interrompido apenas pelo brilho prateado da lua e pelas luzes dispersas das cidades. Estas luzes, vistas do alto, formavam padrões intrigantes, como redes vivas que pulsavam com a atividade humana. Elverian percebeu que estava a aproximar-se de Lisboa, uma cidade cuja história e cultura já começara a estudar. Mesmo de tão alto, podia distinguir as grandes massas de luz que indicavam os bairros mais densamente povoados,

enquanto áreas mais escuras sugeriam parques ou zonas menos urbanizadas.

A ESCOLHA DE MONSANTO, A DESCIDA SOBRE MONSANTO E A TERRA

O ponto de pouso escolhido era o Parque Florestal de Monsanto, uma área verde e tranquila situada à margem da cidade. A nave menor ajustou a sua trajetória, dirigindo-se para este local estratégico, cuidadosamente seleccionado para garantir o anonimato de Elverian. Monsanto, com os seus hectares de floresta densa, caminhos sinuosos e clareiras isoladas, era um refúgio perfeito. A sua localização, perto do centro urbano mas suficientemente afastada do bulício das ruas, oferecia o equilíbrio ideal entre acesso e discrição. À medida que a nave se aproximava do parque, os sistemas de camuflagem ativaram-se automaticamente. A esfera prateada tornou-se ainda mais difícil de detectar, fundindo-se com as sombras da floresta e com as tonalidades suaves da noite. Enquanto a nave descia suavemente, Elverian observava pelo visor os contornos das árvores a tornarem-se mais nítidos. As copas altas dos pinheiros, iluminadas pela luz difusa da lua, formavam um teto natural que parecia acolher a sua chegada.

Mais abaixo, a floresta abria-se numa clareira, um pequeno espaço cercado por carvalhos e arbustos densos. A nave tocou o solo com uma suavidade quase imperceptível. Não houve vibração, ruído ou perturbação. Era como se o parque aceitasse a presença da nave como parte integrante do seu próprio equilíbrio. Enquanto observava o ambiente ao seu redor através do visor da nave, Elverian sentiu algo profundamente transformador. Esta era a Terra, um mundo de beleza e vida, onde a música ainda florescia como um reflexo da alma humana. Sem pressa, ele respirou fundo, absorvendo cada detalhe da paisagem que o rodeava. A sua missão estava prestes a começar, e ele sabia que seria uma jornada que mudaria não apenas o destino de Amulon, mas também o seu próprio entendimento de emoção e existência.

CAPÍTULO 5

O FARFALHAR DAS FOLHAS

O PRIMEIRO CONTACTO COM A FLORESTA E A CLAREIRA DE MONSANTO: UM REFÚGIO VERDE

Dentro da nave, Elverian desativou o cinto de segurança e levantou-se, movendo-se com a calma que o caracterizava. No visor principal, a clareira estava agora em destaque. Era um espaço pequeno, mas acolhedor, onde o solo estava coberto por uma manta de folhas caídas. O ar parecia vibrar com sons subtis: o sussurro do vento, o farfalhar das folhas, e, ao longe, o canto nocturno de um pássaro. Ele ativou o sistema de análise ambiental da nave, que confirmava a segurança do local. A atmosfera era rica em oxigénio, a temperatura estava dentro de parâmetros confortáveis, e não havia sinais imediatos de atividade humana nas proximidades. A clareira onde a nave pousara era rodeada por árvores altas e robustas, cujos troncos pareciam colunas naturais sustentando um teto de folhas. No chão, arbustos e ervas rasteiras formavam um tapete denso, intercalado por pequenos pontos de luz de raios do luar que conseguiam atravessar a folhagem. O som era uma sinfonia natural.

O vento movia-se entre as árvores, criando um murmúrio constante, quase musical. Pequenos estalidos no solo indicavam a presença de pequenos animais ou insetos, enquanto, ao longe, um cão latia ocasionalmente. Para Elverian, era uma experiência completamente nova. Este era um som orgânico, imprevisível e vivo, algo que não existia em Amulon. Elverian observava a clareira onde a sua nave estava estacionada, uma bolha de tecnologia avançada inserida numa paisagem primitiva, mas surpreendentemente acolhedora. O Parque Florestal de Monsanto, com os seus 900 hectares de vegetação, era um

contraste absoluto com o mundo que deixara para trás em Amulon. Ali, o silêncio era preenchido por uma sinfonia natural: o sussurro do vento entre os pinheiros, o cantar ocasional de pássaros nocturnos e o ruído leve das folhas no chão. A nave menor, perfeitamente esférica, parecia flutuar acima do solo, iluminada pela luz prateada da lua que atravessava a copa das árvores.

Ao redor, os carvalhos e eucaliptos projetavam sombras dançantes, criando um ambiente que os olhos negros de Elverian absorviam com atenção quase reverente. Este era um lugar vivo, um refúgio que transbordava uma energia que ele quase esquecera que existia. Para garantir a segurança da nave, Elverian ativou o escudo de invisibilidade, uma tecnologia que a tornava indetectável para olhos humanos ou dispositivos de vigilância. À medida que o escudo se formava, a esfera parecia dissolver-se no ambiente, deixando apenas a clareira, como se nada ali tivesse pousado.

PRIMEIRO DIA: ABSORVENDO LISBOA

Elverian começou o processo de preparação para a sua imersão na cultura terrestre, especificamente na de Lisboa. Durante horas, introduziu comprimidos translúcidos na boca. Estas cápsulas, repletas de informações, dissolviam-se rapidamente, ativando impulsos neurológicos que carregavam o seu cérebro com conhecimentos detalhados. As primeiras cápsulas forneceram-lhe uma visão geral dos costumes dos lisboetas: a forma como se vestiam, os gestos típicos nas conversas, as expressões culturais que valorizavam. Soube que os lisboetas eram observadores, mas descontraídos, e que a sua maneira de falar reflectia um equilíbrio entre formalidade e uma alegria melancólica, que eles chamavam de «saudade». Outras cápsulas introduziram mapas detalhados da cidade e arredores. Aprendeu sobre bairros como o Chiado, a Baixa e Alfama, e as suas características. O Bairro Alto destacou-se como um lugar de intensa atividade cultural, com ruas estreitas e casas coloridas que ganhavam vida à noite.

Elverian consumiu horas de programação televisiva, rádio e filmes portugueses em segundos. Assistiu a telejornais, programas de debate político e filmes como Capitães de Abril, que lhe deram um vislumbre

da história recente do país. Ouviu músicas de Amália Rodrigues, Zeca Afonso e Carlos Paredes, captando nuances emocionais que o fascinaram. Ao final do dia, a sua mente estava repleta de informações, mas ele sabia que precisaria de mais para se infiltrar com sucesso na sociedade lisboeta.

SEGUNDO DIA: CRIANDO “VICTOR PAIXÃO CASTRO"

No segundo dia, Elverian dedicou-se à criação de uma identidade terrena. Inspirado pelos nomes que ouvira durante as suas análises culturais, escolheu chamar-se Victor Paixão Castro. Este nome parecia simples, mas sólido, e era consistente com os padrões portugueses. Ele inseriu as suas informações no sistema de identificação português. Nome: Victor Paixão Castro. Filiação paterna: Rufino Paixão Castro. Filiação materna: Eugénia Dias Castro. Idade: 63 anos. Naturalidade: Mesão Frio, uma pequena vila do Norte de Portugal, no distrito de Vila Real. Estado Civil: Solteiro. Profissão: Músico e musicólogo Elverian programou o seu computador de bordo para criar um histórico consistente. Mesão Frio era uma vila pitoresca situada nas margens do rio Douro. Com casas de pedra, ruas estreitas e um antigo pelourinho, o local exalava uma beleza tranquila. Segundo o seu falso registo, Victor passara a infância nesta vila, absorvendo o sotaque nortenho característico. Depois, em 1983, mudara-se para Lisboa, instalando-se num apartamento modesto na Rua da Imprensa Nacional, 83 – 2.º Direito, onde vivera até 2024. O seu falso histórico indicava que trabalhara como professor de música, mas mantinha uma vida discreta.

TERCEIRO DIA: PREPARANDO OS RECURSOS

No terceiro dia, Elverian voltou-se para a logística financeira. Com a ajuda do seu computador de bordo, inseriu- se no sistema bancário português, criando uma conta no Banco de Portugal com fundos ilimitados. A conta foi associada a um cartão de crédito de um banco privado, garantindo-lhe acesso a tudo o que precisasse para cumprir a sua missão. Depois, pesquisou alojamentos em Lisboa. Escolheu um apartamento na Rua Pedro Dias, na encosta do Bairro Alto. A rua era estreita e tranquila, com casas antigas e poucos carros. A parte da frente oferecia uma vista para o Convento de Jesus e a Assembleia da República, enquanto a parte de trás abrigava quintais com galinhas e pavões, um traço pitoresco que ele achou fascinante.

Para se integrar completamente, Elverian decidiu abastecer-se de tudo o que necessitaria: escolheu dois iMacs, que compraria na GMS Store; planeou mobilar o apartamento com itens vintage comprados em segunda mão no Cantinho do Vintage, mantendo uma estética funcional e minimalista; descobriu a loja MUSIFEX, onde planeava adquirir sintetizadores, mesa de mistura, placas de som, guitarras e outros equipamentos; optou pela HOMECORE, uma loja na Rua de São Bento especializada em moda masculina; resolveu comprar comida em mercearias locais de comérico sutentável próximas ao Bairro Alto. Na sala de cópias tridimensionais da nave, Elverian produziu a roupa que usaria na sua primeira incursão na cidade. Escolheu um visual casual e descontraído, adequado ao verão lisboeta: umas calças de ganga, com um corte clássico, uma T- shirt azul cobalto, simples mas elegante, uns ténis Timberland coloridos, práticos para caminhar e um casaco de malha com fecho, ideal para noites mais frescas.

A CONFIGURAÇÃO DA NAVE E A PARTIDA

Antes de sair, Elverian ativou o escudo de camuflagem da nave, que tornaria impossível detectá-la tanto visualmente quanto por radar. A esfera prateada começou a desaparecer lentamente, como se estivesse a dissolver-se no ar, até restar apenas a clareira vazia. Ele sabia que este seria o início de uma jornada que mudaria tanto a sua percepção quanto, possivelmente, o destino do seu povo. Enquanto olhava para o visor pela última vez, Elverian sentiu uma curiosidade crescente, misturada com uma emoção que ele mal conseguia identificar. Com um último ajuste no painel de controlo, preparou-se para sair e dar os primeiros passos neste mundo novo e misterioso. Monsanto seria o seu ponto de partida, o local onde a sua missão na Terra realmente começaria. Às 21:35 da terceira noite, Elverian saiu da nave num feixe de luz discreto. Assim que seus pés tocaram o solo da clareira em Monsanto, a nave levantou voo silenciosamente, desaparecendo no céu nocturno.

Ali, debaixo do céu estrelado, com a lua como testemunha, começava a sua aventura na Terra.

CAPÍTULO 6

O PRIMEIRO CONTACTO COM A TERRA

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA SENSORIAL

Elverian parou e inalou profundamente. O ar estava impregnado com o cheiro da floresta: terra húmida, folhas secas e a leve pungência de resina de pinheiro. Era um aroma complexo e dinâmico, um contraste absoluto ao ar estéril e controlado de Amulon. Enquanto caminhava lentamente pela clareira, os seus ouvidos captaram uma sinfonia de sons que ele nunca ouvira antes. O vento movia-se entre as árvores, produzindo um sussurro constante. Ao longe, o cantar nocturno de um pássaro ecoava suavemente, enquanto pequenos estalidos no solo sugeriam a marcha de animais pequenos. Para Elverian, aquilo era mais do que uma experiência sensorial; era uma introdução a um mundo onde cada detalhe parecia pulsar com vida. Parou junto a um carvalho particularmente grande, cujas raízes grossas emergiam do solo como veias de uma criatura antiga. Ao tocar a casca áspera da árvore, sentiu uma textura que parecia contar uma história de anos incontáveis.

Enquanto Elverian permanecia parado no centro da clareira em Monsanto, o som suave do vento a passar entre as árvores parecia ecoar nos cantos mais profundos da sua mente. Os carvalhos e pinheiros altos formavam uma catedral natural à sua volta, com troncos que pareciam pilares e folhas que dançavam como vitrais iluminados pela luz pálida da lua. Era como se a própria floresta estivesse consciente da sua presença, acolhendo-o, mas também impondo-lhe uma sensação de reverência e humildade. Para um

habitante de Amulon, acostumado ao rigor geométrico e à perfeição calculada de um mundo artificial, a beleza de Monsanto era desconcertante. Não havia simetria absoluta, nem linhas retas ou padrões previsíveis. Tudo parecia crescer de forma livre, movido por forças que Elverian não compreendia inteiramente. A imperfeição era evidente, mas, paradoxalmente, era essa mesma imperfeição que dava vida ao lugar.

UMA SINFONIA NATURAL

A clareira, iluminada pela luz da lua, parecia um microcosmo do planeta Terra. Cada folha, cada ramo e cada sombra contribuíam para um equilíbrio perfeito, mas orgânico. Para Elverian, esta era uma prova tangível daquilo que Amulon tinha perdido: a imprevisibilidade da Natureza, a beleza que emergia sem esforço de um caos ordenado. Enquanto olhava em redor, sentiu uma emoção que raramente experimentara. Havia algo de profundamente musical naquele lugar, não no sentido tradicional, mas numa harmonia invisível que ligava cada elemento. O vento, as árvores, o solo e o próprio ar pareciam estar em perfeita sincronia, criando uma melodia que só podia ser percebida por aqueles que soubessem escutá-la. Ao contemplar o ambiente ao seu redor, Elverian sentiu uma emoção incomum começar a emergir dentro de si. Era uma mistura de admiração e inquietação, como se o peso da missão que carregava finalmente estivesse a assentar sobre os seus ombros. A sua tarefa parecia simultaneamente grandiosa e impossível.

Em Amulon, a perfeição era o objectivo supremo. A música, assim como todos os outros aspectos da vida, fora moldada por algoritmos e regras que eliminavam qualquer traço de espontaneidade. Mas aqui, na Terra, parecia que a beleza residia precisamente na ausência dessas regras. Cada som da floresta – o canto distante de um pássaro, o estalido de um ramo a partir-se – era uma expressão única, irrepetível e profundamente conectada à vida que o rodeava. Elverian fechou os olhos por um momento, tentando absorver não apenas os sons, mas o significado por trás deles. Seria possível que a música que ele procurava não estivesse nos instrumentos ou nas composições dos

humanos, mas no próprio tecido do planeta?

O JOGO DE LUZ E SOMBRA E A PROFUNDIDADE DO SILÊNCIO

Enquanto caminhava pela floresta, os seus olhos registavam cada detalhe com precisão. A luz da lua atravessava as copas das árvores, projetando sombras complexas no chão. Estas sombras moviam-se lentamente ao ritmo do vento, criando padrões que pareciam dançar numa coreografia etérea. Cada textura tinha a sua própria identidade. As cascas rugosas dos carvalhos, as agulhas finas dos pinheiros e as folhas caídas no chão formavam um mosaico visual que parecia pulsar com vida. Para Elverian, cada detalhe era uma descoberta, uma peça de um quebra-cabeças que ele começava a montar. A clareira onde Elverian se encontrava parecia uma metáfora perfeita para a sua missão. Era um espaço de tranquilidade e introspeção, cercado pela densidade e complexidade da floresta. Assim como a clareira oferecia uma pausa no caos natural que a rodeava, a Terra parecia oferecer um momento de pausa e reflexão no meio da vastidão do cosmos. Mas a clareira, apesar da sua beleza, não era o objectivo final. Era apenas um ponto de partida, um lugar onde ele podia parar, observar e preparar-se antes de mergulhar na verdadeira profundidade da floresta – e, por extensão, na verdadeira profundidade da música terrestre.

Apesar dos sons naturais que preenchiam o ambiente, havia algo de profundamente silencioso naquele lugar. Não era o tipo de silêncio estéril que ele conhecia em Amulon, antes um silêncio cheio de significado, como uma pausa numa sinfonia que antecede a próxima nota. Enquanto caminhava, Elverian sentiu uma ligação crescente com o ambiente. Era como se a clareira o estivesse a acolher, a aceitá-lo como parte daquele mundo, mesmo que ele fosse um estranho vindo de um lugar distante. Elverian deu alguns passos lentos, permitindo que os seus olhos negros absorvessem cada detalhe. As sombras projectadas pelas árvores moviam-se ao ritmo do vento, criando padrões que pareciam dançar ao som de uma música invisível. Ele começou a perceber que a música da Terra, ao contrário da de Amulon, não era algo separado do ambiente ou da vida. Aqui, a música

estava em tudo. Estava no movimento das árvores, no som da água a correr num riacho distante, e até mesmo no silêncio entre os sons. Era uma música que não podia ser escrita ou medida, mas que podia ser sentida e vivida.

UMA HARMONIA INESPERADA E O PESO DA MISSÃO

Ao longo da sua vida, Elverian estudara música de uma perspetiva técnica, analisando cada nota, ritmo e harmonia com a precisão de um cientista. Mas aqui, na Terra, ele estava a descobrir um tipo de música que não podia ser medida ou analisada. A sinfonia da clareira – o vento, as folhas, os pássaros, o solo – era uma expressão pura de algo que ele não conseguia nomear. Não era uma composição no sentido tradicional, mas era, sem dúvida, música. E, pela primeira vez, ele começou a questionar se a essência da música que ele procurava em nome de Amulon poderia estar ligada a esta ligação inexplicável com o mundo natural. Elverian parou e olhou para o céu. As estrelas brilhavam intensamente, pontuando o vazio com luzes que pareciam pulsar em resposta ao que ele sentia. A lua, grande e luminosa, parecia observá-lo, como uma testemunha silenciosa do seu primeiro contacto com a Terra. Nesse momento, ele percebeu algo fundamental: a música não era apenas som. Era uma expressão de vida, de emoção e de ligação.

E a Terra, com a sua sinfonia natural, estava a oferecer-lhe a primeira lição de algo que ele esperava redescobrir para o seu povo. Com este pensamento, Elverian deu mais um passo para sair da floresta. Cada movimento parecia carregado de propósito, cada som que ele ouvia parecia uma nota de uma melodia que ele começava a compreender. A missão dele na Terra estava apenas a começar, mas já era claro que a música que ele procurava estava em tudo – não apenas nos instrumentos e nas vozes, mas no próprio coração do planeta. E, enquanto caminhava em direcção à escuridão das árvores, a clareira atrás dele permanecia em silêncio, um eco vivo da harmonia que ele acabara de descobrir. Enquanto absorvia a vastidão verde e viva que o rodeava, Elverian sentiu uma emoção incomum crescer dentro de si. Em Amulon, a perfeição era o objectivo supremo, mas aqui, na Terra,

parecia que a beleza residia precisamente na imperfeição e na espontaneidade. Ele sabia que estava apenas no começo da sua jornada.

Este planeta, com as suas culturas diversas e tradições musicais, poderia ser a chave para resgatar a alma perdida de Amulon. Mas, ao mesmo tempo, Elverian sentiu o peso da responsabilidade. Seria ele capaz de compreender a música terrena na sua totalidade? Conseguiria encontrar algo que pudesse reacender a paixão e a criatividade no seu povo? A clareira em Monsanto, com a sua quietude quebrada apenas pelo som natural da floresta, parecia uma metáfora para a missão de Elverian. Estava cercado por beleza, mas ainda tinha de encontrar o seu significado mais profundo.

UMA QUESTÃO QUE ECOA

Enquanto Elverian se preparava para explorar mais profundamente o seu novo ambiente, uma pergunta formou-se na sua mente, clara e precisa, mas carregada de incertezas: «Será este o som que precisamos para reacender Amulon?», pensou ele, enquanto permanecia imóvel, absorvendo tudo ao seu redor. Com este pensamento em mente, Elverian começou a preparar-se mentalmente para o próximo passo. Ele sabia que, para cumprir a sua missão, teria de se tornar parte deste mundo, aprender as suas linguagens, os seus costumes e as suas formas de expressão. Mais do que isso, teria de se abrir emocionalmente, algo que não fazia em Amulon. O silêncio era quebrado apenas pelos sons subtis da floresta. Para Elverian, esses sons eram um lembrete constante daquilo que ele tinha a aprender. Cada folha que caía, cada animal que se movia na distância, era uma nota numa sinfonia que ele estava apenas a começar a compreender. Com um último olhar para a lua e as estrelas acima, ele deu um passo em direcção à cidade, deixando para trás a clareira que o acolhera.

A missão estava apenas a começar, e Elverian sabia que, independentemente do que encontrasse, a sua jornada na Terra mudaria não apenas o destino de Amulon, mas também a sua própria compreensão do que significava ser vivo.

CAPÍTULO 7

UMA NOITE EM LISBOA

O CAMINHO PARA A ESTRADA E O IPHONE ALTERADO

Elverian caminhava lentamente pela floresta densa de Monsanto, onde cada passo parecia ser uma nova descoberta. O chão irregular, coberto de raízes expostas e folhas secas, fazia os seus pés ajustarem-se ao ritmo do terreno, algo que em Amulon nunca experimentara. O som dos seus passos era abafado, quase irrelevante diante da sinfonia natural que o rodeava. A cada instante, novos sons o surpreendiam: o vento que se intensificava, o ocasional piar de um pássaro nocturno que ele ainda não conseguia identificar. Quando finalmente alcançou uma estrada, parou por um momento para observar o espaço aberto à sua frente. A estrada parecia um rio cinzento e artificial, delineado por árvores que ainda mantinham a sua presença majestosa nos dois lados. A luz difusa dos candeeiros projetava sombras longas e intermitentes, criando um ambiente surreal. Elverian retirou do bolso um iPhone 16, um dispositivo humano modificado por ele ainda na nave. A interface holográfica surgiu no ar quando ele o desbloqueou com um toque.

Este aparelho, embora idêntico aos vendidos nas lojas, continha capacidades incompreensíveis para qualquer humano. Os seus sensores captavam variações eletromagnéticas, o software podia decifrar padrões complexos, e a conectividade era praticamente ilimitada. Ele acedeu à aplicação da Uber e, com alguns toques precisos, solicitou um transporte. No visor, apareceu a indicação de que um condutor chamado Rafael, num Dacia Duster Branco, chegaria em seis minutos. Enquanto esperava, retirou do bolso um pequeno maço de tabaco Pueblo, juntamente com mortalhas Smoking e filtros Raw.

Aprendera sobre este hábito através das análises culturais feitas na nave. Enrolar um cigarro e fumar era um gesto que ele acreditava ajudá-lo a misturar-se entre os humanos, imitando um comportamento comum.

O PRIMEIRO CIGARRO

As suas mãos moviam-se com precisão quase mecânica enquanto enrolava o cigarro, seguindo as instruções programadas no seu cérebro. Quando terminou, retirou um isqueiro Zippo do bolso, abriu-o com um clique que parecia ressoar na quietude da noite, e acendeu o cigarro. Ao dar a primeira passa, o fumo invadiu-lhe a garganta de forma agressiva, provocando uma tosse intensa que ecoou pela estrada. Respirou fundo, ajustou o software de inalação no seu sistema interno, e deu uma segunda passa. Desta vez, o fumo fluiu suavemente, sem resistência. Apesar da estranheza inicial, o gesto de segurar o cigarro entre os dedos e inalar o fumo trouxe-lhe uma sensação de calma que ele não esperava. Quando o som de um motor ao longe anunciou a chegada do Uber, Elverian atirou o cigarro ao chão e esmagou-o com a sola do ténis. O Dacia Duster Branco parou ao seu lado, e o condutor baixou o vidro para perguntar: — É o senhor Victor? A voz de Rafael era amigável, mas formal. Elverian, ouvindo pela primeira vez a voz que programara como a sua própria, respondeu: — Sim, sou eu. O tom da sua voz era grave, mas suave, com uma dicção perfeita e um leve sotaque do norte de Portugal, como aprendera a imitar.

— Então vamos para o Amoreiras Centro comercial, certo? — confirmou o condutor. — Exactamente. Enquanto o carro arrancava, Rafael lançou uma pergunta casual: — Desculpe-me perguntar, mas o que fazia aqui o senhor a esta hora da noite? Elverian respondeu sem hesitar, como fora instruído pelo programa embutido no seu cérebro: — Eu sou ornitólogo e vim estudar e gravar os sons dos pássaros. Rafael assentiu, com um sorriso nostálgico. — Ah, compreendo. Esta é mesmo uma zona boa para isso. Quando eu era mais novo, adorava ouvir os pássaros no quintal dos meus pais. Agora, com o trabalho, não tenho tempo para essas coisas, infelizmente. Elverian manteve-se em

silêncio, permitindo que a conversa se dissipasse. Percebendo a falta de resposta, Rafael respeitou o silêncio e concentrou-se na condução. Quando o Uber estacionou à entrada do Amoreiras Centro comercial, Rafael virou-se para Elverian e disse: — Aqui estamos, senhor Victor. Boa noite! — Obrigado — respondeu Elverian, saindo do carro com os seus movimentos deliberados. O centro comercial era uma construção imponente, com uma fachada de vidro que reflectia a luz dos candeeiros e das estrelas. Assim que entrou, foi imediatamente envolvido por um ambiente vibrante e novo.

UMA ENTRADA PARA O NOVO MUNDO

Assim que passou pelas portas automáticas do Amoreiras Centro comercial, Elverian foi imediatamente envolvido por um ambiente vibrante que despertou todos os seus sentidos. O ar parecia diferente, uma mistura de perfumes artificiais, o cheiro suave de comida e uma leve frescura causada pelo ar condicionado. Os corredores largos estendiam-se à sua frente, forrados com pisos de mármore polido que reflectiam a luz suave dos candeeiros modernos. Cada loja era um pequeno mundo encapsulado por vitrinas iluminadas, exibindo roupas, objetos ou alimentos cuidadosamente organizados. Tudo era meticulosamente desenhado para atrair os olhos e convidar os clientes a entrar. Pessoas de todas as idades passavam por ele: adolescentes a rir e a tirar fotografias com os seus telemóveis; casais que passeavam de mãos dadas; famílias com crianças pequenas, cujos passos apressados ecoavam pelo centro comercial.

O som das vozes humanas misturava-se com o tilintar de moedas, o abrir e fechar de portas automáticas, e a música ambiente subtil que preenchia o espaço sem se impor. Elverian parou por um momento para ouvir a música. Reconheceu as melodias do compositor Esquivel, um ícone do chamado «space-age pop». Era uma escolha inesperada, mas impressionante, e ficou fascinado com a capacidade dos humanos de criar atmosferas tão cuidadosamente calculadas, mas ainda assim orgânicas. Caminhava devagar, permitindo que os seus olhos negros absorvessem cada detalhe. Era como se estivesse a atravessar um museu vivo, onde cada gesto humano, cada interação casual, era uma

peça de arte. Observou como as pessoas gesticulavam ao falar, como riam espontaneamente, como se inclinavam umas para as outras para partilhar confidências. O burburinho constante das conversas e dos passos ecoava nos corredores como uma melodia desordenada, mas vibrante. Para Elverian, o Amoreiras era a representação perfeita da vida humana: caótica, mas extraordinariamente viva.

Cada som, cada movimento, cada expressão facial parecia pulsar com uma energia que ele nunca experimentara em Amulon.

AS COMPRAS NA LOJA DAS MEIAS, TOALHAS E CONFORTO NA ÁREA, COMIDA ORGÂNICA NO CELEIRO E TECNOLOGIA NA FNAC

Seguindo as instruções da Siri, Elverian dirigiu-se à Loja das Meias, onde foi recebido por uma atmosfera acolhedora e organizada. As prateleiras estavam repletas de roupas cuidadosamente dobradas, com etiquetas que destacavam materiais ecológicos e designs minimalistas. Escolheu seis boxers brancos, seis pares de meias e seis T- shirts brancas, todas feitas de algodão orgânico. Tocou nos tecidos, apreciando a suavidade e a leveza, algo que contrastava com as roupas rígidas e funcionais de Amulon. Adicionou um pijama cinzento à sua seleção, sentindo-se surpreendentemente satisfeito com a escolha. Na loja O Gato Preto, Elverian procurou itens que lhe garantissem conforto no apartamento vazio. Seguindo as indicações de um funcionário simpático, encontrou toalhas macias, uma almofada de fibras naturais e um saco-cama leve mas acolhedor. O funcionário perguntou se precisava de mais alguma coisa, mas Elverian apenas sorriu educadamente, sentindo que ainda não estava pronto para interações mais prolongadas.

A próxima paragem foi no Celeiro, onde se deparou com um ambiente tranquilo, quase meditativo. As prateleiras estavam cheias de produtos com rótulos que destacavam palavras como «orgânico», «sustentável» e «natural». Ele escolheu cuidadosamente pão de espelta, leite vegetal, iogurtes de soja, sumo de cenoura e frutas frescas: duas laranjas, uma maçã e uma banana da Madeira. Ao segurar os produtos nas mãos, sentiu um vínculo peculiar com o

processo que os humanos pareciam valorizar: a escolha de alimentos que reflectiam um respeito pela Natureza que designava com maiúsculas pela importância que a sua ausência em Amulon lhe imputava. Por fim, Elverian entrou num espaço que combinava tecnologia, literatura e cultura num único ambiente. Escolheu um carregador para o seu iPhone, uma máquina de barbear, um pequeno candeeiro portátil e uma extensão eléctrica tripla. Ao passar pela secção de livros, um título chamou a sua atenção: Cosmos, de Carl Sagan.

Folheou as páginas, absorvendo rapidamente trechos que falavam sobre o universo, a vida e a curiosidade humana. Decidiu levá-lo, sentindo que o livro poderia oferecer-lhe uma nova perspetiva sobre o planeta que agora explorava. Carregado de sacos, Elverian sentiu pela primeira vez o peso físico das compras. Era um esforço estranho, mas que lhe trouxe uma sensação de satisfação. Aquela experiência, embora simples para os humanos, parecia-lhe um ritual profundamente significativo, uma ligação tangível com a cultura que ele começava a descobrir.

A PRIMEIRA NOITE NO APARTAMENTO

Chamou um novo Uber e, poucos minutos depois, estava na Rua Pedro Dias. A Dona Alzira, uma mulher idosa de cabelos brancos e voz rouca, esperava-o com um sorriso simpático. — É o senhor Victor? — perguntou ela, entregando-lhe um molho de chaves. — Sim, sou eu.

Ela explicou-lhe que o apartamento estava vazio, mas funcional, com luz, água, um fogão, um frigorífico, aquecedor central, uma ventoinha no tecto da sala, uma máquina de lavar loiça, outra de lavar roupa, uma torradeira e um micro-ondas. — Qualquer coisa que precise, é só ligar-me — disse ela, antes de se despedir e voltar para o seu apartamento ao lado. Elverian subiu ao segundo andar, abriu a porta e entrou. O apartamento estava vazio, mas fresco, com um ambiente acolhedor. Abriu a janela da varanda e foi recebido pelo som da cidade: o murmúrio dos carros ao longe, o som abafado de uma televisão próxima e o canto de uma ave que ele não conseguiu identificar. Depois de organizar as suas compras, preparou um lanche

simples. Encontrou uma faca na gaveta da cozinha e cortou uma fatia de pão, que acompanhou com manteiga vegetal e um copo de leite de aveia. Sentou-se no chão da sala, sentindo uma estranha sensação de conforto na simplicidade daquele momento. Ligou o pequeno candeeiro portátil e começou a ler Cosmos.

As palavras de Sagan sobre a vastidão do universo ressoavam dentro dele, enquanto o cansaço começava a pesar. Deitou-se no saco-cama, ouvindo os sons suaves de Lisboa a entrarem pela janela. Antes de adormecer, pensou na missão que o aguardava. Este planeta, com a sua complexidade e beleza, já estava a ensiná- lo algo fundamental: a música não era apenas som, mas a expressão de uma vida rica e cheia de nuances. Adormeceu com o livro nas mãos, pronto para enfrentar o novo dia que o esperava.

CAPÍTULO 8

SONS, SABORES E DESCOBERTAS

UM ACORDAR SURPREENDENTE, NOVAS SENSAÇÕES E O PRIMEIRO CONTACTO COM A NAVE HARMONIA STELLARUM

«Cócóróco-có... Cócóróco-có...» Elverian abriu os olhos abruptamente. Por alguns segundos, não sabia onde estava. A luz suave que entrava pelas frestas da janela indicava o início do dia. Sentado no saco-cama, o livro Cosmos de Carl Sagan ainda repousava aberto sobre o seu peito. O som ecoava novamente: «Cócóróco-có...» — Que som estranho é este? — murmurou, com a voz ainda rouca do sono. Pegou no iPhone que havia deixado a carregar durante a noite. Através da aplicação de busca de sons, apontou o dispositivo na direcção de onde parecia vir o som exótico. Em segundos, o ecrã iluminou-se com informações detalhadas: «O canto do galo ' –Cócóróco-c– 'ó tem diversas funções e significados...» Leu atentamente a explicação sobre o comportamento do animal. Ficou fascinado pela ideia de um som que marcava território e que servia para atrair parceiros. «Que bela melodia matinal», pensou. Para alguém como Elverian, acostumado à ausência de sons naturais em Amulon, aquele despertar tinha um toque quase poético.

Levantou-se e dirigiu-se à casa de banho. Quando começou a urinar, sentiu algo inesperado. Não estava habituado a esta forma de excreção, pois em Amulon os fluidos corporais evaporavam-se através dos poros. Sentiu-se estranhamente satisfeito. Ao olhar-se no espelho, notou pelos a surgir no rosto. «Ah, é a tal barba», lembrou-se, divertindo-se com o reflexo. Gostou da aparência ligeiramente

desleixada que aquilo lhe conferia. No entanto, ao sentir algo entre os dentes, percebeu que não tinha adquirido uma escova de dentes nem outros itens de higiene oral. «Isto será prioridade na próxima saída,» pensou. Depois, dirigiu-se à cozinha. Pegou no sumo de cenoura, encheu um copo e deu o primeiro gole. O sabor doce e ligeiramente terroso explodiu nas suas papilas gustativas, provocando-lhe uma sensação inédita de prazer. Preparou uma fatia de pão de espelta com manteiga vegetal, e acompanhou tudo com um iogurte de soja. Saboreou cada pedaço com um prazer que nunca experimentara em Amulon.

Depois do pequeno-almoço, voltou ao quarto, pegou no iPhone e realizou o seu primeiro contacto com os elementos da nave Harmonia Stellarum. Digitou um código no dispositivo e esperou. Após alguns segundos, surgiu no ecrã o rosto de Xakeli, uma das suas colegas xenomusicólogas. — Como vai tudo por aí, Elverian? — perguntou-lhe ela telepaticamente, com um sorriso. — Tudo a correr sobre rodas, como dizem aqui — respondeu Elverian, usando uma expressão que aprendera recentemente. — E convosco? Xakeli riu-se e respondeu num tom brincalhão: — Cá vamos andando por este espaço imenso. Já largamos o Roveli no planeta Zirkon, a 100 milhões de anos-luz daí. Após trocarem impressões sobre a missão, Elverian prometeu enviar gravações dos sons que estava a captar na Terra.

Despediram-se, e ele preparou-se para explorar Lisboa mais profundamente.

PRIMEIRA VISÃO DO TEJO, DESCOBERTAS NO CHIADO, A SINFONIA DA CIDADE, A CAMINHO DO ADAMASTOR E A PRIMEIRA VISÃO DO TEJO

Assim que Elverian saiu do apartamento, foi imediatamente envolvido pelos sons de Lisboa a despertar. A voz rouca da Dona Alzira, acompanhada de uma melodia improvisada, ecoava suavemente pelo corredor. Era um som despretensioso, mas cheio de vida, como se cada nota carregasse a alma de alguém habituado à simplicidade da rotina. Na rua, o cenário sonoro intensificou-se. Um cão latia ao longe, o som cortado por pausas ritmadas, como se participasse de uma conversa invisível. Uma sirene distante ressoava como um eco metálico, misturando-se com o burburinho inicial do tráfego. Carros deslizavam pelas ruas, os seus motores emitindo um zumbido que parecia anunciar o início de mais um dia. Para Elverian, tudo aquilo era uma sinfonia desordenada, mas ao mesmo tempo incrivelmente harmoniosa. Cada som parecia ocupar o seu lugar no tecido vivo da cidade. «Isto é música,»

pensou. «Não como a entendemos em Amulon, mas uma expressão espontânea, orgânica.» Os seus passos ecoavam suavemente nas calçadas de pedra, acrescentando uma batida discreta à orquestra que o rodeava. Cada esquina revelava um detalhe único: o som metálico das persianas a serem levantadas, como portais a abrir-se para o dia; o arrastar pesado dos caixotes de lixo, acompanhados pelos murmúrios de trabalhadores que trocavam breves palavras.

As primeiras vozes humanas misturavam-se aos sons mecânicos da cidade. Algumas eram apressadas, carregadas pela urgência das manhãs, enquanto outras, tranquilas, pareciam estar num compasso diferente, menos afectado pela pressa. Para Elverian, cada voz, cada som, era uma nota que compunha a melodia intrincada daquele momento. Enquanto caminhava em direcção ao miradouro do Adamastor, Elverian sentia-se como um explorador em terra desconhecida. As ruas estreitas, ladeadas por edifícios antigos, eram um convite à introspeção. Os azulejos que revestiam as fachadas brilhavam sob a luz suave da manhã, os seus padrões geométricos e florais contando histórias de um passado distante. As varandas eram

pequenas galerias de vida. Algumas decoradas com plantas que pareciam lutar por espaço, outras exibindo roupas penduradas em estendais, balançando ao sabor do vento. Cada detalhe era uma peça de um puzzle que Elverian começava a montar sobre o que significava viver na Terra.

Os sons da cidade diminuíram gradualmente à medida que se aproximava do Adamastor. A agitação deu lugar a um silêncio quase reverente, pontuado apenas pelo sussurro do vento e pelo canto ocasional de um pássaro. Ao chegar ao miradouro, a paisagem abriu-se diante dele como uma obra de arte viva. O rio Tejo, vasto e sereno, estendia- se até onde a vista alcançava, as suas águas ondulando suavemente sob a luz dourada do amanhecer. O sol, ainda baixo no horizonte, tingia o rio com tons de âmbar e dourado, criando um espectáculo de luz e cor que parecia quase sobrenatural. Elverian sentou-se numa das mesas da esplanada e fixou o olhar no rio. Cada movimento das águas parecia ritmado, como se dançassem ao som de uma melodia invisível. Pequenos barcos cruzavam o rio, as suas silhuetas recortadas contra o brilho da água, como notas numa pauta musical. O som ao redor era subtil, mas envolvente. O vento soprava entre as árvores, produzindo um sussurro constante que parecia comunicar algo indecifrável.

O arrastar das cadeiras na esplanada misturava-se com o tilintar de chávenas e o murmúrio suave das primeiras conversas matinais. Para Elverian, aquele momento era mais do que uma visão ou um som; era uma experiência sensorial completa, uma ligação directa com o planeta. Ele inspirou profundamente, sentindo o aroma fresco e ligeiramente salgado que vinha do rio, misturado com o perfume suave das plantas próximas. Enquanto contemplava o Tejo, Elverian reflectia sobre a simplicidade e a complexidade daquilo que o rodeava. Em Amulon, a perfeição era medida em eficiência, em controle absoluto sobre todos os elementos. Aqui, na Terra, a beleza parecia estar na imperfeição, na espontaneidade de cada detalhe. «Será que é esta essência que falta ao meu povo?», perguntou-

se. «Esta ligação orgânica, esta música que emerge sem esforço, como uma extensão natural da vida?» Cada instante naquele

miradouro parecia uma lição, cada som e cada imagem uma nova peça do puzzle que ele começava a compreender. Quando o sol subiu mais um pouco, iluminando ainda mais o rio e as colinas ao longe, Elverian levantou-se da mesa com uma nova energia. O Adamastor tinha-lhe oferecido mais do que uma vista; tinha-lhe dado uma perspetiva, uma forma diferente de ver e ouvir o mundo. O caminho de volta às ruas movimentadas de Lisboa parecia agora diferente. Cada som, cada rosto, cada gesto humano carregava uma nova profundidade, como se tivesse afinado os seus sentidos para algo maior. A missão na Terra estava apenas a começar, mas Elverian sabia que momentos como aquele seriam fundamentais para descobrir o que procurava. Enquanto caminhava pelas ruas, o som dos seus passos misturava-se novamente com a melodia vibrante da cidade. Cada nota, cada voz, era agora parte de uma música que ele estava apenas a começar a entender.

O ENCANTO DO TEJO, DESCOBERTAS NO CHIADO E UMA NOVA SENSIBILIDADE

Elverian não conseguia desviar o olhar do espectáculo à sua frente. As águas do Tejo ondulavam suavemente, reflectindo o céu matinal numa dança constante. Pequenos barcos moviam-se ao longe, as suas silhuetas recortadas contra o brilho do rio, parecendo notas numa pauta musical invisível. Cada movimento das águas e dos barcos parecia estar em perfeita sintonia com o som do vento que sussurrava entre as árvores do miradouro. — Que coisa bela! — pensou Elverian, enquanto o seu coração pulsava com uma emoção que ele não conseguia nomear. O som ao seu redor era igualmente fascinante. O arrastar de cadeiras na esplanada misturava-se com o tilintar de chávenas e o som das primeiras conversas casuais. O sussurro das folhas das árvores parecia acompanhar a melodia da cidade que acordava. Para Elverian, este momento era uma experiência sublime, um lembrete de que a música não estava confinada a instrumentos, mas estava presente em todos os aspectos da vida.

Deixando o Adamastor para trás, Elverian dirigiu-se ao Chiado, um dos bairros mais emblemáticos de Lisboa. Ao passar pelo café A Brasileira, a estátua de Fernando Pessoa, com a sua figura calma e

contemplativa, chamou-lhe a atenção. Sentou-se na cadeira ao lado e, inspirado pelo momento, tirou uma selfie. O contraste entre ele – um alienígena disfarçado de humano – e a estátua do poeta parecia carregar um simbolismo irónico que ele ainda não compreendia completamente. Mais adiante, a entrada da Livraria Bertrand, com a sua arquitectura clássica e acolhedora, atraiu-o imediatamente. Ao entrar, foi envolvido por um aroma que nunca experimentara antes: o cheiro inconfundível de livros novos e antigos. Era um aroma denso, que carregava promessas de histórias, conhecimento e reflexão. Elverian percorreu lentamente os corredores, os seus olhos negros movendo-se de prateleira em prateleira. Havia livros de todos os tamanhos, cores e temas.

Algumas pessoas estavam sentadas em cadeiras ou num pequeno sofá, mergulhadas nas páginas de um livro, enquanto outras caminhavam em silêncio, como se estivessem num templo. Ao tocar num dos livros, sentiu a textura do papel, algo que o intrigou. Em Amulon, todo o conhecimento era transmitido digitalmente, e o conceito de um objeto físico contendo palavras era-lhe estranho, mas fascinante. Ele prometeu a si mesmo voltar com mais tempo para explorar aquele espaço com calma. Enquanto caminhava de volta às ruas do Chiado, algo dentro de Elverian parecia ter mudado. O Tejo, com a sua beleza serena, e o Chiado, com o seu dinamismo cultural, tinham despertado nele uma nova sensibilidade. Ele começava a perceber que a Terra não era apenas um lugar para estudar música; era um planeta onde cada detalhe – desde o som de uma conversa até o reflexo da luz no rio – parecia conter um significado mais profundo.

Para Elverian, a música estava a ganhar um novo significado. Já não era apenas uma sequência de sons organizados, mas uma expressão viva e espontânea que permeava todos os aspetos da vida humana. E ele estava ansioso para descobrir mais.

TECNOLOGIA NO TEE, ALMOÇO NO PINÓQUIO E COMPRAS NO CANTINHO DO VINTAGE E NO LIDL

Ao entrar na TEE Store - uma loja de tecnologia electrónica ecológica -, Elverian foi imediatamente recebido por um espaço minimalista, onde os tons brancos e metálicos dominavam, criando uma sensação de ordem e simplicidade. As mesas dispostas em fileiras exibiam dispositivos que os humanos consideravam topo de gama. No entanto, para Elverian, acostumado à tecnologia avançada de Amulon, aquilo parecia rudimentar, quase artesanal. Os computadores iMac, com os seus ecrãs brilhantes e design elegante, chamaram-lhe a atenção. Ele observou-os cuidadosamente, tocando na superfície fria e polida de um deles. Embora fossem obsoletos para os seus padrões, reconheceu que poderiam ser ajustados para servir aos propósitos específicos da sua missão. Escolheu dois modelos topo de gama, analisando rapidamente as especificações técnicas para garantir que seriam compatíveis com as modificações que planeava. Juntou também dois discos rígidos de alta capacidade e alguns cabos adicionais, necessários para as alterações que realizaria.

— Um resto de bom dia para si! — disse-lhe o funcionário, sorrindo enquanto processava o pagamento. Elverian retribuiu o sorriso com um aceno discreto. «Esta gente é mesmo simpática,» pensou, enquanto saía da loja e observava as ruas movimentadas do Chiado mais uma vez.

Seguindo as recomendações da Siri, Elverian dirigiu-se ao restaurante Pinóquio, um espaço acolhedor com mesas cobertas por toalhas de papel e um aroma que misturava o cheiro do rio com ervas frescas. Escolheu uma mesa junto à janela, de onde podia observar o movimento constante na praça ao lado. O menu oferecia uma variedade de pratos, mas ele decidiu-se por camarão da costa, amêijoas à Bulhão Pato e batatas fritas às rodelas, temperadas com orégãos. A acompanhar, pediu uma pequena garrafa de vinho branco fresco. Quando a comida chegou, o aroma intenso invadiu os seus sentidos, criando uma antecipação deliciosa. Pegou numa amêijoa, observando a sua concha delicada antes de provar. O sabor salgado e suave, realçado pelo alho e pelos coentros, explodiu no seu paladar,

transportando-o para um lugar que ele nunca visitara antes, mas que sentia incrivelmente familiar. O camarão, com a sua textura firme e sabor profundo, trouxe- lhe uma nova apreciação pela complexidade dos sabores terrestres.

Cada mordida parecia uma lição sobre a riqueza do oceano, algo que ele jamais experimentara em Amulon. As batatas fritas, crocantes e delicadamente temperadas, eram o complemento perfeito, enquanto o vinho branco fresco cortava a intensidade dos sabores com a sua acidez equilibrada. Elverian saboreou cada elemento da refeição, consciente de que estava a vivenciar algo único. Quando terminou, sentiu-se revigorado, como se aquela experiência fosse mais do que uma simples refeição; era uma forma de ligação com o planeta e os seus habitantes. Depois de um almoço memorável, chamou um Uber que o levou ao Cantinho do Vintage, um espaço vasto que parecia um labirinto cuidadosamente projectado. Assim que entrou, foi recebido por um aroma característico: uma mistura de madeira recém- cortada, têxteis novos e, ao longe, o cheiro tentador das almôndegas suecas servidas na cafetaria. Elverian percorreu os corredores amplos, onde móveis e acessórios estavam dispostos como pequenos cenários domésticos.

Observava tudo com atenção, tocando nos materiais e analisando as estruturas. Escolheu uma cama de design simples, mas funcional, que incluía uma estrutura robusta e um colchão ecológico. Adicionou ao carrinho armários espaçosos, cadeiras confortáveis, uma secretária ergonómica e prateleiras para armazenar os seus equipamentos e livros. Cada objeto escolhido parecia uma peça de um puzzle maior, que ele montaria no apartamento para recriar o ambiente acolhedor e funcional de um humano típico. Apesar do cansaço acumulado, sentia-se satisfeito com o progresso que estava a fazer. Após sair do Cantinho do Vintage, dirigiu-se ao supermercado Lidl para adquirir alimentos e bebidas para os próximos dias. Assim que entrou, foi envolvido pelo som ambiente: música suave que parecia cuidadosamente escolhida para relaxar os clientes, misturada com o tilintar de carrinhos de compras e o murmúrio de conversas casuais. As prateleiras estavam repletas de produtos organizados em categorias claras, o que facilitou a navegação de Elverian.

Escolheu frutas frescas – romãs, maçãs e laranjas –, vegetais, pão de espelta, leite vegetal, iogurtes de soja e uma variedade de chás. Sentiu-se particularmente atraído pelos rótulos que destacavam a sustentabilidade e a origem orgânica dos produtos, algo que ressoava com os valores que ele prezava. Enquanto percorria os corredores, observava as interações dos humanos ao seu redor. Casais discutiam sobre o que comprar, crianças pediam guloseimas, e idosos caminhavam lentamente, examinando os preços com atenção. Cada gesto parecia carregar uma história, uma pequena janela para as vidas que ele estava a começar a compreender. Carregado de sacos, chamou um Uber para regressar ao apartamento. Durante a viagem, reflectiu sobre as experiências do dia. Cada interação, cada objeto adquirido e cada som ouvido contribuíam para uma compreensão mais profunda deste planeta e dos seus habitantes. Chegado ao apartamento, descarregou as compras, organizou os alimentos no frigorífico e colocou os otros objectos num canto da sala.

Estava exausto, mas sentia uma satisfação que não conseguia explicar. Tudo o que vivera naquele dia, desde os sabores intensos do Pinóquio até à simplicidade funcional dos móveis, era uma prova da riqueza da experiência humana. Deitou-se no saco-cama, deixando os sons suaves da cidade embalarem-no. A missão estava a progredir, mas Elverian sabia que ainda havia muito por descobrir neste mundo fascinante. Com esse pensamento, adormeceu, enquanto as luzes de Lisboa brilhavam ao longe.

SONS INESPERADOS NO APARTAMENTO, A NOITE NO BAIRRO ALTO E O CONCERTO NA ZDB

Deitado no saco-cama, Elverian tentava recuperar energias após o dia exaustivo. A tranquilidade do apartamento foi subitamente quebrada por um som intenso vindo do andar superior. Pegou no iPhone, ativou o Shazam e apontou-o para o teto. Após alguns segundos, a aplicação revelou: «Ramones – Blitzkrieg Bop». Elverian focou-se na melodia rápida, nos ritmos frenéticos e na energia bruta da música. Era algo completamente diferente de tudo o que ouvira até então. Aquilo não era apenas som; era emoção condensada em cada nota. «Que intensidade vibrante…», pensou. Apesar de ainda não compreender totalmente, percebeu que aquela música carregava uma mensagem que ele precisava explorar mais tarde. Já recuperado, decidiu sair para assistir a um concerto na Zé dos Bois (ZDB), um clube icónico de Lisboa, conhecido pelas suas apresentações de música experimental. Colocou uma T- shirt simples, ajustou o casaco leve e saiu para a noite do Bairro Alto. As ruas estreitas estavam repletas de vida.

Grupos de jovens conversavam animadamente à porta dos bares, enquanto música de diferentes géneros escapava pelas janelas abertas. «Tudo isto é som,» pensou Elverian, enquanto deixava que os seus ouvidos captassem cada detalhe: o riso, o som de copos a tilintar, e até o murmúrio distante de uma guitarra acústica. Ao entrar na ZDB, foi imediatamente envolvido pela atmosfera íntima do espaço. A sala principal era pequena, mas acolhedora, com paredes decoradas por obras de arte abstratas e luzes suaves que criavam um ambiente quase hipnótico. O ar estava preenchido com murmúrios e expectativas. Enquanto esperava pelo início do concerto, aproximou-se do bar e pediu um copo de água com gás. Ao lado, dois jovens conversavam animadamente: — «O Subotnick é um dos pioneiros da música eletrónica. Tens noção de que ele basicamente redefiniu o que significa compor?» — «Sim, já ouvi isso, mas quero ver como é ao vivo. Dizem que o Buchla que ele usa cria sons que literalmente mexem com o teu corpo.»

Elverian absorvia cada palavra, intrigado pela reverência que as pessoas demonstravam pelo artista. Mais à frente, um grupo discutia o

impacto da música eletrónica no cinema:

— «Sabias que o Subotnick influenciou a banda sonora de Blade Runner? É aquele tipo de som que te faz sentir num futuro distópico.» — «Isso faz sentido. Aqueles sintetizadores criam um ambiente completamente imersivo.» Pouco depois, as luzes suavizaram ainda mais, e o burburinho da sala foi substituído por um silêncio expectante. Morton Subotnick subiu ao pequeno palco, um homem de idade avançada, mas com uma presença magnética. Sentou-se calmamente diante do seu sintetizador Buchla, um instrumento complexo com cabos coloridos que pareciam uma teia viva. O primeiro som foi quase imperceptível, um zumbido baixo que parecia emergir das profundezas da sala. Gradualmente, o som ganhou forma, transformando-se numa sequência de tons que oscilavam entre o orgânico e o mecânico. Era como se o ar ao redor de Elverian estivesse a vibrar. Notas agudas e ritmos pulsantes começaram a entrelaçar-se, criando uma paisagem sonora que parecia transcender o espaço físico. O som mudava constantemente, nunca repetindo padrões previsíveis.

Para Elverian, cada alteração na música era como um novo capítulo numa narrativa abstrata. A certa altura, os sons tornaram-se mais intensos, quase caóticos, como uma tempestade a desenrolar-se no ar. A luz do palco reagia aos sons, piscando e mudando de cor em sincronia com a música, criando uma experiência sensorial imersiva. Elverian sentiu como se o tempo tivesse parado; estava completamente absorvido, quase hipnotizado pela profundidade e pela complexidade daquilo que estava a ouvir. Os últimos minutos do concerto foram marcados por sons mais suaves, que pareciam imitar o movimento de água ou o sussurro do vento. Quando o último som finalmente desapareceu, a sala permaneceu em silêncio por alguns segundos antes de explodir em aplausos. Enquanto o público começava a dispersar, Elverian permaneceu sentado, tentando processar o que acabara de vivenciar. A música de Morton Subotnick não era apenas som; era uma experiência física e emocional.

Ele sentiu que aquela performance tinha mexido com algo profundo dentro de si, algo que ele ainda não conseguia articular. Antes de sair, ouviu mais uma conversa entre dois membros do público: — «Isto foi

como viajar por outro planeta.» — «Exato. Parece que ele nos mostra como o som pode ser tão infinito quanto o universo.» Elverian sorriu ligeiramente, reconhecendo a verdade nas palavras. Ao regressar ao apartamento, decidiu caminhar pelas ruas do Bairro Alto. A cidade estava vibrante, com vozes e música a ecoarem de bares e janelas. Cada som que ouvia parecia agora mais significativo, como se fosse uma peça de um puzzle maior. As luzes amareladas dos candeeiros projetavam sombras suaves, enquanto as fachadas dos edifícios antigos pareciam observá-lo em silêncio, como testemunhas imutáveis do fluxo constante da vida. As vozes ecoavam pelos becos, entrelaçando-se numa harmonia espontânea. Risos vindos de um grupo de amigos à porta de um bar misturavam-se com os acordes de uma guitarra eléctrica tocada por um músico de rua.

Numa janela aberta, a luz de uma televisão piscava intermitentemente, acompanhada pelo som abafado de um programa nocturno. Ao passar por um bar com a porta entreaberta, ouviu um excerto de música que o intrigou. Era um fado, carregado de melancolia, com uma voz feminina a cantar em tons que pareciam atravessar o tempo. Elverian parou por um momento, absorvendo a melodia e sentindo a profundidade emocional que ressoava naquelas notas. «Este planeta tem uma maneira única de expressar dor e beleza simultaneamente,» pensou, enquanto retomava o caminho. Tendo regressado ao apartamento, foi recebido pelo silêncio acolhedor das paredes nuas. Sentiu o cansaço acumulado do dia, mas também uma sensação de satisfação que nunca experimentara antes. Estava exausto, mas o seu espírito parecia energizado pelas descobertas. Dirigiu-se à cozinha e abriu o frigorífico. Retirou a garrafa de leite de aveia e encheu um copo. O líquido fresco deslizou pela sua garganta, trazendo-lhe um conforto simples, mas profundo.

Decidiu comer também uma fatia de pão com manteiga vegetal, saboreando o equilíbrio delicado entre o doce do leite e o toque salgado da manteiga. De regresso ao quarto, pegou no livro Cosmos de Carl Sagan, que deixara ao lado do saco-cama. Sentou-se no chão e ligou o pequeno candeeiro portátil, cuja luz suave iluminava as páginas. As palavras de Sagan sobre o universo, os planetas e a fragilidade da vida ressoavam de forma diferente agora. Cada conceito

parecia ecoar as experiências que ele vivera naquele dia: os sabores, os sons, os encontros. Enquanto lia, os sons de Lisboa continuavam a fluir pela janela entreaberta. O sino da igreja próxima marcava o tempo com as suas badaladas, misturando-se com o murmúrio distante da cidade que começava a adormecer. Para Elverian, cada som era um lembrete de que estava num mundo vibrante e vivo, tão diferente do silêncio mecânico de Amulon. Elverian fechou o livro e ficou a contemplar o teto.

Começava a perceber que a missão na Terra não era apenas uma questão de recuperar a música para o seu povo. Era uma oportunidade para compreender a essência da vida em si mesma – o caos, a imperfeição, e a beleza que surgia de tudo isso. Cada momento na Terra parecia estar carregado de um significado que ele nunca experimentara antes. Cada interação, cada som, cada gesto humano parecia carregar um pedaço da alma deste planeta. Quando as badaladas da igreja marcaram as 2:00, Elverian fechou os olhos. O cansaço finalmente venceu, e ele adormeceu com um leve sorriso nos lábios. A missão estava apenas a começar, mas cada instante já parecia uma pequena vitória. Na escuridão do apartamento, apenas o som distante de Lisboa continuava a ecoar, como uma melodia inacabada que prometia muito mais nos dias vindouros.

CAPÍTULO 9

UM DIA DE PRIMEIRAS VEZES

A CHEGADA DOS MÓVEIS E CAMINHANDO PARA O CHIADO

«Ding-dóing... Ding-dóing...» O som da campainha quebrou o silêncio tranquilo do apartamento. Elverian levantou-se do saco-cama, ainda a adaptar-se ao peso e à sensação do corpo humano após o descanso. Caminhou até à porta, abrindo-a para encontrar dois homens uniformizados, carregando ferramentas e caixas volumosas. — É o senhor Victor? — perguntou um deles, num tom directo, mas cordial. — Sim, sou eu — respondeu Elverian, ajustando-se ao tom casual que ouvira tantas vezes nos humanos. — Temos aqui os seus móveis. Vamos começar a montagem. Elverian acenou com a cabeça e guiou-os pelo apartamento, apontando para cada espaço com precisão: — A cama deve ser montada aqui, ao lado da janela. O armário pode ficar nesta parede. A mesa e as cadeiras naquele canto, e o puff no canto oposto da sala. As prateleiras de livros devem cobrir toda esta parede. Quanto aos candeeiros, um no centro da sala, outro no quarto, e o último no estúdio. Os homens assentiram, organizando rapidamente as peças e ferramentas.

O som das caixas a serem abertas e das ferramentas eléctricas a trabalhar preencheu o ambiente, trazendo uma energia dinâmica ao espaço vazio. Elverian ficou fascinado pela eficiência dos movimentos dos montadores: era quase uma dança, uma coreografia de rotina e prática. — Vou sair para tomar o pequeno-almoço. Quando terminarem, podem sair e fechar a porta, por favor — disse Elverian, confiando no procedimento humano com uma leve curiosidade sobre a

simplicidade da interação.

Ao sair para as ruas do Bairro Alto, Elverian foi imediatamente abraçado pela atmosfera matinal da cidade. O ar estava fresco, carregado com o aroma revigorante de café recém-moído que escapava das portas entreabertas das pastelarias. O cheiro misturava-se com notas subtis de pão acabado de sair do forno, enchendo o ambiente de um calor acolhedor. Os sons também contribuíam para a sinfonia da manhã: o ritmo cadenciado de passos apressados nas calçadas de pedra, risos ocasionais vindos de conversas animadas e o som suave de carrinhos de compras rolando. Era como se a cidade estivesse a acordar com ele, em perfeita sintonia. Enquanto caminhava em direcção ao Chiado, os seus olhos negros absorviam cada detalhe do cenário. As calçadas de pedra polida reflectiam a luz suave do sol nascente, criando um brilho dourado que contrastava com as sombras alongadas das fachadas antigas.

Cada edifício parecia contar uma história, com azulejos coloridos que reluziam como pequenos mosaicos de memória, portas de madeira desgastadas pelo tempo, e varandas decoradas com flores ou roupas a secar. Um músico de rua, sentado numa esquina, tocava uma melodia delicada numa guitarra portuguesa. As notas ecoavam suavemente pelo espaço, misturando-se com o murmúrio de conversas em línguas variadas. Elverian parou por um momento para ouvir, fascinado pela simplicidade e profundidade da música, e pela forma como ela parecia capturar a essência daquele lugar. Mais adiante, uma mulher discutia com o vendedor de uma banca de frutas: — Estas laranjas são mesmo doces? — São as melhores do mercado, senhora! Acabei de recebê-las.

O tom caloroso da troca de palavras trouxe-lhe uma sensação de familiaridade estranha, como se estivesse a presenciar um pequeno fragmento da vida que agora começava a explorar. Enquanto se aproximava do Chiado, Elverian deixou-se envolver pelos sons e cheiros da cidade. Cada detalhe, desde o tilintar de chávenas de café até o roçar de sacos de papel, parecia fazer parte de uma melodia maior. Ele compreendeu que esta era uma forma de música que nunca poderia ser composta em Amulon. «Esta cidade é viva,» pensou, com uma mistura de fascínio e

reverência. «Cada som, cada movimento, é espontâneo e imprevisível. É isso que a torna tão diferente do meu mundo.» Com essa reflexão em mente, continuou o seu caminho, ansioso por descobrir o que mais Lisboa tinha para oferecer.

PEQUENO-ALMOÇO NA BRASILEIRA, COMPRAS NA BERTRAND E DESCOBERTAS NUMA IGREJA

Ao chegar à icónica A Brasileira, Elverian escolheu uma mesa na esplanada, de onde podia observar o movimento constante do Chiado. As pessoas passavam apressadas, algumas segurando sacos de compras, outras em conversas animadas ou distraídas pelos seus telemóveis. O som do tilintar de chávenas e o aroma de café recém-preparado criavam uma atmosfera acolhedora e vibrante. Quando o empregado trouxe o menu, Elverian examinou-o com curiosidade. Decidiu experimentar o brunch completo: sumo de laranja natural, torradas com manteiga e compota, ovos mexidos com bacon, uma salada de frutas e um café forte. Assim que o prato chegou, o cheiro era convidativo e rico. Pegou numa torrada, espalhou uma camada generosa de compota de morango e deu a primeira dentada. O sabor doce da compota misturava-se com a textura amanteigada e salgada da torrada, criando um contraste que o surpreendeu. Ao provar o bacon crocante, os seus sentidos foram novamente desafiados por um sabor intenso e reconfortante. O café forte cortava a doçura e o salgado, equilibrando a experiência de forma perfeita. Cada mordida era uma descoberta, cada sabor parecia contar uma história sobre as tradições humanas. “Estas refeições são

mais do que uma necessidade,” pensou Elverian. «São um ritual, um momento de pausa e apreciação.» Depois de terminar, recostou-se na cadeira e enrolou um cigarro com a precisão meticulosa que já dominava. O fumo subia em espirais delicadas, misturando-se com a luz suave da manhã. Observou as pessoas ao redor: um casal discutia os planos do dia, enquanto um homem mais velho lia calmamente o jornal. Cada interação parecia uma pequena peça da vasta tapeçaria que era a vida humana. «Tenho de ir à Bertrand comprar mais livros,» pensou, apagando o cigarro e levantando-se com um sorriso discreto.

A Livraria Bertrand, com a sua entrada discreta e interior acolhedor, parecia um refúgio de calma no meio do Chiado agitado. Assim que entrou, foi recebido pelo aroma único de papel e madeira envelhecida. Caminhou lentamente pelos corredores, observando as prateleiras repletas de títulos que variavam entre o académico e o poético.

Dirigiu-se à secção de ciências, onde percorreu cuidadosamente os títulos sobre o cosmos, física quântica, biologia e mineralogia. Entre os livros escolhidos, destacou- se A Origem do Homem, de Charles Darwin, que captou a sua atenção com a promessa de explicar as complexidades da evolução humana. Na secção de filosofia, seleccionou obras de Deleuze, Agamben, Sartre e Foucault, fascinado pelas ideias que moldavam o pensamento humano sobre existência, poder e liberdade. Na secção de poesia, escolheu volumes de Gertrude Stein, Emily Dickinson e Herberto Helder, atraído pela intensidade emocional e pela musicalidade das palavras.

Sobre Natureza, comprou o livro A Sinfonia Oculta da Floresta, de Suzanne Simard, que explora como as árvores comunicam e colaboram entre si através de redes subterrâneas, partilhando nutrientes e sinais químicos para sustentar a vida na floresta; escolheu o livro As Veias Abertas da América Latina, de Eduardo Galeano, que aborda, com profundidade poética, a exploração histórica, económica e social das riquezas naturais da América Latina e o impacto devastador dessa exploração sobre os seus povos e territórios; ficou também fascinado com os livros de Stefano Mancuso, como A Revolução das Plantas e A Inteligência das Árvores, que abordam de forma inovadora como as plantas possuem capacidades sensoriais e inteligência adaptativa, revelando a complexidade das suas redes de comunicação e a importância vital para a sobrevivência do planeta. A pilha de livros era tão alta que teve de pedir ajuda a uma funcionária. — Pode enviá-los para o meu apartamento, por favor? — pediu, indicando a morada. — Com certeza, senhor Victor.

Serão entregues hoje mesmo. — Agradeço muito — respondeu Elverian, com um sorriso de cortesia. Saindo da Bertrand, carregava uma leve excitação com a ideia de explorar aquelas obras e de compreender mais sobre o pensamento e a criatividade humana. Ao

passar por uma igreja próxima, a sua fachada imponente chamou-lhe a atenção. As portas de madeira maciça, ornadas com entalhes detalhados, pareciam convidá-lo a entrar.

Empurrou uma das portas pesadas, e o som do ranger ecoou suavemente pelo espaço interior. O ar fresco e ligeiramente perfumado por incenso envolveu-o imediatamente. O silêncio dentro da igreja era quase tangível, quebrado apenas pelo som ocasional de alguém a tossir ou pelo crepitar das velas que ardiam diante de imagens religiosas. Os olhos de Elverian foram atraídos para o altar principal, onde a figura de um homem crucificado dominava o espaço. As suas feições serenas, mas dolorosas, intrigavam-no profundamente. «Por que razão veneram este sacrifício?» perguntou-se, tentando compreender o simbolismo por trás daquela imagem. Caminhou lentamente pelos corredores laterais, observando as estátuas de santos e as pinturas que adornavam as paredes. Cada uma parecia contar uma história, carregada de devoção e significado. Parou diante de um grupo de pessoas ajoelhadas, com as mãos juntas em oração. Os seus lábios moviam-se silenciosamente, como se estivessem a comunicar com algo além da sua compreensão.

Sentou-se num dos bancos de madeira e fechou os olhos por um momento. O ambiente transmitia-lhe uma paz inesperada, um contraste absoluto com o ruído constante da cidade lá fora. Sentiu que aquele espaço, embora estranho, oferecia uma ligação a algo maior, algo que ainda não conseguia explicar. Quando saiu da igreja, a luz do sol parecia mais intensa, como se os seus sentidos estivessem mais despertos. Caminhou lentamente pelas ruas do Chiado, sentindo-se estranhamente renovado. A espiritualidade humana, expressa através de símbolos e rituais, era algo que ele sabia que precisaria de explorar mais profundamente.

Com um sorriso, decidiu continuar a sua jornada pelo dia, ansioso por descobrir o que mais Lisboa tinha para oferecer.

A VISÃO DO TEJO, MAIS COMPRAS E ALMOÇO NO CORTE INGLÊS

Elverian subiu ao Adamastor, um lugar que começava a ocupar um espaço especial no seu coração. Assim que chegou, a vista do rio Tejo estendeu-se diante dele como uma ecrã viva, com as águas ondulantes a reflectirem o brilho suave do sol. O cenário era uma combinação de serenidade e movimento: barcos pequenos navegavam tranquilamente, enquanto gaivotas planavam com elegância sobre as águas. Escolheu uma mesa na esplanada, pediu uma garrafa de água e recostou-se na cadeira, deixando os olhos absorverem cada detalhe. O murmúrio das conversas ao redor, o som do vento a acariciar as árvores e o distante barulho do tráfego criavam uma melodia que parecia complementar a paisagem. De repente, algo chamou a sua atenção: cinco submarinos começaram a emergir das águas, movendo-se em formação precisa. O contraste entre a Natureza tranquila do rio e o movimento mecânico daqueles veículos era hipnotizante. Elverian observava cada detalhe – a forma como as ondas se formavam em volta deles, a sincronia perfeita dos movimentos.

Mais tarde, enquanto folheava um jornal num quiosque próximo, leu que aqueles submarinos eram parte de manobras da NATO, em trânsito para o Médio Oriente. A informação pouco lhe dizia, mas o espectáculo visual continuava a ecoar na sua mente. Decidiu que era hora de explorar outro lado da vida na Terra. Com o iPhone na mão, pesquisou lugares para comprar roupas e almoçar. A escolha foi clara: um centro comercial sustentável que prometia tudo o que precisava num só lugar. Chamou um Uber e, durante o caminho, deixou-se envolver pelo som das ruas e o ritmo constante dos motores.

Ao entrar no centro comercial, foi imediatamente invadido por uma mistura de sensações. As lojas iluminadas, os corredores repletos de pessoas e o som ambiente – uma combinação de música relaxante, risos e conversas – criavam um ambiente vibrante. Era um caos metódico que o fascinava. Passou por lojas de perfumes, eletrónica e joalharia, cada uma com vitrinas cuidadosamente organizadas que pareciam competir para atrair a atenção. O aroma de café e pastelaria misturava-se com o perfume dos corredores, tornando o passeio uma

experiência sensorial completa. A fome começou a apertar, e Elverian seguiu para o restaurante chinês recomendado pela Siri. O espaço era acolhedor, decorado com lanternas vermelhas e detalhes dourados que conferiam um toque autêntico. Sentou-se numa mesa perto da janela e escolheu o prato mais icónico: Pato à Pequim, acompanhado por uma cerveja Tsingtao. Quando o prato chegou, o aroma era irresistível. A pele crocante do pato, perfeitamente caramelizada, contrastava com a carne macia e suculenta.

O sabor intenso, com um toque de especiarias, era equilibrado pela leveza da cerveja, que trazia uma frescura subtil ao paladar. Elverian comeu lentamente, saboreando cada pedaço, deixando que as suas papilas gustativas registassem todas as nuances daquele prato. Depois do almoço, Elverian decidiu renovar completamente o guarda-roupa. Entrou numa loja de luxo e percorreu as secções com uma atenção quase meticulosa. Escolheu factos Armani em tons neutros, que lhe conferiam um ar sofisticado, camisolas de lã merino suaves ao toque, camisas de algodão egípcio de corte impecável, e calças de linho que combinavam conforto com elegância.

Enquanto experimentava as roupas, observou-se ao espelho. O reflexo mostrava um homem bem vestido, confiante, que parecia integrar-se cada vez mais no ambiente humano. «Esta é uma das formas de me aproximar deles,» pensou. Continuando a explorar, encontrou uma loja de Bang & Olufsen que captou a sua atenção. Dentro, a estética minimalista e futurista parecia alinhar-se com a sua sensibilidade. No centro da loja, uma coluna em forma de pirâmide chamou-lhe a atenção: era um sistema de som omnidirecional. — Este modelo oferece uma experiência de áudio tridimensional — explicou o vendedor. — Perfeito. Vou levar duas — respondeu Elverian com assertividade, surpreendendo o funcionário. Enquanto finalizava a compra, notou um televisor de plasma, com design moderno e resolução de ponta. Decidiu comprá-lo também, programando a entrega para o seu apartamento. Ao sair da loja, uma montra chamou a sua atenção: a loja da Tesla.

Entrou, e os seus olhos fixaram-se num modelo branco, elegante e aerodinâmico, que parecia ser a escolha ideal para as suas

necessidades. — Gostaria de adquirir este carro — disse ao vendedor, que o olhou com surpresa pela rapidez da decisão. — Este é o nosso modelo topo de gama. São 250 mil euros. Elverian acenou com a cabeça, como se o preço fosse irrelevante. — Perfeito. Quero que o entreguem na minha morada amanhã. O vendedor ficou incrédulo com a facilidade da transação, mas tratou de finalizar os procedimentos burocráticos. «Este homem deve ser um milionário excêntrico,» pensou. Com as compras concluídas, chamou outro Uber e regressou ao apartamento. O caminho de volta foi uma oportunidade para reflectir sobre as descobertas do dia. As roupas, o sistema de som, o carro – tudo parecia ser parte de um puzzle maior, que começava a montar com cada nova experiência. Chegado ao apartamento, sentou-se no sofá recém-montado e folheou o livro de Carl Sagan.

A leitura era fascinante, uma janela para um universo vasto e misterioso, que parecia mais próximo do que nunca. Deixou-se levar pelo texto até que o cansaço o venceu, adormecendo com a luz suave do candeeiro e a música ambiente que escolhera para a noite. A missão na Terra estava apenas a começar, mas já parecia estar a transformar a sua percepção de tudo o que conhecia.

A EXPERIÊNCIA MUSICAL NA GULBENKIAN E O RETORNO AO LAR

O edifício da Fundação Calouste Gulbenkian erguia-se com a sua arquitectura moderna, rodeado de jardins bem cuidados que respiravam uma tranquilidade contrastante com o bulício de Lisboa. Elverian aproximou-se do átrio principal e sentiu-se imediatamente atraído pelo ambiente sereno e sofisticado. Comprou o bilhete e recebeu o programa do concerto, um livreto elegantemente impresso que continha informações sobre os compositores, as obras e os intérpretes da noite. Subiu ao auditório, onde o ar parecia carregar uma expectativa palpável. O espaço era amplo, mas intimista, com paredes forradas em madeira, criando uma acústica que prometia uma experiência imersiva. Observou a audiência a entrar: homens e mulheres bem vestidos, conversando em tons baixos. Cada rosto parecia reflectir antecipação e respeito pelo que estava prestes a acontecer. Quando as luzes começaram a apagar-se, um silêncio absoluto tomou conta da sala. O maestro entrou, seguido pelos músicos e solistas, sendo recebido com um aplauso caloroso.

A música começou com suavidade. Os acordes iniciais da Pequena Missa Solene, de Gioachino Rossini, eram como um convite a um mundo de beleza celestial. O som do piano e do harmónio entrelaçava-se com as vozes do coro, criando uma harmonia que parecia transcender a sala. Elverian sentiu cada nota como se fosse direcionada a ele. As vozes dos solistas, cheias de emoção e técnica impecável, pareciam contar histórias de amor, fé e redenção. A complexidade da composição, com passagens que alternavam entre momentos de intimidade e de grandiosidade, encheu-o de uma emoção que não sabia explicar. As lágrimas começaram a formar-se nos seus olhos durante o «Cum Sancto Spiritu». A forma como as vozes do coro subiam em uníssono, acompanhadas por uma melodia rica e envolvente, provocou-lhe as primeiras lágrimas da sua vida. Era como se a música estivesse a tocar algo profundamente humano e, ao mesmo tempo, universal. Durante o intervalo, enquanto os membros da audiência conversavam em tons baixos, Elverian absorvia o impacto da música.

Um casal ao lado discutia: — Incrível como Rossini conseguiu criar algo tão íntimo e, ao mesmo tempo, tão monumental. — Sim, especialmente considerando que ele compôs esta missa numa fase tardia da vida, quando já se tinha afastado da ópera. Elverian pegou no programa e leu sobre Rossini: "Gioachino Rossini (1792–1868) foi um dos compositores mais proeminentes do período romântico. Conhecido principalmente pelas suas óperas, como O Barbeiro de Sevilha e La Cenerentola, Rossini também produziu obras sacras, incluindo a Pequena Missa Solene. Esta peça, composta em 1863, foi descrita pelo próprio como 'o último pecado da sua velhice'. Uma combinação de elementos operáticos e sacros, a obra reflecte a maturidade artística e espiritual do compositor." Após o intervalo, as luzes apagaram-se novamente, e o pianista subiu ao palco, sendo recebido com aplausos calorosos. Sentou-se ao piano, ajustou-se por um momento e começou a tocar. As primeiras notas das Variações Goldberg, de Johann Sebastian Bach, eram simples e delicadas.

A aria inicial era como um murmúrio de calma, um prelúdio para a viagem emocional que se seguiria. À medida que o pianista avançava pelas variações, Elverian sentia-se imerso num mundo de matemática musical e emoção pura. Cada variação apresentava um carácter único: algumas eram rápidas e técnicas, quase como uma dança, enquanto outras eram introspectivas e melancólicas, como uma reflexão sobre a existência. No programa, Elverian leu sobre Bach: «Johann Sebastian Bach (1685–1750) é amplamente considerado um dos maiores compositores de todos os tempos. As Variações Goldberg, compostas por volta de 1741, foram criadas para proporcionar conforto a um nobre insone. A obra, composta por uma aria seguida de 30 variações, demonstra a extraordinária capacidade de Bach em combinar estrutura rigorosa com expressividade emocional.» Ao ouvir a última variação e o retorno à aria inicial, Elverian sentiu uma serenidade que nunca havia experimentado antes.

Era como se a música tivesse completado um ciclo, trazendo-o de volta ao ponto de partida, mas transformado. Saindo da Gulbenkian, Elverian caminhava como se estivesse suspenso no tempo. Cada som ao seu redor – o murmúrio distante dos carros, os passos apressados das pessoas – parecia parte de uma sinfonia invisível. A música que

acabara de ouvir continuava a ressoar dentro de si, ecoando como uma memória viva.

De volta ao apartamento, preparou-se para relaxar. Colocou a música «Sleep», de Max Richter, a tocar no seu iPhone. A melodia suave e repetitiva encheu o espaço, criando uma atmosfera de tranquilidade. Pegou no livro Cosmos, de Carl Sagan, e deixou-se levar pelas palavras enquanto a luz suave do candeeiro iluminava a página. À medida que lia, a música e a profundidade do texto combinavam-se, transportando-o para um estado de reflexão profunda. Antes de adormecer, pensou em tudo o que experimentara naquele dia: a profundidade emocional da música de Rossini, a genialidade estrutural de Bach, e a capacidade dos humanos para criar algo tão sublime. Adormeceu com a certeza de que a sua missão na Terra estava a moldar não só o seu entendimento sobre os humanos, mas também sobre si mesmo e sobre o que significava existir. A missão estava apenas a começar, mas já era uma revolução interior.

CAPÍTULO 10

PIÙ PIÙ PIÙ PIU PIÙ

A DESCOBERTA DO SOM, A ENTREGA DA BANG & OLUFSEN E A PRIMEIRA VISÃO DO MAR

O chilrear que despertou Elverian naquela manhã era tão delicado que parecia emergir da própria Natureza. Durante alguns minutos, ele acreditou que pássaros invisíveis estavam pousados nos ramos de uma árvore próxima, mas ao prestar mais atenção, percebeu que o som era ritmado, quase artificial. Pegou no iPhone, abriu o Shazam e descobriu que não eram pássaros, mas uma peça musical intitulada From Gardens Where We Feel Secure, da compositora Virginia Astley. A música era como um véu sonoro que envolvia o espaço, suave e contemplativa, evocando imagens de jardins tranquilos e tardes idílicas. Elverian ficou intrigado ao descobrir que vinha do andar de cima. «Quem será esta pessoa que escuta algo tão sublime?» pensou, sentindo uma curiosidade crescente pelo seu vizinho misterioso. O som da campainha interrompeu os seus pensamentos. Ao abrir a porta, dois entregadores seguravam grandes caixas com o logótipo da Bang & Olufsen. Era o sistema de som e o televisor topo de gama que ele tinha encomendado.

A sala de estar transformou-se num espaço vibrante assim que instalou tudo: o televisor foi colocado no fundo da sala, com uma precisão milimétrica, e as colunas foram distribuídas estrategicamente – uma no quarto, outra na sala. Ligou o sistema, e a primeira música que escolheu ouvir foi Yesterday, dos Beatles. A melodia preencheu o espaço com uma clareza que parecia trazer as emoções à tona. Cada acorde suave parecia deslizar no ar, tocando-o de formas inesperadas. Sentiu algo que não conseguia nomear, uma melancolia doce, como se

aquela música carregasse as memórias de uma vida que ele não tinha vivido. «Preciso de explorar mais esta banda,» pensou, enquanto uma faísca de entusiasmo se acendia dentro dele. Depois de organizar o apartamento, vestiu-se com simplicidade: um facto de banho colorido, calções brancos, uma T-shirt azul cobalto e os seus ténis Timberland favoritos. Ao sair, encontrou o Tesla branco estacionado à porta.

O funcionário da loja esperava com um sorriso profissional e entregou-lhe as chaves após algumas assinaturas. Elverian entrou no carro, fascinado pela sua sofisticação tecnológica. O painel de instrumentos brilhava com precisão, e em segundos, ele já tinha dominado os comandos. Programou o GPS para a praia do Meco, um destino que tinha descoberto numa pesquisa anterior.

A TRAVESSIA DA PONTE 25 DE ABRIL, A PRIMEIRA VISÃO DO MAR, AS PESSOAS NA PRAIA

O trajeto levou-o a atravessar a Ponte 25 de Abril, cuja estrutura imponente parecia flutuar sobre o rio Tejo. As torres vermelhas erguiam-se contra o céu azul, reflectindo a luz do sol como uma joia colossal. Abaixo, o rio serpenteava tranquilamente, com pequenos barcos a cruzarem as águas. Ao pesquisar mais sobre a ponte, Elverian soube que o seu nome celebrava a Revolução dos Cravos, um evento que devolveu a liberdade ao povo português após décadas de ditadura. A história despertou nele um respeito imediato pela resiliência e pelo espírito de luta dos humanos. Chegando ao Meco, Elverian estacionou o Tesla e dirigiu-se ao areal. O primeiro impacto foi olfativo: o aroma salgado do oceano misturado com o calor da areia aquecida pelo sol.

Depois, veio o som: o constante rebentar das ondas criava um ruído branco que o envolvia como um manto. A vista do oceano parecia infinita, uma extensão azul que se encontrava com o céu no horizonte. O sol brilhava intensamente, reflectindo-se nas pequenas ondas como milhares de diamantes em movimento. O toque da areia nos seus pés era macio e quente, uma sensação que ele absorveu com fascínio. O areal estava cheio de vida. Crianças jogavam à bola, as suas gargalhadas inocentes ecoando pelo espaço. A bola, colorida e vibrante, saltitava de um lado para o outro, enquanto os pequenos

corriam com energia inesgotável. Perto dali, um grupo de amigos conversava animadamente, gesticulando com entusiasmo. As suas vozes eram como pequenos fragmentos de histórias que se misturavam com o som das ondas. Alguns liam em toalhas coloridas, mergulhados nas páginas dos seus livros, enquanto outros descansavam com bebidas geladas, protegidos por chapéus de sol. Elverian observava tudo com um misto de fascínio e reverência.

A simplicidade das interações humanas contrastava com a vastidão do oceano. «Que contraste entre o pequeno e o imenso,» pensou, percebendo que cada elemento contribuía para uma harmonia maior. Escolheu uma área mais isolada, estendeu a toalha e sentou- se, absorvendo tudo ao seu redor. Despiu-se, como era costume naquela praia nudista, sentindo a brisa fresca contra a sua pele. Era uma sensação completamente nova, um encontro directo e sem filtros com o mundo natural. Deitou-se e colocou os AirPods nos ouvidos. Seleccionou o álbum Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band, dos Beatles, e fechou os olhos. A música psicadélica combinava-se perfeitamente com o som das ondas, criando uma experiência quase espiritual. «Este planeta é um poema em movimento,» pensou, antes de ser embalado para um sono tranquilo. Acordou ao sentir o calor mais intenso do sol na pele. Abriu os olhos e piscou algumas vezes, ajustando-se à luminosidade do meio-dia. Olhou para o relógio: 13:26. A sua garganta estava seca, e a sede começou a incomodá-lo.

Ao levantar-se, notou uma mulher loira a caminhar lentamente pela areia. A sua silhueta esbelta era iluminada pelo sol, e os seus movimentos tinham uma elegância natural que cativou Elverian. Ele sentiu algo inesperado e, até então, desconhecido: o seu corpo reagiu com uma ereção. «Estranho... isto nunca me aconteceu antes,» pensou, tentando compreender as sensações que o invadiam. Este encontro breve, mas marcante, levou-o a reflectir sobre a intensidade das emoções humanas e sobre o quanto aquele planeta parecia despertar nele uma nova sensibilidade. Vestiu-se apressadamente e dirigiu-se a uma esplanada próxima. Sentou-se numa cadeira de madeira com vista para o mar e pediu um sumo natural de laranja. Quando a bebida chegou, bebia-a com avidez, sentindo a frescura cítrica a percorrer-lhe a garganta seca. Enquanto olhava para o mar,

enrolou um cigarro com gestos meticulosos. Deu uma longa passa e deixou que o fumo se misturasse com o ar salgado.

«Como é complexo este planeta... como são intensas as emoções destes seres,» pensou, perdido em reflexões filosóficas sobre a natureza da vida humana. De volta ao Tesla, com a mente ainda a digerir as experiências do dia, Elverian sentiu que a Terra lhe oferecia algo que ele nunca tinha conhecido: uma ligação directa com as emoções e os sentidos, uma descoberta que ia muito além da missão inicial. «Cada dia neste planeta é uma sinfonia única,»

pensou, enquanto dirigia de volta para casa, ansioso pelo que mais Lisboa tinha para lhe revelar. De regresso ao apartamento, foi recebido por um entregador do Lidl com as suas compras. O jovem entregador, de cabelo desalinhado e sorriso simpático, ajudou a transportar os sacos até à cozinha. — Boa tarde! Aqui está tudo o que pediu. — Obrigado — respondeu Elverian, tentando imitar o tom descontraído dos humanos. Depois de fechar a porta, começou a organizar as compras com cuidado. Os produtos frescos foram para o frigorífico, enquanto os secos encontraram espaço nos armários. Cada gesto parecia um ritual que o conectava ainda mais à vida quotidiana da Terra. Preparou uma refeição simples, mas satisfatória: sopa de cenoura, um arroz de pato pré-cozinhado que aquecia no micro- ondas, e um gelado de chocolate negro como sobremesa. Acompanhou tudo com um copo de vinho tinto do Douro, cujo aroma robusto e sabor complexo o surpreenderam. Sentou-se à mesa, ligando o televisor para acompanhar as notícias da CNN.

As imagens de conflitos em zonas distantes, discussões políticas e eventos desportivos criavam um retrato complexo do mundo humano. As notícias, embora fascinantes, também o deixaram inquieto. «Como conseguem estes seres equilibrar tanto caos e beleza nas suas vidas?» pensou, sentindo-se impressionado e sobrecarregado pela vastidão do que estava a presenciar. Depois de comer, arrumou a mesa e colocou os pratos e talheres na máquina de lavar loiça, programando-a para um ciclo rápido. Sentou-se no sofá, tentando processar as experiências do dia. A praia, a mulher loira, o som do mar, a frescura do sumo, as notícias — cada elemento parecia fazer parte de um quebra-cabeça

maior que ele estava apenas a começar a montar. Pegou no livro de Carl Sagan, Cosmos, e mergulhou nas páginas, encontrando conforto nas palavras que descreviam o universo como uma dança cósmica. Sentiu que, de alguma forma, o seu lugar na Terra fazia parte dessa dança, uma pequena nota numa melodia infinita.

Com o livro ao lado, adormeceu no sofá ao som do ruído distante da cidade. Cada experiência estava a moldá-lo, trazendo-o mais perto de compreender a complexidade e a profundidade da existência humana.

UMA NOITE DE MÚSICA, A FASCINAÇÃO COM GERTRUDE STEIN E A MÚSICA NO ANDAR DE CIMA

Após organizar a cozinha com a precisão habitual, Elverian retirou o exemplar de The MCantinho do Vintageng of Americans, de Gertrude Stein, e deitou-se no sofá. A escrita de Stein, com a sua estrutura hipnótica e repetitiva e sem pontuação, parecia uma composição musical. Cada frase ressoava como um acorde, explorando as dinâmicas complexas das relações humanas. «Esta escritora é como um arquitecto de emoções,» pensou, enquanto absorvia a singularidade da obra. A repetição, longe de ser monótona, era uma espiral que aprofundava os significados. Adormeceu ao som de With a Little Help From My Friends, dos Beatles, com a certeza de que cada dia na Terra era uma sinfonia de novas descobertas. Acordou ao som de uma música energética a ecoar pelo teto. Foi atraído de imediato pelo riff repetitivo da guitarra distorcida e contagiado por uma energia quase mecânica da percussão. Pegou no iPhone, abriu o Shazam, e a resposta surgiu: era DEVO, uma banda que transformava clássicos em hinos experimentais. A curiosidade pelo vizinho aumentava.

«Quem será esta pessoa que parece viver rodeada de música tão peculiar e fascinante?» decidiu criar um pretexto para descobrir. Subiu até ao andar de cima e tocou à campainha. O som de Mongoloid, outra música dos DEVO, reverberava pelo corredor. Quando ia tocar pela terceira vez, a porta abriu-se subitamente. Uma mulher morena, de cabelo apanhado num coque casual e vestindo uma longa T-shirt branca com a imagem de um gato estampado, apareceu à porta. Ao lado dela, um grande cão ruivo, de olhos expressivos e cauda

abanando de maneira enérgica, ladrava incessantemente. — Shiu, Young! É um amigo, calma! — disse ela, olhando para o cão. — Boa noite… — começou Elverian, hesitante. — Espere um pouco. Tome isto — disse ela, entregando-lhe um biscoito canino. — Dê-lhe, e ele acalma-se. Elverian aceitou o biscoito e ofereceu-o ao cão, que o engoliu de imediato, ficando a abanar a cauda de maneira ainda mais enérgica, mas sem latir. — Posso ajudar?

— perguntou ela, sorrindo levemente enquanto se inclinava para evitar que uma gata branca, elegante e de olhos verdes penetrantes, escapasse para o corredor. — Sim, claro, desculpe incomodá-la… Eu só queria saber se por acaso teria algum açúcar para me emprestar. Ela olhou para ele por um momento, e depois respondeu: — Infelizmente, não uso açúcar, mas posso oferecer-lhe um pouco de mel, se quiser. — Ah… na verdade, não precisa se incomodar. Só queria adoçar um chá de lúcia-lima.

Ela sorriu de forma calorosa: — Então vou dar-lhe um conselho: beba sem nada. É mais saudável, e vai perceber o sabor puro da planta. Ela afastou-se para buscar o mel, deixando a porta aberta. Elverian aproveitou para observar o interior do apartamento. Era quase minimalista, com um design zen que contrastava com o dele. Um longo sofá bege estava posicionado no centro da sala, com almofadas em tons pastel. Um candeeiro de leitura, com um abajur de papel branco, iluminava suavemente o espaço. No canto, um sistema de som antiquado, mas impecavelmente conservado, exibia um gira-discos e um gravador de cassetes. Sobre uma pequena mesa de madeira, havia uma pilha de discos de vinil e algumas cassetes etiquetadas à mão. No chão, a gata branca, que ela chamou de Alva, repousava num puff como se fosse uma rainha, observando Elverian com curiosidade. O cão ruivo, Young, já não latia, mas continuava a farejar-lhe os sapatos com um entusiasmo quase infantil. Ela voltou com uma pequena tigela de mel e disse: — Aqui está.

Já agora, não quer entrar e tomar um chá? Estou a preparar chá branco. É suave e óptimo para relaxar. Elverian hesitou por um momento, mas aceitou: — Obrigado. Parece óptimo. Sentaram-se no sofá enquanto ela servia o chá numa pequena chávena de cerâmica

artesanal. — Então, é novo por aqui? — perguntou ela. — Sim, mudei-me há poucos dias para o andar de baixo. Estou a tentar adaptar-me à cidade. — E o que faz por cá? — continuou ela, curiosa. — Sou músico e musicólogo — respondeu, ajustando o tom com timidez. — E tu? Parece também muito ligada à música. Ela riu, corrigindo-o: — Não me trate por «você», sou a Ilsa. E sim, a música é uma grande parte da minha vida. Componho música experimental, mas também sou investigadora e cineasta, entre muitas outras coisas. Elverian sentiu-se intrigado e pediu: — Poderia mostrar-me algo do que compõe? Ilsa levantou-se e escolheu um disco da pilha, colocando-o no gira-discos. — Esta peça chama-se «Ecceidade», é um trabalho que fiz para um coletivo de dança contemporânea. Espero que goste.

A música começou a tocar. Era uma composição atmosférica, com texturas que se entrelaçavam, criando uma paisagem sonora que parecia viva. Elverian deixou-se envolver pelo som, e o ambiente tranquilo da sala amplificava o impacto emocional. Quando a música terminou - deve ter demorado mais de uma hora -, Elverian disse: — É absolutamente fascinante. Obrigado por partilhar isto comigo. — Que bom que gostou. Sabe, para mim, música é como um espelho da alma. — Ela sorriu. — Amanhã, que tal almoçarmos juntos? Conheço um restaurante indiano excelente aqui perto. — Com certeza. Será um prazer. Despediu-se, descendo as escadas com a certeza de que aquele encontro marcaria o início de algo especial. Em casa, deitou- se, colocou Max Richter para tocar, e adormeceu, ansioso pelo que o dia seguinte traria.

CAPÍTULO 11

UM ENCONTRO COM ILSA E O MUNDO DA ARTE

RELATÓRIO INTERGALÁCTICO

A manhã começou com o ladrar estridente de Young, o cão da vizinha Ilsa, que parecia impaciente para sair. A voz dela, doce mas autoritária, ecoava pelo prédio: — «Já vai, Young... já vamos passear.» Elverian despertou com aquele som e, por breves segundos, ficou a contemplar o teto, relembrando o encontro com Ilsa na noite anterior. A recordação trouxe-lhe um leve rubor ao rosto, algo que começava a reconhecer como um traço humano interessante: a capacidade de sentir constrangimento e emoção ao mesmo tempo. Levantou-se, despiu o pijama e entrou no duche, deixando que a água fria o despertasse completamente. Enquanto se vestia, ponderava sobre o que usar para o almoço. Queria impressionar Ilsa, mas sem parecer forçado. Um flash de memória trouxe-lhe à mente uma loja que havia visto ao fundo da rua: a Homecore, conhecida pelo design moderno e original. Decidiu que seria o lugar ideal para encontrar algo especial. Depois de beber um sumo de cenoura directamente da garrafa, pegou no iPhone e saiu apressado, sentindo o ar fresco da manhã.

O Bairro Alto já vibrava com vida, como uma sinfonia urbana composta pelo tilintar de chávenas nas esplanadas, o ruído ritmado de passos nas calçadas e o murmúrio das conversas que flutuavam como notas soltas de uma melodia de uma sinfonia incompleta. As ruas, ladeadas por edifícios antigos decorados com azulejos e varandas cobertas de plantas, estavam banhadas por uma luz dourada que filtrava entre as fachadas. Grupos de turistas passeavam lentamente,

apontando para detalhes arquitectónicos, enquanto um músico de rua dedilhava acordes suaves numa guitarra clássica. Ao chegar à Homecore, foi recebido por uma jovem com um sorriso caloroso e um ar descontraído, vestida com roupas que pareciam personificar o estilo da loja. — «Bom dia! Em que posso ajudar?» perguntou ela, com uma energia acolhedora. — «Procuro algo elegante, mas descontraído. Talvez algo em azul cobalto,» respondeu Elverian, sem hesitar. — «Tenho exatamente o que procura!» disse ela, os olhos a brilhar.

«Acabou de chegar um conjunto em ganga que acho que vai adorar: um casaco estilo Mao com uma saia longa. É moderno, diferente e super confortável. Quer experimentar?» Elverian, intrigado pela descrição, assentiu. Seguiu-a até ao provador, onde experimentou o conjunto. O casaco, com o seu corte minimalista, assentava-lhe perfeitamente, enquanto a saia, com botões brancos à frente, transmitia uma elegância descontraída. Quando saiu do provador, a jovem avaliou-o de cima a baixo e exclamou: — «Fica-lhe bué de fixe!» Elverian olhou-se no espelho e concordou. A harmonia das cores e o design inovador cativaram-no. Enquanto observava outros artigos, reparou nuns ténis azul cobalto com riscas amarelas que complementavam o visual. — «Posso experimentar estes ténis?» perguntou. — «Claro! Que número calça?» — «44.» Momentos depois, estava a calçá-las e, tal como a roupa, eram perfeitas. — «Quanto custa tudo?» — «São 650 euros,» respondeu a jovem.

Elverian pagou sem hesitar e decidiu sair da loja já vestido com a nova roupa. A antiga foi colocada num saco, que carregou enquanto regressava a casa. De volta ao apartamento, a tranquilidade do espaço contrastava com o burburinho das ruas. A luz que entrava pela janela iluminava suavemente os móveis vintage que começavam a preencher o local. Elverian sentou-se no sofá por um momento, contemplando a manhã e sentindo-se satisfeito com a sua escolha de roupa. Ainda tinha tempo antes do encontro com Ilsa, mas precisava de preparar algo importante: um relatório intergaláctico. Ligou os seus iMacs alterados e ativou o sistema de comunicação com o seu planeta natal. Após o zumbido característico, a holografia de Zelda, a sua superiora, surgiu no ecrã. — «Viva, Elverian! Como está a adaptação?» — «Muito bem. Este planeta é um tesouro de sons e sensações. Já assisti a concertos

incríveis e conheci uma música local que parece ser uma fonte valiosa de conhecimento.» — «Fantástico! Continua a explorar e a registar tudo.

O que já aprendeste sobre a música local?» — «É complexa, emotiva e profundamente variada. Estou a compilar amostras para análise mais detalhada.» Zelda assentiu com aprovação antes de encerrar a ligação. Elverian desligou os ecrãs, tomou um iogurte de aveia e deitou-se no sofá para ler mais algumas páginas de The MCantinho do Vintageng of Americans, de Gertrude Stein.

O ENCONTRO COM ILSA, A CHEGADA AO CALCUTÁ, O MONÓLOGO DE ILSA

Às 12:55, Elverian ouviu bater à porta. Quando a abriu, encontrou Ilsa, deslumbrante num vestido leve e vaporoso que parecia capturar a luz do verão. Young, o cão de grande porte e pêlo ruivo, abanava a cauda com entusiasmo, enquanto olhava para Elverian com olhos curiosos. — «Então, dormiu bem?» — perguntou ela, sorrindo. — «Sim, obrigado. E tu?» — «Muito bem. Vamos?» Desceram as escadas e saíram para a rua, onde a vida no Bairro Alto fervilhava. O sol brilhava intensamente, reflectindo nas pedras irregulares das calçadas. O ar era uma mistura de calor e de cheiros variados: café fresco vindo de uma pastelaria, ervas aromáticas de um mercado próximo e o aroma distante de sardinhas assadas. Enquanto caminhavam, os sons da cidade envolviam-nos como uma sinfonia desordenada: o tilintar de pratos em esplanadas, o burburinho de conversas em várias línguas, e o som ocasional de um scooter a passar. Young caminhava ao lado deles, parecendo absorver a energia da cidade tanto quanto os dois.

O restaurante Calcutá era acolhedor, com uma decoração que misturava tons quentes e texturas rústicas. Lâmpadas suspensas lançavam uma luz suave sobre as mesas, e uma música indiana instrumental ecoava baixinho, criando uma atmosfera tranquila. Foram conduzidos até uma mesa junto a uma janela, onde uma ventoinha de teto girava lentamente, refrescando-os do calor abrasador. Ilsa pegou no menu e sorriu: — «Gosta de bajis? Também recomendo o lassi de manga. É fresco e delicioso.» — «Parece

óptimo,» respondeu Elverian, sorrindo. Ilsa fez os pedidos com uma familiaridade descontraída, e enquanto aguardavam, começou a falar sobre a sua vida. — «Sabe, ontem disse-lhe que era música, mas isso é apenas uma das coisas que faço,» começou ela, ajeitando o cabelo com elegância. «Toco com os Telectu desde 2018, uma experiência que me abriu portas para explorar o som de formas completamente novas. Mas a música é apenas uma faceta do meu trabalho. Sou designer e cineasta desde os anos 90.

Publico em revistas e livros, mas o que me move mesmo é a ecoarte.» Elverian inclinou-se ligeiramente para a frente, intrigado. — «Dedico-me a projectos multidisciplinares que cruzam arte, ecologia e ciência. Por exemplo, tenho explorado o impacto ambiental através de ecocinema e instalações artísticas. Já apresentei trabalhos em festivais e conferências na Índia, no México, no Brasil… um pouco por todo o lado. É incrível como a arte pode criar pontes entre culturas e estimular mudanças na forma como vemos o planeta.» Ela pausou brevemente, como se recolhesse os pensamentos. — «Ah, e tem o meu projecto editorial: Animalia Vegetalia Mineralia. É uma plataforma onde partilho reflexões sobre arte, Natureza e o impacto humano no mundo. Recentemente publiquei um livro chamado Ecofeminismos e o Ecofeminismo da Bruxa. Abordo as narrativas cinematográficas como modo de consciencialização. O que acha disto?» Elverian acenou com a cabeça, maravilhado com a profundidade do mundo de Ilsa.

A CHEGADA DA COMIDA, O RETOMAR DA CONVERSA E O MONÓLOGO DE ELVERIAN

A conversa foi interrompida momentaneamente pela chegada dos pratos. O aroma das especiarias encheu o ar: bajis crocantes, frango tikka masala, caril de legumes, pão naan e dois copos de lassi de manga. Ilsa serviu-se primeiro, mergulhando um pedaço de naan no caril. — «Experimente este caril,» disse, sorrindo. «Vai ver que é maravilhoso.» Elverian seguiu o exemplo, saboreando a complexidade dos sabores. O calor das especiarias combinava perfeitamente com a frescura do lassi, criando uma experiência sensorial única. Depois de alguns momentos de silêncio, Ilsa retomou o seu relato: — "Recentemente, terminei um projecto que me consumiu durante anos. É sobre media animal e ecocinema, uma reflexão sobre como os filmes representam os animais e como isso molda a nossa relação com o ambiente. Mas sabe o que mais me fascina? A interseção entre arte e ciência. Por exemplo, como os documentários podem mudar perceções ou como o cinema pode criar empatia por espécies ameaçadas.

Acho que a arte é uma ferramenta poderosa de transformação.« Elverian ouvia atentamente, fascinado pela paixão que emanava de cada palavra dela. Finalmente, Ilsa parou e riu-se: — »Bem, estive aqui a falar e a falar, e nada sei sobre si. O que faz o Victor?« Elverian respirou fundo e, improvisando, começou a descrever uma versão cuidadosamente construída da sua vida: — »Nasci em Mesão Frio, um pequeno lugar no norte de Portugal. Cresci no Porto, onde vivi até aos 20 anos. A minha mãe, Eugénia, era professora e uma mulher muito culta. Foi ela quem me introduziu à literatura. O meu pai, Rufino, era um apaixonado por música. Passávamos horas a ouvir discos de vinil. Ele era obcecado por jazz e música clássica.« Ilsa ouvia com genuíno interesse, os olhos fixos em Elverian. — »Em 1983, mudei-me para Lisboa para estudar música e etnomusicologia. Fiquei fascinado pelos sons do mundo, principalmente aqueles que estão prestes a desaparecer. Tornei-me compositor e improvisador, sempre em busca de novas formas de explorar o som.

Viajo frequentemente para recolher gravações em lugares remotos e estudo como a música influencia culturas.« Ilsa sorriu: — »Que

interessante. Somos ambos músicos. Adoro isso."

O CINEMA, A LIGAÇÃO E UMA TARDE DE MÚSICA E CHÁ

Após o almoço, enquanto caminhavam pelo Bairro Alto, Ilsa sugeriu com entusiasmo: — Que tal irmos ao Cinema Ideal? Está em exibição Branca de Neve, de João César Monteiro. É uma obra extraordinária, muito conceptual. Acho que vais adorar. Elverian, curioso, assentiu. — Parece interessante. João César Monteiro... é um nome que já ouvi em conversas por aí. Ele é conhecido por experimentar, não é? — Exato! — respondeu ela, com os olhos a brilhar. — Ele é um dos cineastas portugueses mais ousados e provocadores. Este filme, em particular, desafia o que entendemos como cinema. É pura essência, despojado de imagens, mas incrivelmente rico em significado. Chegaram ao Cinema Ideal, um espaço acolhedor e discreto, com um ar vintage que parecia combinar perfeitamente com o espírito de João César Monteiro. Compraram os bilhetes e entraram. Sentaram-se numa fila central, numa posição privilegiada para sentir a imersão sonora que Ilsa prometera. Quando o filme começou, Elverian ficou intrigado.

O ecrã permanecia negro, enquanto as vozes dos atores começavam a narrar a história. A ausência de imagens, substituídas por tonalidades escuras, parecia uma ecrã em branco onde a imaginação se tornava a protagonista. — Este filme é uma adaptação da peça homónima do escritor suíço Robert Walser — sussurrou Ilsa. — Monteiro optou por este formato para explorar o poder do som e da narrativa sem depender da imagem. É um gesto quase subversivo. Elverian inclinou-se ligeiramente para ela, tentando não perder nenhum detalhe. — É como se ele quisesse que víssemos com os ouvidos. Ou melhor, com a mente. Fascinante. Ilsa sorriu. — Isso faz-me lembrar a música de John Cage, como 4’33’’. O silêncio como parte da composição. O que está ausente torna- se tão importante quanto o que está presente. A atmosfera no cinema era densa, carregada de atenção e expectativa. Elverian pensou nas obras de Yves Klein, que Ilsa mencionara anteriormente numa conversa. Ele virou-se para ela e murmurou: — Sabe o que isto também me faz lembrar?

Os quadros monocromáticos de Yves Klein, especialmente os azuis. São simples, mas transportam-nos para algo maior, como se quiséssemos mergulhar neles. Ilsa assentiu, entusiasmada. — Sim! E o azul de Klein, tal como o preto de Monteiro aqui, não é apenas uma cor ou uma ausência de cor. É uma imensidão. Uma ecrã onde projetamos o nosso próprio universo interior. Ou como os livros em branco de artistas contemporâneos, que nos forçam a imaginar o conteúdo. Monteiro faz isso com as imagens em movimento. Durante o filme, a ausência de imagens e a riqueza do design sonoro levaram Elverian a uma meditação. Cada palavra, cada ruído e cada pausa carregavam um peso extraordinário. Era como ouvir uma ópera sem ver a cena — a história tornava-se íntima e pessoal, reconstruída pela sua mente. Quando a sessão terminou, Ilsa virou-se para ele, visivelmente curiosa.

— Então? O que achaste? Elverian ficou em silêncio por uns segundos antes de responder: — Extraordinário. Nunca vi nada assim. Fez-me pensar que, às vezes, o que não está lá é tão importante quanto o que está. É como se Monteiro nos pedisse para co-criar o filme com ele. Ilsa sorriu, satisfeita. — Exatamente! Ele dizia que a arte não deve dar tudo de bandeja. Deve desafiar-nos, fazer-nos pensar, sentir, imaginar. Ele é como Duchamp. Transformou o que poderia ser descartável em algo sublime. Saíram do cinema com a conversa a fluir. Passaram por uma gelataria italiana e decidiram pausar. Ilsa pediu um gelado de chocolate negro, enquanto Elverian escolheu um de limão. — Este filme fez-me lembrar a peça que Cage apresentou como uma sinfonia de silêncio. É uma celebração do que geralmente ignoramos — disse Elverian, enquanto saboreava o gelado. Ilsa concordou. — Sim, e também é um convite à introspeção. Um silêncio cheio de significados, como os intervalos numa sinfonia. É uma obra que transcende o tempo.

Enquanto regressavam a casa, o sol já se punha, tingindo o céu de tons de laranja e púrpura. As conversas continuaram sobre cinema, música e filosofia, como se o filme os tivesse levado a um novo nível de entendimento mútuo. Chegados ao edifício, Ilsa sorriu. — Gostei muito de passar esta tarde contigo. Acho que temos de repetir. Elverian retribuiu o sorriso, sentindo uma leveza nova no seu coração alienígena. — Concordo. Foi uma experiência que me marcou.

Obrigado por me mostrares o Monteiro.

— O prazer é todo meu. _ Queres vir ouvir um pouco de música ao meu apartamento? _ Sim… adoro escutar músicas novas. Chegados ao apartamento de Elverian, Ilsa percorreu o espaço com o olhar atento, absorvendo os detalhes da decoração. — «Adoro este estilo. Minimalista, mas acolhedor. Muito zen,» comentou, sorrindo enquanto passava os dedos por uma prateleira impecavelmente organizada com os livros que Elverian tinha comprado na Bertrand e que entretanto lhe tinham sido entregues. — «Obrigado,» respondeu Elverian. «É um reflexo da funcionalidade. Gosto de manter as coisas simples.» Ilsa aproximou-se da janela, admirando a vista enquanto Young se deitava preguiçosamente no tapete da sala. — «Tens um espaço óptimo aqui. Mas falta-te alguma coisa.» Elverian olhou-a com curiosidade. — «O quê?» — «Gatos,» disse ela, virando-se para ele com um sorriso malandro. «São a companhia perfeita. Inteligentes, independentes, e têm uma ligação quase espiritual com o ambiente que nos rodeia.» Elverian riu-se.

— «Nunca pensei nisso, mas é uma ideia interessante. Achas que Young e Alva me perdoariam se começasse a criar concorrência felina?» Ilsa soltou uma gargalhada. — «Young adaptava-se. Alva… não sei. É uma diva, mas acaba por aceitar tudo, desde que seja a rainha da casa.» Elverian sorriu enquanto colocava água a aquecer para preparar o chá.

— «Tenho de te apresentar uma sinfonia incrível enquanto tomamos chá. É de um compositor arménio chamado Avet Terterian.» Ilsa arqueou uma sobrancelha, intrigada. — «Nunca ouvi falar dele. Conta-me mais.» — «Terterian é… único. As suas sinfonias são como paisagens sonoras. É como se cada som fosse uma pincelada num quadro vasto e misterioso. Ele usa instrumentos tradicionais misturados com técnicas modernas, criando algo que transcende o tempo e o espaço.» — «Isso soa fascinante. Mal posso esperar para ouvir,» disse ela, sentando-se confortavelmente no sofá. Elverian trouxe duas chávenas fumegantes de chá de lúcia-lima e colocou o iPhone ligado por Bluetoth à aparelhagem. Assim que a Sinfonia Nº7 começou, uma atmosfera quase mística envolveu a sala. O som inicial

era suave, quase etéreo, com cordas que pareciam surgir do silêncio, como uma brisa que lentamente se transforma num vendaval emocional. Ilsa fechou os olhos, absorvendo cada nota. — «Isto é hipnotizante,» murmurou.

«Os tons graves das cordas é como se estivessem a sussurrar histórias antigas.» Elverian, sentado ao lado dela, observava-a com um misto de admiração e fascínio. — «É isso mesmo. Cada momento parece contar uma narrativa. E, quando entram os instrumentos tradicionais arménios, como o duduk, é como se estivéssemos a ouvir a alma de uma imaginária civilização.» A música tornou-se mais intensa, com percussões profundas e sons inesperados que pareciam vir de outra dimensão. Ambos ficaram em silêncio, totalmente imersos na experiência. Quando a última nota se dissipou no ar da sala, Ilsa abriu os olhos lentamente.

— «Que obra maravilhosa. É quase cinematográfica, mas sem necessidade de imagens. Ele deixa tudo à nossa imaginação.» — «Exatamente,» respondeu Elverian. «Terterian faz-nos ouvir para além do óbvio. É como se dissesse que o som puro é suficiente para despertar algo profundo em nós.» Ilsa levantou-se e estendeu-lhe a chávena. — «Obrigado por isto. Não conhecia Terterian, mas ganhou uma fã hoje.» Enquanto Elverian lavava as chávenas, Ilsa explorava novamente a sala, parando diante da estante de livros. — «Gertrude Stein? Vejo que gostas de literatura experimental.» Elverian sorriu. — «Sim, a estrutura dela desafia a lógica convencional, assim como Terterian desafia a música tradicional. Acho que me atraem coisas que nos fazem pensar ou sentir de maneiras novas e originais.» Ilsa assentiu, pensativa. — «Concordo. A arte que nos força a sair da zona de conforto é a que nos transforma. É por isso que amo Monteiro, Cage, ou até os quadros monocromáticos do Yves Klein. Simplicidade que nos revela complexidade.»

Enquanto o sol começava a descer no horizonte, Ilsa olhou para o relógio. — «Bem, está na hora de ir. Tenho de dar de comer à Alva e levar o Young para outro passeio. Mas adorei esta tarde. Temos de repetir.» Elverian acompanhou-a até à porta. — «Foi um prazer. Vamos combinar algo em breve. Talvez da próxima vez seja eu a ouvir as tuas

recomendações musicais.» Ela sorriu, despedindo-se com um leve aceno. — «É uma promessa. Até breve, Victor.» Elverian fechou a porta com um sorriso e, ainda envolto nos ecos da música e da conversa, pegou em The MCantinho do Vintageng of Americans, de Gertrude Stein. Sentou-se no sofá, imerso nos seus pensamentos, antes de adormecer ao som da sinfonia que parecia continuar a ecoar na sua mente.

CAPÍTULO 12

O AMOR E A REVOLUÇÃO MUSICAL

O SUCESSO INICIAL E O CRESCIMENTO RÁPIDO

Dois meses tinham passado desde o primeiro encontro de Ilsa e Victor, e as suas vidas transformaram-se de forma irreversível. O que começou como passeios casuais e discussões filosóficas rapidamente evoluiu para uma relação amorosa profunda, enriquecida pelo amor mútuo pela arte, pela música e pelo mundo ao seu redor. Juntos, tinham criado algo único: um duo musical chamado The Banksys, uma homenagem ao enigmático artista plástico cuja identidade ainda hoje permanece desconhecida. A estreia do duo foi em pequenos clubes de Lisboa, onde a sua música experimental e imersiva rapidamente chamou a atenção. A crítica local descreveu-os como «pioneiros de um novo som que mistura o ambiental e o glitch com uma carga emocional profunda». As redes sociais amplificaram o impacto: vídeos das suas performances ganharam tração no Instagram e TikTok, onde os ouvintes partilhavam excertos das paisagens sonoras que criavam. — «Isto está a crescer tão rápido,» comentou Ilsa numa noite, enquanto lia uma crítica no Diário de Notícias.

— «E pensar que começámos há tão pouco tempo,» respondeu Victor, ajustando os cabos dos sintetizadores no estúdio improvisado em casa. «Mas sinto que ainda estamos só a arranhar a superfície do que podemos fazer juntos.» Com o sucesso no Bandcamp, surgiram convites de promotores internacionais. Primeiro, pequenos festivais na Europa; depois, os grandes palcos. Começaram a tour internacional por Berlim, onde tocaram num espaço icónico, o Berghain. A multidão,

acostumada à música eletrónica tradicional, ficou hipnotizada pela fusão única de sons orgânicos e digitais. Paris, Londres e Barcelona seguiram-se, cada cidade trazendo novos públicos fascinados pela profundidade e complexidade do som dos The Banksys. Em Nova Iorque, tocaram no lendário Carnegie Hall, numa noite que foi transmitida ao vivo pelo YouTube, alcançando milhões de visualizações. Los Angeles recebeu-os com entusiasmo, e críticos compararam-nos a nomes como Brian Eno e Laurie Anderson.

Em São Francisco, Ilsa emocionou a plateia ao integrar gravações de sons da Natureza californiana, como o canto das baleias e o som do vento nas sequóias. — «Os americanos têm uma energia incrível,» comentou Ilsa enquanto atravessavam a Ponte Golden Gate. — «E uma fome insaciável por novidade,» acrescentou Victor. «Mas sinto que estamos a plantar sementes de algo mais profundo aqui.» No Japão, tocaram em Tóquio e Quioto, sendo recebidos como verdadeiras estrelas. Os japoneses admiraram a sensibilidade e a precisão da música do duo, comparando-a ao conceito estético do wabi-sabi. Na China, em Xangai, o público dançou ao som dos glitches ritmados, enquanto em Pequim, Ilsa integrou sons de grilos chineses e ventos do deserto de Gobi nas composições. Em Bombaim, tocaram num festival de música e espiritualidade. O som do metalofone de Ilsa misturava-se com gravações de cantos védicos, criando uma atmosfera quase religiosa. O público, em transe, aplaudiu de pé por vários minutos.

— «A Índia tem uma ligação espiritual com o som,» reflectiu Ilsa enquanto caminhavam pelas ruas movimentadas de Bombaim. — «E nós estamos apenas a aprender,» concordou Victor. Os The Banksys tornaram-se uma sensação global. Notícias sobre o duo apareciam em revistas como Rolling Stone e Wire, e entrevistas nos principais canais de televisão destacavam a singularidade do projecto. A música deles era descrita como «o som do presente com ecos do futuro.» No Instagram, as publicações de Ilsa, que incluíam fotografias de paisagens naturais e bastidores dos concertos, atraíram milhões de seguidores. TikTok estava inundado de vídeos dos seus concertos, enquanto o Facebook servia como um fórum para fãs partilharem interpretações das suas músicas.

DIÁLOGO SOBRE O SUCESSO E O FUTURO

A chuva batia levemente na janela do quarto de hotel em Amesterdão, criando um fundo sonoro tranquilo que contrastava com a euforia do concerto esgotado de poucas horas antes. Ilsa e Victor estavam sentados no sofá, partilhando uma garrafa de vinho branco holandês. A cidade iluminada reflectia-se nas vidraças, mas ambos estavam imersos na conversa, longe das luzes lá fora. — «Estamos a tornar-nos estrelas, Victor.» — Ilsa disse com um sorriso ligeiramente nervoso. — «Mas será que conseguimos manter a essência do que fazemos? Não quero que a nossa música se torne algo vazio, apenas um produto para consumo.» Victor recostou-se, pensativo. A luz suave do abajur iluminava os traços serenos do seu rosto. — «O sucesso é uma ferramenta, não um fim,» começou ele. — «Se conseguirmos usar esta plataforma para inspirar mudanças — na música, na forma como as pessoas percebem a Natureza, o som, até as próprias vidas — então vale a pena.» Ilsa mordeu o lábio inferior, reflectindo. — «Sabes, sinto que ainda estamos a arranhar a superfície.

Temos tanto para explorar. Quero criar algo que toque as pessoas profundamente, algo que as faça pensar sobre o mundo, sobre as ligações que existem entre nós e a natureza. Algo que não se esqueça.» Victor inclinou-se para a frente, os olhos brilhando com a ideia. — «Talvez uma peça mais longa, algo como uma sinfonia moderna, mas totalmente nova. Algo que misture tudo o que temos vindo a fazer com camadas ainda mais profundas de som.» Ilsa animou-se, pegando num bloco de notas ao lado. — «Sim! Mas não uma sinfonia no sentido tradicional. Uma que incorpore o som da vida, literalmente. O ruído das florestas tropicais, o som do gelo a partir no Ártico, as vozes das baleias... misturadas com a nossa eletrónica.» — «E com glitches,» acrescentou Victor, sorrindo. — «Texturas granuladas que transformem esses sons da Natureza em algo novo, quase alienígena, mas profundamente humano ao mesmo tempo.» Ilsa sorriu de volta, riscando algo no bloco.

— «Imaginas uma peça que comece com o som de chuva suave, como esta noite aqui, e vá crescendo com o som de trovões distantes... depois a música entra, mas de forma quase impercetível. E no final,

silêncio absoluto, só o som do vento.» Victor fechou os olhos, visualizando o que ela descrevia. — «É quase como um ciclo natural. Começa e termina no silêncio. E talvez no meio possamos criar secções que reflitam as grandes questões: a destruição ambiental, mas também a regeneração, a esperança.» Ilsa pousou o bloco e olhou para ele com admiração. — «Achas que podemos mesmo tocar as pessoas assim? Transformá-las?» Victor segurou a mão dela, firme. — «Já estamos a fazer isso. Já viste as mensagens que recebemos? Há pessoas a dizer que começaram a ouvir a Natureza de forma diferente por causa da nossa música. É isso que importa, Ilsa. Não importa quantos seguidores temos ou em quantas capas de revistas aparecemos. O impacto real está na mudança que provocamos no interior das pessoas.» Ilsa respirou fundo, emocionada. — «Tens razão.

Mas também quero que essa mudança aconteça em mim. Quero que o nosso trabalho me desafie, que me leve mais longe do que já fui.» Victor riu, relaxando. — «A mim já me levaste. Nunca pensei que pudesse fazer música assim. Antes de te conhecer, tudo o que fazia era técnico, racional. Tu trouxeste a alma para o que fazemos.» Ilsa inclinou-se e beijou-lhe a testa, carinhosa. — «E tu ensinaste-me que a tecnologia pode ser mais do que uma ferramenta. Que pode ser uma ponte. Vamos construir mais pontes juntos, Victor.» A conversa continuou pela noite dentro, o vinho esvaziando-se aos poucos. Falaram sobre ideias para novas peças, sobre como integrar sons gravados durante as suas viagens, sobre criar concertos ao ar livre em florestas ou praias. — «O que achas de um projecto que seja 100% alimentado por energia solar?» sugeriu Ilsa, os olhos brilhando. Victor assentiu, entusiasmado. — «E um onde o público possa interagir directamente com os sons?

Como se as pessoas também fizessem parte da peça, movendo-se pelo espaço ou tocando objetos que mudam o som?» Ilsa levantou-se e começou a andar pelo quarto, animada. — «Ou talvez possamos trabalhar com biólogos! Imagina transformar sons de espécies ameaçadas em música, para sensibilizar as pessoas.» Victor observava-a, fascinado. — «A tua paixão é contagiante. E se combinássemos tudo isso num álbum? Algo que fosse ao mesmo tempo uma obra de arte sonora e uma chamada de atenção para o planeta.»

Ilsa parou e olhou para ele, séria. — «Podemos mesmo mudar o mundo, Victor?» Ele levantou-se e segurou-lhe o rosto nas mãos. — «Já começámos, Ilsa. E não vamos parar agora.» O silêncio que se seguiu foi preenchido apenas pelo som da chuva. Eles sabiam que as suas vidas, as suas músicas e as suas ideias estavam destinadas a transformar o mundo — uma nota, um som e uma emoção de cada vez.

GATINHO, GATINHA, AS VIAGENS PELO PAÍS E A MENSAGEM DE AMULON

Ana Bela Mayor, uma amiga de Ilsa e defensora incansável dos direitos dos animais, apresentou-lhes Gatinho e Gatinha, dois felinos resgatados de um abrigo. Gatinha era uma fêmea preta e branca, enérgica e curiosa, enquanto Gatinh, um macho siamês com olhos azuis, era mais calmo e contemplativo. Desde o primeiro momento, os gatos pareciam compreender a sensibilidade do lar para onde foram levados. Quando Ilsa tocava o metalofone ou o theremin, Gatinha enroscava-se ao seu lado, fechando os olhos como se estivesse a absorver cada som. Gatinho, por sua vez, adorava explorar os sintetizadores de Victor, muitas vezes pressionando teclas e gerando sons inesperados que acabavam por inspirar novas composições. Durante os fins de semana, o Tesla branco de Victor tornava- se uma extensão da sua casa criativa. Percorriam as estradas do país, descobrindo recantos menos explorados de Portugal. As praias desertas do Alentejo, com o som das ondas a rebentar contra as falésias, tornaram-se um dos seus destinos preferidos. Lá, Ilsa gravava sons naturais — o canto distante de uma gaivota, o sussurro do vento nas dunas — para integrar nas suas composições.

Nas serras do Gerês, encontraram riachos cristalinos e bosques antigos, onde discutiam longamente sobre ecologia e filosofia. Ilsa falava com paixão sobre a «ecologia profunda», uma visão do mundo que considera a Natureza como um todo integrado, onde humanos e não-humanos têm igual valor. Victor, por outro lado, trazia a perspetiva cósmica: explicava como cada partícula de matéria na Terra tinha origem em explosões estelares, como o destino do planeta estava ligado ao do universo. — «Sabes, Ilsa,» disse Victor enquanto

caminhavam num caminho rodeado por carvalhos. — «O que vejo neste planeta é um reflexo do Cosmos. A forma como a vida encontra ordem no caos... é como as galáxias a formarem-se a partir de poeira estelar.» Ilsa sorriu, parando para colher um pequeno ramo de tomilho selvagem. — «E o que eu vejo é que tudo está conectado. Até mesmo este tomilho. Quando o cheiras, a memória que desperta em ti está ligada ao mundo inteiro, porque sem este planeta, sem esta vida, nunca poderias senti-lo.»

No regresso a casa, o Tesla transformava-se num espaço de partilha criativa. Victor reproduzia os sons gravados por Ilsa, processando-os em tempo real com os seus sintetizadores granulares. O chilrear dos pássaros tornava-se um eco digital, e o som da água a correr era transformado em ritmos hipnóticos. Era como se cada viagem fosse uma performance composta em tempo real.

A REVOLUÇÃO EM AMULON

Enquanto isso, em Amulon, uma revolução silenciosa estava em pleno andamento. As transmissões de Victor, cheias de sons da Terra, desde melodias dos Beatles até gravações da Natureza, causavam um impacto sem precedentes. Cidades antes frias e funcionais começaram a florescer com cores vivas e vegetação. Jardins suspensos cobriam os arranha-céus, fontes cantavam com melodias harmoniosas e praças públicas tornaram-se locais de celebração comunitária. Pela primeira vez, os habitantes experimentavam emoções genuínas: alegria, paz e até amor. Num centro cultural recentemente construído em Amulon, multidões reuniam-se para ouvir os sons da Terra. O primeiro álbum de Ilsa e Victor, intitulado «Terra Sonora», tornara-se um fenómeno cultural. Em todas as transmissões, Victor era celebrado como um salvador. Os xenomusicólogos de Amulon analisavam cada som com reverência, tentando compreender o segredo das emoções que transformavam os seus ouvintes.

Num dos seus relatórios regulares, Victor recebeu uma mensagem especial dos seus superiores: — «Caro Elverian, o Conselho de Xenomusicólogos reuniu-se em carácter de emergência. A música que tens enviado tornou-se o pilar de uma transformação sem precedentes

em Amulon. No entanto, após cuidadosa análise, chegámos a uma conclusão unânime: precisamos de Ilsa Dorzac no nosso planeta.» Victor ficou em silêncio, atento. — «A sua música, as suas ideias, a profundidade da sua filosofia... vão muito além do que conseguimos compreender apenas através das transmissões. Acreditamos que a presença dela aqui poderia consolidar esta revolução cultural. A sua interação directa com os nossos músicos e pensadores seria um evento único na história de Amulon.» — «Elverian, as transformações que trouxeste ao nosso planeta são extraordinárias. A tua partilha dos sons da Terra revelou uma dimensão que nunca conhecíamos: emoção profunda. No entanto, acreditamos que estamos apenas a começar a compreender esta riqueza.

Precisamos de algo mais: da tua companheira Ilsa Dorzac.» A mensagem continuava, enfatizando a importância de Ilsa para o futuro de Amulon: — «Ela é a personificação da ligação entre Arte e Natureza. Precisamos da sua presença aqui, das suas ideias, da sua música, para que possamos compreender mais plenamente o que significa criar e sentir. Sem ela, receamos que esta transformação possa ser efémera. Precisamos dela, Elverian, e faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para a trazer para cá. O destino do nosso planeta depende disso.» A mensagem tornou-se ainda mais grave: — «Temos receio de que, sem ela, esta transformação possa ser temporária. Sem a sua influência directa, há uma possibilidade real de que a nossa sociedade regresse ao estado emocionalmente apático do passado. O povo de Amulon vê em Ilsa um símbolo de esperança e salvação. Estaríamos dispostos a oferecer todas as condições para que ela venha até nós, com todo o conforto e segurança.» Zelda fez uma pausa antes de concluir: — «A decisão é tua, Elverian.

Sabemos da ligação especial que tens com ela. Mas pedimos-te que consideres a importância vital deste pedido. O futuro do nosso planeta pode depender desta escolha.» O holograma desapareceu, deixando Victor sozinho com os seus pensamentos e preocupações. Victor sentou-se no sofá, segurando Gatinho no colo enquanto Gatinha saltava para o seu ombro. Pensava na responsabilidade que tinha para com Amulon e no amor profundo que sentia por Ilsa. Como poderia pedir-lhe algo tão grande? E como poderia ignorar o impacto que ela já

estava a ter no seu planeta?

Victor leu a mensagem várias vezes, reflectindo sobre o que significava. Amava Ilsa profundamente e sabia que ela tinha o direito de decidir o seu próprio destino. Mas também sabia o impacto que ela já estava a ter em Amulon e no seu povo. Sentou-se à mesa da sala, onde Gatinho e Gatinha brincavam com uma bola de papel, e respirou fundo. Ele teria de partilhar isto com Ilsa, sabendo que qualquer decisão que tomassem mudaria não apenas as suas vidas, mas o destino de dois mundos. Quando Ilsa entrou no apartamento com Young, trazendo um livro sobre ecologia para partilhar, Victor sabia que teria de encontrar as palavras certas. Olhou para ela, admirando a paixão e a sabedoria que a tornavam única, e começou a preparar-se para o diálogo mais importante da sua vida. Victor sentiu o peso da responsabilidade. O sucesso global havia colocado Ilsa sob os holofotes da Terra, mas também a tornara essencial para a sobrevivência emocional e cultural de Amulon. — «Ilsa,» começou ele, hesitante, enquanto ela preparava chá na cozinha.

— «Diz,» respondeu ela, sem perceber a gravidade da situação. Victor respirou fundo. — «Há algo que preciso de te pedir. Algo grande... e pode mudar tudo.» O momento estava carregado de incerteza, mas a ligação entre os dois era inquebrável. A decisão que tomariam não seria apenas sobre as suas vidas, mas sobre o destino de dois mundos.

CAPÍTULO 13

O ENCONTRO DE DOIS MUNDOS

UMA MANHÃ DE TRANSIÇÃO

A manhã começara como tantas outras no Bairro Alto. O som inconfundível de Young, o cão de Ilsa, ecoava pela escada do edifício, numa mistura de entusiasmo e impaciência. Do lado de fora, o chilrear de pássaros criava um contraponto melódico, enquanto o sol, tímido mas persistente, espreitava pelas persianas entreabertas do apartamento de Victor, desenhando linhas douradas nas paredes brancas. A luz invadia o espaço com suavidade, reflectindo nos móveis minimalistas e no chão de madeira polida. Do lado de fora da janela, a cidade começava a despertar. As árvores dos jardins próximos balançavam ao ritmo do vento matinal, e o perfume das flores de jacarandá misturava-se ao aroma dos cafés que começavam a ser servidos nas esplanadas. Victor podia ouvir os sons familiares do bairro: o tilintar de chávenas, o som abafado de conversas, e, ao longe, o rolar de um eléctrico sobre os carris. No horizonte, o céu apresentava um degradê de cores: o azul pálido do início do dia transformava-se em tons quentes de laranja e dourado.

As gaivotas voavam preguiçosamente sobre os telhados, enquanto o rio Tejo reluzia sob os primeiros raios de sol, como um espelho líquido que reflectia o despertar da cidade. Victor levantou-se lentamente, inspirando o ar fresco que entrava pela janela aberta. Era um perfume de vida, de renovação, misturado com o cheiro suave da maresia que o vento trazia do rio. O som rítmico dos passos de Ilsa no andar de cima, provavelmente enquanto passeava de um lado para o outro a preparar

o dia, ecoava pelo teto, acompanhado por uma música distante e melódica que parecia fluir do seu apartamento. Do lado de fora, as plantas das varandas estavam vivas com pequenas abelhas e borboletas que já iniciavam o seu trabalho diário. As folhas reluziam com gotas de orvalho, enquanto o sol transformava a cidade numa misteriosa tapeçaria vibrante de luz e sombra. Victor abriu a porta da varanda e deixou os pés descalços sentirem o toque frio das pedras.

Ele olhou para o pequeno jardim que havia criado: vasos com ervas aromáticas como manjericão e tomilho, e uma pequena trepadeira de jasmim que começava a cobrir a grade de ferro. As flores brancas do jasmim exalavam um perfume que era ao mesmo tempo doce e nostálgico, transportando-o para memórias de outros mundos. Enquanto Young, agora do lado de fora com Ilsa, latia alegremente para um gato que cruzava o caminho, Victor sentiu uma leveza no peito. A paisagem ao redor parecia falar com ele: a Natureza e a cidade coexistiam numa harmonia que só Lisboa sabia proporcionar. Era uma manhã como tantas outras, mas, ao mesmo tempo, carregada de algo indefinível, uma promessa silenciosa de mudança. No entanto, Victor sabia que aquele dia seria diferente. O pressentimento de que a sua vida estava prestes a mudar era quase palpável, como uma sombra invisível que o acompanhava desde que acordara. Ele tinha algo de crucial para revelar a Ilsa, uma verdade que não podia mais ser adiada.

Sabia que as palavras que guardava poderiam redefinir tudo entre eles, tanto para o bem como para o mal. Era o momento de confessar quem realmente era, mesmo que isso significasse arriscar o amor que tinham construído. A sala parecia mais escura do que o habitual, apesar da luz suave que entrava pelas janelas. As cortinas ondulavam levemente, movidas por uma brisa que parecia carregar o peso da tensão que enchia o espaço. Os sons habituais de Young a ladrar no corredor e dos gatos a ronronar pareciam distantes, como se o mundo ao redor estivesse em suspenso. Victor estava sentado no sofá, as mãos pousadas sobre os joelhos, os dedos a entrelaçarem-se num gesto de nervosismo que não conseguia esconder. O relógio na parede marcava os segundos com uma precisão quase ensurdecedora, cada tic-tac ecoando como um lembrete implacável de que o tempo estava a

esgotar-se. Ilsa entrou na sala com uma chávena de chá fumegante, os seus movimentos calmos contrastando com o tumulto interior de Victor.

Ela sentou-se numa poltrona em frente a ele, cruzando as pernas com uma graciosidade despreocupada, mas o olhar fixo que lhe lançou traía uma curiosidade inquieta. A tensão no ar era quase tangível. Mesmo os animais pareciam sentir a mudança: Young deitou-se aos pés de Ilsa, mas manteve a cabeça erguida, como se esperasse algo. Os gatos, habitualmente despreocupados, estavam em silêncio absoluto, os olhos fixos nos dois. Victor respirou fundo, tentando reunir a coragem necessária para começar. A revelação pesava-lhe como um fardo, mas sabia que não podia continuar a esconder a verdade. Olhou para Ilsa, e por um momento, hesitou. Os seus olhos brilhavam com uma intensidade que o desarmava, como se ela já soubesse que algo importante estava prestes a ser dito. No entanto, antes que ele pudesse pronunciar uma única palavra, Ilsa inclinou-se ligeiramente para a frente, os lábios entreabrindo-se num gesto de antecipação.

O silêncio tornou-se ensurdecedor, e o coração de Victor começou a bater mais rápido, como se soubesse que a sua oportunidade de falar estava prestes a ser interrompida.

Ela quebrou o silêncio primeiro. A sua voz era calma, mas carregada de algo indefinível — uma combinação de curiosidade, determinação e algo mais profundo, quase como se já estivesse a prever o que Victor queria dizer. O momento era denso, quase cinematográfico, como se uma câmara invisível estivesse a capturar cada detalhe: o ligeiro tremor das mãos de Victor, a forma como os olhos de Ilsa pareciam penetrar os seus, o som distante do vento a bater na janela. Victor sentiu o estômago revirar-se. A tensão entre eles alcançava agora um ponto insuportável. Ele sabia que a revelação que estava prestes a fazer seria um ponto de viragem, um momento que definiria não só o futuro da sua relação, mas também o destino de tudo o que ele representava. O silêncio voltou a instalar-se, denso como uma neblina. Lá fora, uma nuvem passou diante do sol, mergulhando a sala numa sombra súbita. O ambiente parecia suspenso no tempo, como se o universo inteiro aguardasse o desfecho daquele

momento. E então, Ilsa falou.

UMA REVELAÇÃO INESPERADA

— «Sabes, Victor,» começou ela, com a voz calma mas firme, — «também tenho algo muito importante para te dizer. É algo sobre mim, mas que também tem a ver contigo.» Victor inclinou-se ligeiramente para a frente, surpreso, enquanto ela continuava. — "Desde que me lembro de ser, sinto que não pertenço a este mundo. É como se estivesse aqui apenas de passagem, como se tivesse vindo realizar uma missão que ainda não compreendo totalmente. Sempre tive uma ligação profunda com a Natureza, com os animais, mas nunca com as pessoas. Não de verdade. Eu amo o que é vivo, o que respira, o que pulsa, mas o meu coração sabe que este planeta não é o meu lar.« Ela pausou, respirando fundo antes de continuar. — »Vivo presa a este corpo, mas sinto que sou energia, algo volátil. Sei que parece loucura, mas sempre acreditei que a minha existência pertence a outro lugar, a outra dimensão. Já cumpri o que tinha para realizar aqui na Terra, e cada dia que passa, sinto mais claramente que preciso de partir.

Preciso de descobrir onde realmente pertenço.« Victor permaneceu em silêncio, absorvendo as palavras que pareciam um eco de algo que ele próprio sempre soubera. Antes que pudesse responder, Ilsa fixou-o com um olhar intenso. — »Mas também tu, Victor... também tu escondes algo. Não és apenas um músico ou um nerd da tecnologia. Os teus computadores, os teus dispositivos, a tua música... tudo isso parece vir de um lugar além da compreensão humana. E, mais importante, tu próprio não pareces ser deste mundo. Eu amo- te, mas sinto que há algo que tens medo de me contar.« Victor sabia que o momento tinha chegado. Inspirou profundamente e começou. — »Tens razão, Ilsa. Não sou deste mundo. Sou de um planeta chamado Amulon, localizado num sistema solar distante na galáxia de Andrômeda. Em Amulon, a nossa civilização é altamente avançada tecnologicamente, mas emocionalmente... somos desprovidos.

A música e a arte desapareceram das nossas vidas há séculos, e com elas, a nossa alegria e propósito.« Ilsa ouvia atentamente, os seus olhos arregalados, mas sem traço de julgamento. — »Fui enviado numa

missão, como muitos outros da minha espécie, para descobrir e trazer de volta aquilo que perdemos: som, música, emoções. Enquanto outros foram enviados a diferentes planetas, eu vim para a Terra. Aqui, descobri o som da chuva, o chilrear dos pássaros, o vento entre as árvores, o bater das ondas. Descobri a música que os humanos criam, carregada de sentimento e significado. E, acima de tudo, descobri-te a ti.« Victor continuou, revelando como o seu trabalho na Terra estava a transformar Amulon. Falou dos relatórios enviados, das mudanças incríveis no planeta graças às transmissões de sons e músicas, e do impacto que Ilsa tivera. — »Ilsa, tu és mais do que a razão pela qual a minha missão foi um sucesso. És a razão pela qual o meu planeta voltou a ter esperança. Recebi uma mensagem dos meus superiores.

Eles pedem, desesperadamente, que venhas comigo a Amulon. Acham que apenas tu, com a tua visão, a tua música, podes salvar o nosso mundo. Sem ti, receiam que tudo volte ao vazio de antes.« Quando terminou, Victor olhou para Ilsa, esperando pela reação que poderia mudar tudo. Ela permaneceu em silêncio por alguns instantes, depois disse: — »Victor, talvez tu sejas o meu propósito. Talvez o teu mundo seja, afinal, o meu mundo. Sinto que sempre estive à procura de algo, e agora percebo que é isto.« — »Estarias disposta a partir comigo?« perguntou ele, quase sem fôlego. Ilsa sorriu, com um brilho nos olhos. — »Sim. Nada mais me prende a este mundo. Quem sabe o teu planeta seja a resposta para aquilo que sempre procurei." Abraçaram-se profundamente, e Young, o cão de Ilsa, juntou-se ao momento, abanando a cauda alegremente. A gata Alva observava à distância, enquanto Gatinho e Gatinha, os dois felinos de Victor, vinham explorar o que se passava.

— «Mas temos de levar connosco a nossa família,» disse Ilsa, acariciando Young. — «O Young, a Alva, a Gatinha e o Gatinho. Eles são parte de nós.» — «Claro que sim,» respondeu Victor. «Eles fazem parte desta jornada.»

DE MÃOS DADAS, ENTRE DOIS MUNDOS

Os seus dedos entrelaçaram-se como raízes que encontram força no solo fértil do amor. O silêncio na sala era profundo, mas não vazio. Era um silêncio cheio de promessas, como o intervalo entre as notas de uma sinfonia, o prelúdio de algo imenso. O toque das suas mãos, quente e firme, parecia ressoar não apenas nos seus corpos, mas na própria essência do universo, como se cada átomo ao redor fosse puxado pela força gravitacional daquele momento. Victor olhou para Ilsa e viu nela um reflexo do Cosmos que tanto admirava. Os seus olhos brilhavam com a luz das estrelas que ele um dia contemplara de longe, do seu planeta natal. Ela, por sua vez, via nele a força primitiva da Terra, o mistério das florestas e o eco das montanhas. Não eram apenas dois seres apaixonados; eram a fusão de dois mundos, uma ponte entre o que era conhecido e o que ainda estava por ser descoberto. Lá fora, o sol despedia-se, tingindo o horizonte com tons de âmbar e escarlate. A luz invadia a sala através das janelas, envolvendo-os num abraço dourado.

Cada raio parecia sussurrar um segredo, um encorajamento, como se o próprio universo aprovasse a união improvável daqueles dois seres. Era o crepúsculo, o momento perfeito entre o fim e o começo. Victor inspirou profundamente, sentindo o peso da responsabilidade e o fervor do amor. Ele sabia que a jornada que estavam prestes a iniciar não era apenas uma viagem entre dois planetas; era uma odisseia entre duas almas. Cada passo que dariam seria uma dança no fio da história, onde o futuro de dois mundos pendia delicadamente na balança do destino. — «És a resposta para uma pergunta que eu nem sabia que precisava de fazer,» sussurrou Victor, a sua voz quase um murmúrio. «És a melodia que faltava no meu planeta, o tom perfeito na sinfonia da minha vida.» Ilsa apertou-lhe a mão, e os seus olhos encontraram-se numa troca de promessas silenciosas. Ela não precisava de palavras, porque a linguagem do amor e do mistério já se expressava através daquele toque.

Sabia que estava pronta para deixar para trás tudo o que conhecia, porque o que encontrara em Victor era maior do que qualquer coisa que o mundo pudesse oferecer. O tempo parecia suspender-se, como

se os ponteiros do relógio tivessem decidido parar para testemunhar aquele momento. Era como o toque de dedos na Capela Sistina, um gesto aparentemente simples, mas que simbolizava a criação de algo vasto e sublime. Entre eles, não havia apenas amor, mas também coragem, destino e a promessa de um futuro que ninguém poderia prever. A luz do sol desaparecia lentamente, dando lugar ao brilho suave da lua que agora espreitava pelo céu. Na penumbra da sala, Victor e Ilsa eram duas silhuetas unidas contra o fundo estrelado do universo. Ambos sabiam que a jornada à sua frente seria cheia de incertezas, desafios e mudanças, mas também sabiam que juntos poderiam enfrentar qualquer tempestade ou contrariedade. E enquanto as sombras da noite os envolvia, ambos compreendiam que não estavam apenas a iniciar uma aventura; estavam a criar uma lenda.

Uma história que ecoaria em dois mundos distintos, um conto de amor e coragem que atravessaria o tempo, como as estrelas que sempre iluminam a escuridão.

CAPÍTULO 14

ADEUS AO AZUL DA TERRA, O CHAMADO DE AMULON

ENCERRANDO CICLOS NA TERRA

As manhãs começavam invariavelmente no Adamastor. O miradouro oferecia uma vista deslumbrante sobre o Tejo, o rio a brilhar com tons dourados e prateados sob a luz do sol. Ilsa e Elverian sentavam-se numa das mesas da esplanada, acompanhados por Young, que descansava aos seus pés, e os gatos ficavam em casa, preguiçosos nas suas almofadas favoritas. — «Este rio tem algo de magnético,» comentou Ilsa, pousando o olhar na água. — «Parece transportar as histórias de todos os que já viveram ao longo das suas margens,» respondeu Elverian, contemplativo. — «Será que Amulon tem algo assim? Uma paisagem que conte histórias?» Elverian sorriu. — «Não como este rio, mas temos os oceanos violetas que reflectem as luas gémeas. Quando os vires, vais perceber o que quero dizer.» Enquanto bebiam os seus cafés e comiam torradas com compota, ouviam o burburinho ao redor: turistas a falar em línguas diferentes, músicos de rua a tocar melodias suaves, e o som distante de sinos de igrejas que ecoava pelo bairro.

Era um ritual que Ilsa sabia que ia sentir falta, mas fazia questão de absorver cada detalhe. Os almoços no Pinóquio tornaram-se um hábito nos últimos dias. O restaurante, com a sua atmosfera animada e descontraída, era perfeito para saborear os pratos que Ilsa adorava: amêijoas à Bulhão Pato, camarões da costa e as famosas batatas fritas às rodelas com orégãos. — «Este aroma de alho e coentros devia ser declarado Património da Humanidade,» brincou Ilsa, enquanto

mergulhava uma fatia de pão no molho das amêijoas. — «Vou certificar-me de que Amulon tem uma recriação fiel deste prato,» prometeu Elverian, com um sorriso. Ilsa riu-se. — «Mas, por favor, sem os hologramas a tentarem explicar os ingredientes.» — «Feito.» Entre as garfadas, discutiam as suas memórias favoritas da Terra e faziam planos para os últimos dias. — «Quero voltar à praia antes de partirmos,» disse Ilsa. — «E assistir a mais um concerto. Música ao vivo vai fazer- nos falta.» À noite, exploravam as opções culturais da cidade.

Uma dessas noites levou-os ao Teatro Nacional Dona Maria II para assistir a uma peça contemporânea que misturava poesia e projeções visuais. — «Acho fascinante como os humanos conseguem expressar tanto através de tão poucos recursos,» disse Elverian, enquanto o palco se enchia de sombras e vozes em uníssono. — «A simplicidade tem o poder de amplificar as emoções,» respondeu Ilsa. Noutra ocasião, foram ao Cinema Ideal ver um clássico restaurado de Manoel de Oliveira. — «Esta cena... vê como cada enquadramento parece uma pintura,» comentou Ilsa. — «É quase meditativo. Como se o tempo desacelerasse,» concordou Elverian.

Cada experiência parecia carregar um significado especial, um último mergulho na arte e cultura que tanto valorizavam. Uma vez por semana, reservavam um jantar romântico no restaurante vegano Maluka. O espaço era acolhedor, com luzes suaves e decoração minimalista feita com materiais reciclados. — «Este carpaccio de beterraba é divinal,» disse Ilsa, saboreando o prato com entusiasmo. — «Nunca imaginei que pratos sem carne pudessem ser tão complexos,» comentou Elverian, provando um risoto de cogumelos selvagens. Depois do jantar, costumavam passear pela cidade iluminada, com as ruas empedradas a reflectirem o brilho dos candeeiros. A brisa fresca da noite acariciava os seus rostos, e Ilsa segurava o braço de Elverian enquanto caminhavam em silêncio, absorvendo a melancolia e a beleza da Lisboa nocturna. Nas tardes soalheiras, passeavam junto ao Tejo. O som das ondas a bater nas margens misturava-se com o riso de crianças a correrem e o som distante de guitarras de músicos amadores.

— «Este rio é como uma canção de embalar para a cidade,» comentou Ilsa, enquanto o vento lhe bagunçava os cabelos. — «Vou senti-lo como um eco quando estivermos em Amulon,» respondeu Elverian. Sentavam-se frequentemente num banco, onde Young descansava aos seus pés. Ficavam ali por horas, apenas observando o movimento da água e dos barcos que passavam. Nas noites que antecediam a partida, Ilsa e Elverian ficavam acordados até tarde, revisitando memórias e confirmando os últimos detalhes. — «Tenho medo de sentir saudades,» confessou Ilsa, numa dessas noites. — «Saudades são um elo. E a Terra estará sempre em nós, de uma forma ou de outra,» respondeu Elverian, segurando-lhe a mão. Enquanto a Lua cheia se aproximava no calendário, ambos sabiam que o momento de partir estava iminente. E, apesar da ansiedade e da melancolia, sentiam-se prontos para o desconhecido, para um novo capítulo que os esperava entre as estrelas.

OS PREPARATIVOS DE ILSA

Ilsa sentia o peso de encerrar capítulos que a tinham definido durante tanto tempo. O apartamento era mais do que uma casa; era um repositório de memórias, de dias ensolarados passados junto às janelas e noites de chuva em que o som das gotas no vidro parecia uma canção de embalar. Agora, cada tarefa que realizava era um passo firme em direcção ao desconhecido. Na manhã seguinte, dirigiu-se ao banco. A atmosfera fria e formal do local contrastava com a agitação emocional que sentia. O gerente, um homem de sorriso afável e cabelos grisalhos, a reconheceu imediatamente. — «Dona Ilsa, é sempre um prazer vê-la! Como posso ajudar hoje?» — «Quero encerrar algumas contas e cancelar os meus cartões,» disse ela, com um sorriso educado. Ele levantou as sobrancelhas, surpreso. — «Mudanças grandes à vista, dona Ilsa?» Ela hesitou, mas depois respondeu com um tom suave: — «Sim, digamos que é uma nova fase da vida.»

Enquanto ele processava os papéis, Ilsa observava os detalhes do banco: o som das teclas, o murmúrio das conversas, os ponteiros do relógio de parede movendo-se devagar. Tudo parecia intensamente mundano e, ao mesmo tempo, carregado de significado. — «Pronto,»

disse o gerente, entregando-lhe os documentos. «Espero que esta nova fase traga tudo o que procura.» — «Obrigada,» respondeu Ilsa, com um sorriso melancólico.

VENDENDO O APARTAMENTO, ORGANIZANDO OS PERTENCES, OS ÚLTIMOS ADEUS E A LIGAÇÃO FINAL

No início da tarde, um agente imobiliário chegou ao apartamento. Era um jovem enérgico, com olhos brilhantes e uma forma rápida de falar. Ilsa conduziu-o pelos cómodos, descrevendo com carinho cada detalhe. — «É uma casa cheia de luz,» disse ela, enquanto abria as janelas da sala, permitindo que o sol entrasse. «Tive momentos maravilhosos aqui.» Ele anotava tudo no seu tablet, acenando afirmativamente. — «Tenho a certeza de que encontraremos alguém que também a aprecie. Casas como esta têm alma.» Ilsa sorriu, mas sentiu uma pontada no peito. Era estranho imaginar outras pessoas habitando aquele espaço, transformando-o em algo que já não seria seu. À noite, Ilsa e Elverian sentaram-se no chão da sala, cercados por caixas e objetos espalhados. — «E isto?» — perguntou ela, segurando uma moldura com uma fotografia antiga. Elverian pegou na moldura, observando a imagem de uma Ilsa sorridente ao lado de amigos num verão distante. — «Digitaliza-a. Leva-a na tua memória. O que importa é o que viveste, não o objeto.» Ilsa riu-se. — «Falas como alguém que nunca acumulou nada.» Ele piscou-lhe o olho.

— «Talvez porque não acumulo. No meu planeta, tudo o que precisamos pode ser recriado.» Ilsa olhou para ele, pensativa. — «Talvez seja libertador... mas ainda gosto de segurar coisas, sentir o peso delas.» Elverian tocou-lhe na mão. — «Então escolhe o que mais pesa emocionalmente. Isso é o que importa.» Foram horas a rever livros, discos, pequenos presentes de amigos, cadernos de anotações. Algumas coisas foram guardadas, outras cuidadosamente colocadas em caixas para doar. Cada item parecia ter uma história, um eco de um momento já vivido. Naquela semana, Ilsa reuniu-se com amigos e familiares para despedidas discretas. A cada conversa, evitava perguntas sobre o futuro, focando-se no presente. — «O que te leva a vender tudo assim, Ilsa?» perguntava um amigo próximo. Ela sorria,

desviando o olhar. — «É uma mudança de vida. Às vezes, precisamos de recomeçar.» O peso de guardar o segredo era quase insuportável, mas ela sabia que o sacrifício era necessário.

Cada adeus carregava um misto de tristeza e libertação, um passo mais próximo de um futuro que começava a parecer mais real do que o presente. Enquanto Elverian ajudava a catalogar os últimos itens, Ilsa parou e olhou pela janela. O Tejo reflectia as luzes da cidade à noite, uma visão que ela sabia que jamais esqueceria. — «Pronta?» perguntou ele, aproximando-se. — «Quase,» respondeu ela, suspirando. «Mas acho que nunca estamos realmente prontos para deixar algo para trás.» Ele abraçou-a, falando baixinho:

— «Não estás a deixar para trás. Estás a levar tudo contigo, na tua essência.» Os dois ficaram em silêncio, partilhando aquele momento. Amanhã seria um novo dia, e a Terra ficaria para trás, mas os vestígios do que viveram ali permaneceriam para sempre dentro deles.

OS CONTACTOS DE ELVERIAN COM AMULON, O FIM DO ARRENDAMENTO COM DONA ALZIRA, O COMUNICADO À IMPRENSA E AS DESPEDIDAS SILENCIOSAS

No silêncio iluminado do seu apartamento, Elverian preparava- se para uma das tarefas mais importantes: comunicar com Amulon. Ligou os seus iMacs alterados, que começaram a projectar um holograma vibrante, preenchendo a sala com uma luz etérea. A figura de Zelda, a sua superiora em Amulon, materializou-se com uma presença austera, mas serena. — «Elverian, as preparações estão no ponto?» — perguntou Zelda, os seus olhos brilhando como estrelas em miniatura. — «Sim, Superiora Zelda. A nave está programada para nos buscar na noite da próxima lua cheia.» Houve uma pausa, o som intermitente do sistema de comunicação criando uma tensão quase palpável. — «E Ilsa? Ela compreende a importância desta missão?» Elverian hesitou por um momento, antes de responder com firmeza. — «Mais do que isso. Ela está pronta para abraçar um novo destino.» O holograma de Zelda pareceu suavizar-se, como se a resposta tivesse retirado um peso invisível. — «Aguardamos ansiosamente por vós. O povo está ansioso por conhecê-la.

Lembre-se, Elverian, a esperança de Amulon depende desta missão.» Quando a ligação foi cortada, a sala voltou ao normal, mas Elverian permaneceu imóvel. O peso do que acabara de ser dito parecia esmagá-lo. A expectativa de um planeta inteiro recaía sobre os seus ombros, e a confiança que depositavam nele era ao mesmo tempo um consolo e um fardo. No dia seguinte, Elverian decidiu tratar de outra questão pendente. Subiu lentamente as escadas até o apartamento da Dona Alzira, a sua senhoria. O cheiro de café forte e incenso inundava o pequeno hall de entrada. Ela abriu a porta antes mesmo de ele bater. — «Precisa de alguma coisa, senhor Victor?» Ele respirou fundo. — «Dona Alzira, vim encerrar o arrendamento. Vou embora.» A mulher, com os seus olhos pequenos e inquisidores, arqueou uma sobrancelha. — «Embora? Para onde vai?» Elverian tentou manter a compostura, sabendo que a resposta verdadeira não era uma opção. — «Para longe... muito longe.»

Dona Alzira olhou-o por um longo momento, como se tentasse decifrar um segredo que sempre suspeitara existir. — «Sempre achei que o senhor não era daqui... algo no seu olhar... e agora confirma-se. Que tenha sorte, seja lá onde for. Mas não se esqueça de deixar as chaves.» Ele agradeceu com um sorriso e desceu as escadas, sentindo um misto de alívio e melancolia. Mais tarde, Ilsa e Elverian sentaram-se juntos para redigir o comunicado que justificaria a pausa súbita na carreira dos The Banksys. Cada palavra parecia carregada de um significado oculto, que apenas eles compreendiam. «Agradecemos a todos os que nos acompanharam nesta jornada musical. The Banksys farão uma pausa por tempo indeterminado para explorar novas direcções e projectos pessoais. Não haverá entrevistas ou declarações adicionais. Pedimos respeito pelo nosso momento de introspeção. Até breve.» Quando enviaram o comunicado, a reação foi instantânea. Redes sociais foram inundadas com mensagens de apoio.

Jornalistas especulavam sobre os motivos, e os fãs lamentavam o vazio que o duo deixaria. Ilsa e Elverian observaram tudo em silêncio, como espectadores de uma peça de teatro que já não lhes pertencia. As despedidas foram tão discretas quanto possível. Ilsa encontrou-se com alguns amigos mais próximos, mas evitou entrar em detalhes. — «O que vais fazer agora?» — perguntou um amigo com uma expressão

intrigada. Ela sorriu, desviando o olhar para o horizonte. — «Seguir um novo caminho. Ainda não sei para onde ele me levará.» Elverian, por sua vez, enviou mensagens simples aos poucos contactos que mantinha na Terra. Não havia necessidade de despedidas elaboradas; o futuro que o aguardava era demasiado vasto para ser explicado em palavras. Juntos, decidiram passar os últimos dias em Lisboa de forma tranquila, aproveitando os pequenos momentos que a cidade ainda lhes oferecia. Era um adeus silencioso, mas carregado de significados que apenas eles compreendiam.

ÚLTIMOS MOMENTOS NA TERRA, A PROGRAMAÇÃO DA NAVE E O ÚLTIMO DIA

Nos dias que se seguiram, Ilsa e Elverian viveram cada momento com uma intensidade quase poética, como se o próprio planeta lhes sussurrasse segredos de despedida. As manhãs tornaram-se um ritual de contemplação. Subiam ao miradouro do Adamastor, onde o Tejo serpenteava pela cidade, reflectindo o dourado do sol que despontava no horizonte. A luz parecia dançar na água, enquanto uma brisa suave acariciava as suas faces. Young corria pelo miradouro, farejando o ar, enquanto Alva, Gatinha e Gatinho permaneciam nas suas transportadoras ao lado de Ilsa. Ela inclinava-se sobre elas, acariciando os pequenos focinhos curiosos, e falava em murmúrios afectuosos. — «Nunca vou esquecer esta vista,» disse ela, quebrando o silêncio. Os seus olhos, presos no infinito do rio, brilhavam com uma melancolia suave. Elverian, com o olhar fixo nela, pegou na sua mão. — «Eu prometo que não precisas. Vou recriá-la para ti em Amulon. Cada detalhe. Talvez até consiga fazê-la brilhar mais intensamente,» disse ele, com um sorriso caloroso.

Ilsa sorriu, mas o seu peito estava pesado. Por mais que a recriação fosse perfeita, sabia que o encanto daquele momento, daquele ar, daquele cheiro de terra molhada pelo orvalho, era insubstituível. De regresso ao apartamento, Elverian trabalhava arduamente nos seus iMacs alterados. A interface holográfica que projetava na sala parecia uma janela para outro universo: cálculos precisos, rotas tridimensionais e a imagem da nave estacionada no lado escuro da

Lua. Cada detalhe era afinado com precisão. — «Está tudo pronto,» anunciou ele uma noite, fechando a projeção com um gesto da mão. A sua voz tinha um tom resoluto, mas os seus olhos traíam um leve nervosismo. Ilsa olhou pela janela, a cidade brilhando em pequenos pontos de luz sob a imensidão do céu. — «Então, é isso. Estamos prontos,» respondeu ela, a sua voz um misto de ansiedade e aceitação.

Na manhã do último dia, decidiram passear por Lisboa, levando os animais para se despedirem da cidade que tinham chamado de lar. Young caminhava com energia, a cauda a abanar de excitação, enquanto Alva, Gatinha e Gatinho estavam curiosos, mas confortáveis nas suas transportadoras. Cada esquina parecia ter algo para lhes contar: o tilintar das chávenas nas esplanadas, o som dos eléctricos a deslizar pelas ruas íngremes, as vozes de crianças que corriam atrás de pombos. Pararam na Ribeira das Naus, sentando-se na relva fresca a observar os barcos que passavam pelo Tejo. Young corria alegremente, perseguindo a bola que Elverian lançava, enquanto os gatos olhavam com uma serenidade quase meditativa para o rio. — «Parece que até sabem que algo está para mudar,» comentou Ilsa, observando Young, que corria com uma energia incomum. Elverian sorriu, os seus olhos pensativos. — «Sentem o que nós tentamos ignorar. Estão ligados à essência do universo de uma forma que nós já esquecemos.» Ao cair da noite, regressaram ao apartamento.

A cidade parecia acalmar-se sob o brilho prateado da lua cheia, que iluminava as ruas e os telhados como um véu de prata. Ilsa encostou-se à varanda, olhando para o céu estrelado, os braços cruzados contra o fresco da noite. Elverian aproximou-se silenciosamente, colocando uma mão no seu ombro. — «Pronta para a nossa nova aventura?» perguntou, a sua voz baixa e carregada de emoção. Ilsa virou-se para ele, os olhos brilhando com uma luz própria. — «Pronta para o desconhecido,» respondeu, a sua serenidade iluminando todo o momento.

Young deitou-se aos seus pés, abanando a cauda, enquanto Alva, Gatinha e Gatinho miavam suavemente, como se sentissem o que estava por vir. Naquele instante, parecia que todos os sons da cidade diminuíam, deixando apenas o pulsar do universo no fundo dos seus

corações. E enquanto a lua cheia subia majestosa no céu, Ilsa e Elverian sabiam que não estavam apenas a despedir-se de um mundo. Estavam a abrir portas para um futuro onde o amor, a música e a descoberta seriam o fio condutor de uma nova existência. Um adeus que era também um olá.

CAPÍTULO 15

A NAVE OVAL

UMA DANÇA DE LUZES

Naquela noite, o céu parecia um manto de veludo negro bordado com estrelas cintilantes, onde a lua cheia reinava absoluta. A sua luz prateada derramava-se generosamente sobre a paisagem, transformando cada folha, pedra e sombra num espectáculo etéreo. Era uma noite que parecia sussurrar segredos antigos, prometendo a Ilsa e Elverian que estavam prestes a entrar numa nova dimensão da existência. Os dois estavam vestidos para a ocasião, como se o próprio universo os tivesse preparado. Os seus factos de treino brancos, de design minimalista, reflectiam suavemente o brilho lunar, conferindo-lhes uma aura quase celestial. O tecido do facto de Ilsa moldava-se ao seu corpo com uma elegância natural, as linhas fluidas lembrando as ondulações suaves de um rio sob o luar. Havia um leve brilho perolado que parecia pulsar com cada movimento seu, como se estivesse vivo.

O de Elverian, mais técnico, exibia uma sobriedade funcional, com bolsos ocultos e costuras tão precisas que pareciam fazer parte de uma arquitectura invisível, desenhada para resistir ao tempo e ao espaço. As mochilas que carregavam eram pequenas, mas cada uma continha um mundo em miniatura. Recordações comprimidas em pequenos cristais, fotografias digitalizadas que podiam ser projectadas como hologramas, e alguns objetos simples mas carregados de significado: uma pedra da praia que Ilsa guardava desde a infância, um caderno antigo de notas de Elverian, agora convertido em dados que podiam ser consultados na palma da mão. Não era o peso físico dos objetos que os acompanhava, mas sim o emocional.

Os seus companheiros não-humanos completavam a cena com uma energia vibrante. Young, o cão, exibia um arnês luminoso que parecia emitir um brilho suave a cada passo, como se ele fosse um pequeno guardião de luz. Os gatos — Alva, com o seu porte altivo, e Gatinha e Gatinho, com a sua curiosidade brincalhona — estavam adornados com coleiras delicadas, de um material tão leve e macio que pareciam inexistentes. Pequenos amuletos luminosos pendiam das coleiras, projectados por Elverian para monitorizar a saúde e o bem-estar dos felinos durante a jornada. Os amuletos brilhavam fracamente, como estrelas em miniatura, criando uma dança de luzes à medida que os gatos se moviam. Cada detalhe, desde o brilho das roupas até o suave farfalhar das árvores ao vento, parecia conspirar para tornar aquela noite inesquecível. Era como se o mundo ao seu redor soubesse que este era o momento da despedida, e estivesse a oferecer- lhes a sua beleza mais pura, um último tributo antes de os deixar partir.

O CAMINHO PARA MONSANTO

No Tesla branco, que parecia flutuar sobre o asfalto com o seu silêncio eléctrico, a atmosfera era carregada de sentimentos contrastantes. Lisboa dormia, envolta num manto de tranquilidade, e as suas ruas desertas eram banhadas pela luz suave da lua cheia, que parecia seguir o carro como um farol celestial. Dentro do veículo, a excitação e a melancolia dançavam num equilíbrio delicado. Young estava especialmente irrequieto, dividindo-se entre colocar o focinho na janela, farejando o ar fresco e impregnado de cheiros da noite, e tentar alcançar o colo de Ilsa. Cada tentativa era recebida com risos, os quais enchiam o espaço com uma leveza necessária. O cão parecia compreender a importância do momento, a sua energia vibrando como um eco das emoções dos seus companheiros humanos. No painel de controlo, Alva estava empoleirada com a graça de uma rainha. Os seus olhos, grandes e luminosos, estudavam atentamente os comandos iluminados do Tesla, como se tentasse compreender os segredos do veículo.

Por vezes, inclinava a cabeça, emitindo um pequeno miado inquisitivo, como se fizesse perguntas silenciosas ao automóvel. No

banco traseiro, Gatinha e Gatinho estavam enroscados um no outro. Ora dormiam, ronronando como um par de pequenos motores, ora observavam o mundo à sua volta com olhos brilhantes de curiosidade, atentos a cada movimento e som. — «Não acredito que está a acontecer,» murmurou Ilsa, rompendo o silêncio mágico com a sua voz baixa e nervosa. Olhava pela janela para as ruas adormecidas, como se quisesse gravar cada detalhe na memória. «Sinto que estou a viver uma cena de ficção científica... mas é a minha vida real.» Elverian sorriu, lançando-lhe um olhar tranquilo enquanto ajustava suavemente o volante. — «Sempre disse que a tua vida tinha algo de especial,» respondeu ele, com um tom de voz que parecia carregar o peso de todas as suas verdades não ditas. «E agora estás prestes a descobrir até onde ela pode ir.» Young, como se quisesse participar na conversa, soltou um latido alegre.

Ilsa riu-se, acariciando-lhe a cabeça, enquanto Gatinha, atraída pelo som, saltava para o seu colo com a suavidade de uma sombra felina. Ilsa fez-lhe festas distraidamente, os seus pensamentos a vaguear entre o passado que estava a deixar para trás e o futuro desconhecido que se aproximava.

— «Eles sentem que algo grande está a acontecer,» comentou ela, observando-os. «Repara na energia deles... até o Alva parece mais curiosa do que o normal.» Elverian soltou uma risada baixa, o som quase se dissolvendo no suave ronronar do motor do Tesla. — «Os animais mais que humanos são mestres em captar mudanças na energia à sua volta,» disse ele, lançando um olhar a Alva, que agora parecia fascinada por um holograma que piscava no painel. «Aposto que já perceberam que estamos a deixar a Terra.» A cidade começava a desaparecer lentamente, dando lugar às sombras misteriosas da floresta de Monsanto. O Tesla deslizou suavemente para um local isolado, cercado pelo farfalhar das folhas movidas pelo vento. Elverian estacionou com um gesto preciso e, antes de saírem, ativou um pequeno dispositivo que projetou uma mensagem holográfica no para-brisas: «Podem ficar comigo, mas tratem-me bem.» Ilsa observou a mensagem com um sorriso melancólico.

Havia algo profundamente simbólico naquele gesto — uma despedida silenciosa que encerrava o capítulo das suas vidas na Terra. Sem olhar para trás, pegaram nas mochilas, ajustaram as coleiras dos animais e começaram a caminhar em direcção à clareira. A floresta parecia respirar com eles. O som do vento a deslizar entre as árvores era como um sussurro antigo, e o farfalhar das folhas sob os seus passos parecia marcar o ritmo da jornada. Insetos zumbiam ao longe, suas pequenas luzes piscando como estrelas perdidas na escuridão. A lua, alta e poderosa, iluminava o caminho com a sua luz prateada, como se estivesse a guiá-los para o seu destino. Young, Alva, Gatinha e Gatinho acompanhavam-nos com uma energia incomum. Young caminhava à frente, como um explorador destemido, enquanto Gatinha e Gatinho miavam baixinho, talvez em conversa entre si, enquanto olhavam com atenção para cada sombra que passava. Alva, silenciosa e elegante, movia-se com a confiança de quem já sabia que aquele momento era o prelúdio de algo extraordinário.

Quando chegaram à clareira, tudo parecia estar em suspenso. O ar era fresco, quase eléctrico, e a luz da lua banhava o espaço com uma claridade surreal. Elverian parou no centro da clareira e tirou um pequeno dispositivo da sua mochila. Com um movimento preciso, desativou o escudo de invisibilidade, revelando a nave oval. A superfície metálica reflectia o brilho da lua, e Ilsa prendeu a respiração diante da visão. Era como se todas as histórias que já lera de ficção científica tivessem ganhado forma à sua frente. O momento era solene, mas repleto de promessas, como se cada passo, cada som e cada respiração fossem parte de um ritual cósmico. A superfície da nave era de um metal polido que parecia estar vivo. Reflectia a luz da lua, as sombras das árvores, e até mesmo o brilho nos olhos de Ilsa. Cada curva da nave era suave, orgânica, como se tivesse sido moldada pelo vento e pela água, e não construída por mãos humanas ou extraterrestres. Ilsa levou uma mão ao peito, o seu coração batendo como um tambor.

— «É magnífica,» sussurrou, quase sem fôlego, incapaz de desviar o olhar da estrutura imponente. Elverian acenou com a cabeça, os seus dedos a deslizar pelo dispositivo no pulso, introduzindo comandos com uma precisão que parecia coreografada. Um pequeno círculo na lateral

da nave começou a brilhar, e uma abertura desenhou-se suavemente no seu casco. Um feixe de luz emanou do interior, envolvente e acolhedor, iluminando-os com um brilho quente e convidativo. Young latiu, entusiasmado, correndo na direcção da luz, mas parando antes de entrar, como se esperasse por um sinal. Alva avançou com curiosidade, os seus passos leves como os de uma sombra, enquanto Gatinha e Gatinho observavam de longe, os seus pequenos corpos tremendo de expectativa. Ilsa olhou para Elverian, e ele estendeu-lhe a mão. — «Estás pronta para o próximo capítulo?» perguntou ele, a sua voz carregada de significado. Ela apertou a mão dele, com um sorriso que misturava nervosismo e coragem. — «Mais do que nunca,» respondeu.

E juntos, acompanhados pelos seus companheiros de quatro patas, deram o primeiro passo para o interior da nave. O mundo lá fora parecia segurar a respiração, enquanto a luz os envolvia completamente, e num instante, a clareira voltou ao seu silêncio original, testemunha muda de uma partida para o desconhecido.

UM ZUMBIDO QUASE IMPERCEPTÍVEL

O interior da nave parecia um sonho materializado. A luz branca que preenchia o espaço não era apenas uma iluminação funcional — tinha uma qualidade quase líquida, como se envolvesse tudo num abraço acolhedor. As paredes não tinham ângulos ou linhas visíveis; eram superfícies contínuas, curvas que pareciam respirar com um ritmo sereno, harmonizando-se com a presença de quem ali entrava. O ar tinha um aroma suave, uma mistura de frescura e algo que Ilsa não conseguia identificar, mas que a fazia sentir-se calma e em paz.

Ela piscou os olhos, tentando absorver cada detalhe. Ao centro, uma consola brilhava suavemente, projetando hologramas que flutuavam como constelações em miniatura. Em torno dele, sofás ergonómicos ajustavam-se de forma intuitiva a qualquer corpo que se sentasse. O chão, com um tom perolado, parecia moldar-se levemente sob os passos, como se reconhecesse a presença de vida. Young, com a curiosidade inata de um explorador, correu para o centro da nave, farejando cada canto e soltando pequenos latidos de excitação.

Gatinha e Gatinho libertaram-se das transportadoras num salto ágil, movendo-se com a graça felina, enquanto exploravam os cantos onde as paredes pareciam encontrar o chão. Gatinha enfiou o focinho numa pequena fenda que parecia brilhar suavemente, e Gatinho, intrigado, seguiu-a. Alva, mantendo o seu ar majestoso, subiu com precisão para uma plataforma elevada que parecia ter sido feita exatamente para ela. Lá, sentou-se, olhando tudo de cima com um olhar atento e inquisitivo.

— «Eles adoram,» comentou Ilsa, rindo ao observar a animação que os movia. «Olha para o Alva... já encontrou o seu trono.» Elverian sorriu enquanto ajustava os hologramas na consola central. Os seus dedos moviam-se com precisão, tocando superfícies invisíveis no ar. Os hologramas reagiam de imediato, emitindo suaves tons cristalinos enquanto ele introduzia coordenadas e verificava parâmetros. — «Preparei tudo para eles,» disse Elverian. «Queria que se sentissem tão confortáveis quanto nós. Até criei áreas específicas que respondem às necessidades deles. Vês aquela plataforma para o Alva? É programada para aquecer ligeiramente, porque os gatos adoram superfícies quentes.» Ilsa sorriu, olhando em redor com admiração. Sentou-se num dos sofás, que se moldou ao seu corpo instantaneamente, oferecendo um conforto tão profundo que ela suspirou de satisfação. Young, percebendo que Ilsa se acomodara, saltou para o chão ao lado dela e deitou-se, colocando a cabeça nos pés dela. Ela começou a acariciá-lo, os seus dedos correndo pelo pelo macio.

— «Tudo está a correr como planeado,» disse Elverian, a sua voz firme e serena enquanto continuava a interagir com a consola. «Dentro de minutos, estaremos a caminho.» Ilsa ergueu os olhos para Elverian. Ele parecia diferente agora, mais tranquilo, como se o peso das responsabilidades e incertezas tivesse começado a dissipar-se. — «Achas que estamos prontos?» perguntou ela, num tom que misturava expectativa e esperança. Elverian parou por um momento, virando-se para ela. O brilho suave do console reflectia-se no seu rosto, destacando a profundidade no seu olhar. — «Nunca estivemos tão prontos,» respondeu, o seu sorriso a iluminar o espaço com algo mais poderoso do que a luz da nave. Alva, observando tudo do alto, soltou

um pequeno miado, como se também concordasse. Gatinha e Gatinho continuavam a explorar, enquanto Young soltava um suspiro satisfeito, adormecendo aos pés de Ilsa.

Ela olhou para os companheiros mais que humanos com ternura, sentindo que, apesar de tudo o que estava para mudar, a essência da sua pequena família permaneceria intacta.

ADEUS À TERRA

A nave começou a vibrar com um zumbido quase imperceptível, como um sussurro mecânico que acompanhava o ritmo das estrelas. Lentamente, ergueu-se da clareira envolta pela luz prateada da lua cheia. As folhas das árvores próximas ondularam num adeus silencioso, enquanto os grilos e outros sons nocturnos pareciam diminuir, como se a Natureza, em respeito, suspendesse a sua sinfonia para observar a partida. Pelas janelas translúcidas da nave, Lisboa começou a encolher. As luzes douradas da cidade, que antes formavam um mosaico vivo, tornaram-se pequenos pontos que tremulavam como estrelas invertidas. O Tejo, serpenteando entre as margens, transformou-se num fio de prata, brilhando sob o reflexo lunar. Ilsa manteve-se de pé junto a uma das janelas, os olhos fixos no cenário que deslizava lentamente para trás. O brilho da cidade parecia pulsar com a vida que eles estavam prestes a deixar. — «É tão belo... quase doloroso,» murmurou ela, a sua voz quebrando no silêncio da cabine.

Colocou a mão sobre o vidro frio, como se quisesse agarrar aquele momento, aquele lugar, pela última vez. Young aproximou-se dela, deitando-se aos seus pés, como se pressentisse a gravidade do momento. Gatinha e Gatinho estavam juntos, empoleirados numa borda baixa, os olhos atentos e curiosos, enquanto Alva, do seu posto elevado, observava com a dignidade de uma sentinela. Elverian, ao lado da consola, deixou os hologramas no modo automático e aproximou-se de Ilsa. Colocou a mão suavemente sobre a dela, unindo-se ao seu gesto. Os seus olhos brilharam com uma compreensão profunda. — «Adeus, Terra,» sussurrou ela, uma lágrima a escorrer-lhe pelo rosto. Havia tristeza, mas também gratidão naquele adeus. Era como despedir-se de um velho amigo que ficava para trás

numa encruzilhada. Elverian inclinou-se ligeiramente, os seus dedos entrelaçando-se com os dela.

— «Este não é o fim,» disse ele, a voz calma mas carregada de promessa. «É apenas o começo de algo maior.» Enquanto a nave subia pela atmosfera, a curvatura da Terra começou a revelar-se. As nuvens, espalhadas como pinceladas num quadro azul e branco, pareciam desenhos de um artista divino. A luz do sol começou a reflectir-se no oceano, transformando o azul profundo num espelho cintilante. A cada quilómetro que subiam, a Terra tornava-se mais pequena, mais completa, até surgir em toda a sua majestade como um globo azul brilhante contra a vastidão negra do espaço. Ilsa apertou a mão de Elverian, sentindo-se ao mesmo tempo insignificante e imensamente conectada a tudo. — «É um milagre,» murmurou ela, os olhos fixos na beleza do planeta que agora se afastava. Elverian assentiu, o rosto iluminado por uma serenidade rara. — «É. Mas o milagre não termina aqui. Ele continua onde quer que vamos.» Por um momento, o silêncio tomou conta deles. Não era o silêncio do vazio, mas o de algo completo, perfeito.

A Terra, agora um ponto azul no horizonte, parecia continuar a observá-los, abençoando a sua partida com a promessa de que nunca deixariam de ser parte dela. Enquanto a nave ajustava o seu curso rumo à Harmonia Stellarum, Ilsa e Elverian sentaram-se juntos, olhando para o infinito à sua frente. Young deitou-se a seus pés, enquanto Gatinha e Gatinho ronronavam suavemente, e Alva continuava a observar de longe, como uma guardiã. No espaço imenso e silencioso, eles começaram a sentir que não estavam a deixar algo para trás, mas a expandir o seu lugar no universo. A viagem acabara de começar.

CAPÍTULO 16

CONTACTO COM A NAVE HARMONIA STELLARUM

A TRAVESSIA SILENCIOSA

A viagem prosseguia com uma tranquilidade que parecia envolver a nave numa cápsula de paz absoluta. Lá fora, o espaço revelava a sua grandiosidade, um cenário em constante mutação que hipnotizava Ilsa. As estrelas eram pontos pulsantes, algumas tão brilhantes que pareciam conter universos inteiros. Nebulosas longínquas expandiam-se como pinceladas de luz, misturando tons de púrpura, dourado e azul numa dança eterna. Era um espectáculo que transcendia qualquer descrição, algo que só poderia ser compreendido estando ali. Ilsa mantinha o olhar fixo na janela translúcida, cada piscar de olhos revelando um novo detalhe. — «Parece que o espaço está vivo,» murmurou ela, a voz quase um sussurro, como se temesse interromper a harmonia à sua frente. Elverian, concentrado na consola holográfica, olhou para ela com um sorriso sereno. — «O cosmos tem essa dualidade,» disse ele, enquanto ajustava as coordenadas. «É vasto o suficiente para nos fazer sentir insignificantes, mas também nos acolhe, como se sempre houvesse um lugar para nós nele.»

Young, no chão da cabine, não parecia impressionado pela vastidão do universo. Corria em círculos atrás de uma esfera luminosa que Elverian projetara para o entreter. O cão saltava com entusiasmo, as patas tocando levemente o chão polido, enquanto a esfera flutuava e se movia de forma imprevisível. De vez em quando, Young deixava escapar um latido animado, preenchendo o espaço com a energia vibrante de quem não conhecia limites.

Gatinha e Gatinho exploravam meticulosamente cada canto da cabine. Gatinha arrastava uma pata pelas bordas de uma das superfícies, como se tentasse decifrar o material liso e translúcido. Gatinho, mais ousado, enfiava a cabeça em pequenos nichos, os olhos brilhando como estrelas minúsculas enquanto desvendava os mistérios daquela nova realidade. Alva, como sempre, mantinha a sua posição altiva, observando tudo do topo de um móvel que parecia ter sido projectado exclusivamente para ela. As suas orelhas moviam-se ligeiramente, captando os sons da nave e as brincadeiras dos outros, mas o seu olhar permanecia firme, como o de uma sentinela. Ilsa riu, inclinando-se para acariciar Young quando ele passou por ela em alta velocidade. — «Young, vais gastar toda a tua energia antes de chegarmos!» exclamou ela, ainda rindo. O cão respondeu com um latido curto, a cauda abanando com tamanha força que parecia uma extensão da sua alegria. Elverian observou a cena por um momento, sentindo uma onda de tranquilidade.

Aquele microcosmo dentro da nave — Ilsa, os animais, o espaço ao redor — era um contraste perfeito à vastidão silenciosa do cosmos. Era como se eles fossem uma pequena chama de vida no meio do infinito. — «É fascinante como eles se adaptam,» comentou Elverian, referindo-se aos animais. «É como se soubessem que estão a viver algo extraordinário, mas ainda assim mantêm a sua essência.» Ilsa olhou para ele e sorriu. — «Talvez eles saibam mais do que nós, de certa forma. A simplicidade com que aceitam tudo é algo que nunca deixo de admirar.» A luz suave da cabine parecia dançar ao ritmo do cosmos lá fora, e cada momento tornava-se uma memória gravada com precisão nos corações deles. Young voltou a correr, perseguindo a esfera, enquanto Gatinha saltou para o colo de Ilsa, aninhando-se confortavelmente. Alva, satisfeita com a supervisão, deitou-se elegantemente no topo do móvel, enquanto Gatinho desaparecia temporariamente atrás de uma estrutura translúcida, como se estivesse a descobrir um novo mundo.

Ilsa suspirou, voltando o olhar para a janela, onde uma estrela cadente atravessava o horizonte. — «Se este é o começo da nossa jornada, mal posso esperar para ver o que vem a seguir,» disse ela. Elverian olhou para ela, os olhos cheios de ternura. — «O universo está

apenas a começar a mostrar-te os seus segredos,» respondeu ele.

O PRIMEIRO CONTACTO

Elverian inclinou-se com concentração sobre a consola, os dedos movendo-se graciosamente sobre os comandos luminosos, como um maestro a conduzir uma sinfonia invisível. À sua frente, os hologramas projetavam coordenadas tridimensionais, mapeando o espaço até à nave-mãe. A luz do painel reflectia no seu rosto, conferindo-lhe uma aura quase sobrenatural. Com um gesto decidido, ativou o canal de comunicação. A cabine encheu-se com um som profundo e ondulante, como o eco de uma estrela pulsando à distância. De repente, uma voz clara e ritmada emergiu, preenchendo o espaço com uma autoridade serena. — «Aqui Harmonia Stellarum. Identifique-se.» Elverian ajustou ligeiramente o tom da sua voz, transmitindo calma e determinação.

— «Aqui é Elverian, código de missão XR-47. Estou a bordo com Ilsa e os nossos companheiros terrestres. Solicito autorização para acoplar.» A cabine mergulhou num silêncio expectante. Ilsa, sentada no sofá ergonómico, apertou as mãos no colo, sentindo o peso do momento. O som rítmico e quase imperceptível dos sistemas da nave parecia amplificar-se no compasso da espera. Então, como se o próprio espaço respondesse, um novo brilho holográfico iluminou a cabine. À frente deles surgiu uma figura de uma beleza etérea. A projeção tinha uma forma humanoide, mas a sua pele translúcida parecia feita de luz líquida, reflectindo as estrelas como um espelho em movimento. Os olhos, intensos e profundos, não pareciam apenas olhar — continham galáxias inteiras, dançando num redemoinho silencioso de energia cósmica. — «Elverian, aguardávamos ansiosamente pelo vosso regresso. Iniciaremos o procedimento de acoplagem.» A voz, melodiosa e compassada, parecia atingir uma frequência que tocava directamente na alma.

Ilsa permaneceu imóvel, os olhos arregalados de fascínio. O ar ao seu redor parecia mais denso, como se a presença do holograma alterasse a própria vibração da cabine. — «É... é tão diferente... e tão fascinante,» sussurrou ela, como se falasse consigo mesma. Elverian virou-se ligeiramente para ela, o sorriso sereno de quem compreendia

a profundidade daquele instante. — «Eles estão tão curiosos por ti como tu estás por eles,» disse ele, os olhos brilhando com um misto de orgulho e ternura. Young, que até então estava deitado com o focinho pousado sobre as patas, levantou a cabeça, as orelhas inclinadas para o holograma, como se também sentisse a singularidade daquele momento. Gatinha e Gatinho, aninhados ao lado de Ilsa, pareciam igualmente intrigados, os olhos cintilando com o reflexo da luz holográfica. Alva, no entanto, permaneceu em silêncio no topo do seu posto favorito, observando a cena com a dignidade de quem já sabia que era parte de algo grandioso.

A figura holográfica fez uma pequena inclinação de cabeça, num gesto que parecia combinar respeito e acolhimento. — «A Harmonia Stellarum está pronta para vos receber. Bem- vindos de volta, Elverian, e àquela que traz consigo o eco da Terra.» O holograma dissipou-se lentamente, como poeira estelar a desvanecer na escuridão. Ilsa continuou a olhar para o espaço onde a figura estivera, como se esperasse que ela voltasse. — «Eles são tão diferentes... mas há algo neles que sinto próximo,» murmurou ela. Elverian pousou uma mão no ombro dela, oferecendo conforto. — «É a ligação entre mundos. Algo que transcende a forma, mas que reconhecerás ao longo da jornada.» Enquanto ele ajustava os últimos comandos na consola, a nave- mãe surgiu à frente deles. Enorme e majestosa, parecia flutuar com uma leveza paradoxal, como se o espaço tivesse sido moldado para recebê-la. O casco reflectia as estrelas ao redor, enquanto luzes suaves pulsavam ritmicamente, guiando- os para a entrada.

A Harmonia Stellarum era mais do que uma nave — era um símbolo de ligação entre dimensões, uma promessa de novas descobertas. Ilsa respirou fundo, sentindo a vastidão do momento a envolver. — «Estou pronta,» disse ela, sem tirar os olhos da visão monumental à sua frente.

A CHEGADA À HARMONIA STELLARUM

A pequena nave deslizava pelo vazio do espaço com a graciosidade de uma folha flutuando numa brisa, enquanto a Harmonia Stellarum crescia na sua frente, dominando a visão além da janela translúcida. A nave-mãe era mais do que uma construção — parecia uma obra de arte cósmica. A sua superfície metálica cintilava com tons iridescentes, pulsando ritmicamente com luzes douradas, azuis e esmeralda. Cada padrão hipnótico parecia contar uma história antiga, como se a nave tivesse absorvido eras de conhecimento e vida nas suas entranhas. Ilsa, encostada à janela, não conseguia desviar o olhar. O coração dela batia acelerado, mas não de medo — era uma mistura de assombro e antecipação. — «É como se fosse uma cidade no espaço,» murmurou, quase sem perceber que falava em voz alta. Elverian, sentado à consola, virou-se ligeiramente para ela, os seus olhos reflectindo as luzes da Harmonia Stellarum. — «De certa forma, é exatamente isso,» respondeu ele com um sorriso leve. «Mas é também um símbolo. Este é o portal que conecta mundos e ideais.

E será a tua primeira passagem para Amulon.» As palavras dele pareciam ecoar na cabine, preenchendo o espaço com um significado quase cerimonial. Young, sentado próximo de Ilsa, inclinou a cabeça, como se também tentasse compreender a magnitude do que via. Gatinha e Gatinho moviam- se inquietos, explorando cada recanto da nave oval, enquanto Alva permanecia num canto elevado, observando a Harmonia Stellarum com a serenidade de um sábio. O procedimento de acoplagem iniciou-se com uma sinfonia de sons quase musicais. Um feixe de luz dourada emergiu da nave- mãe, estendendo-se como um abraço celestial até à pequena nave oval. A luz envolveu-os com uma delicadeza sobrenatural, guiando a nave menor em direcção a um dos portos de entrada. Ilsa observava o processo com olhos arregalados, sentindo a nave deslizar suavemente pelo feixe de luz. Parecia menos uma manobra técnica e mais um ritual, como se a nave-mãe reconhecesse e acolhesse os seus visitantes com respeito. — «É tão... orgânico.

Quase como se ela estivesse viva,» comentou Ilsa, a voz cheia de admiração. Elverian acenou enquanto os comandos na consola exibiam

os sinais da ligação bem-sucedida. — «De certa forma, está viva. A Harmonia Stellarum é uma extensão do nosso pensamento, das nossas intenções. Cada pulso dela responde à nossa vontade.» Um leve zumbido encheu a cabine quando a nave oval encaixou perfeitamente no porto da nave-mãe. Um brilho esmeralda atravessou as paredes internas, confirmando a fusão completa. — «Estamos ligados,» disse Elverian, desligando os sistemas da nave menor com um gesto fluido. “Estamos preparados.« Ilsa sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Olhou para Elverian, procurando nos olhos dele alguma certeza, alguma segurança. Ele estendeu a mão, os seus dedos quentes fechando-se gentilmente sobre os dela. — »É normal sentires-te assim,« disse ele, o tom suave mas firme. »Mas confia em mim. Eles vão receber-te com o mesmo cuidado que a mim." Ela assentiu, inspirando profundamente.

A curiosidade, como sempre, era mais forte do que o nervosismo. Atrás dela, Young deu um latido curto, abanando a cauda como se quisesse dizer que estava pronto. Gatinha saltou para o ombro de Ilsa, esfregando o focinho contra o pescoço dela, enquanto Alva saltava graciosamente do seu posto, pousando ao lado de Elverian.

Ilsa sorriu. — «Estamos todos prontos,» disse ela, ajeitando a postura e endireitando os ombros. «Vamos ter com eles.» Com um gesto, Elverian ativou o mecanismo de abertura. Uma luz suave preencheu a entrada, convidando-os a dar o próximo passo na jornada. E juntos, eles avançaram, prontos para o que os aguardava.

O PRIMEIRO ENCONTRO

Ao cruzarem o portal que ligava a pequena nave à majestosa Harmonia Stellarum, um mundo novo se revelou diante deles. A luz que emanava do corredor de entrada era de um brilho suave, quase etéreo, como se os envolvesse num abraço caloroso. Cada passo ecoava num silêncio reverente, e a atmosfera parecia vibrar levemente, como se a nave estivesse viva e consciente da sua chegada. No final do corredor, a comitiva aguardava. Era um espectáculo de formas e cores que desafiava qualquer descrição terrena. Os alienígenas tinham aparências que transcendiam o imaginável: alguns apresentavam peles luminescentes que mudavam de tonalidade ao ritmo das suas respirações; outros tinham corpos translúcidos, onde pequenas luzes pulsavam como constelações internas. Havia aqueles cuja forma remetia a elementos naturais, como troncos cobertos de musgo brilhante ou superfícies que lembravam cristal lapidado, refratando a luz em arcos suaves.

Young, sempre curioso e destemido, escapuliu da mão de Ilsa e correu em direcção a um dos seres que tinha a aparência de um tronco cintilante, farejando entusiasticamente as suas pernas. O alienígena não pareceu incomodado; pelo contrário, inclinou-se ligeiramente, tocando Young com um braço que mais parecia uma rama viva. Um brilho suave percorreu o corpo do ser, e Young respondeu com um latido feliz, abanando vigorosamente a cauda. Gatinha e Gatinho, por outro lado, mantiveram-se próximos de Ilsa, observando com os olhos arregalados e cintilantes, como se absorvessem cada detalhe com curiosidade insaciável. Gatinha deu um pequeno miado, e Gatinho enfiou-se ligeiramente atrás da perna de Ilsa antes de ganhar coragem para dar uns passos hesitantes em direcção aos alienígenas. Um dos seres, cuja forma parecia esculpida em luz líquida, ajoelhou-se lentamente, estendendo uma mão translúcida para os gatos, que o cheiraram com cuidado antes de aceitarem o toque.

Alva, sempre a mais serena do grupo, mantinha-se empoleirada no braço de Elverian, os olhos brilhantes observando a cena como um monarca a inspecionar o seu domínio. A sua postura altiva parecia transmitir um respeito mútuo entre ela e os alienígenas. Ilsa estava

imóvel, os olhos percorrendo cada figura. Era como se estivesse perante uma obra de arte viva, um desfile de beleza e mistério que desafiava qualquer compreensão terrena. — «Eles são... incríveis,» sussurrou, sem conseguir conter o assombro. Elverian inclinou-se ligeiramente para ela, o rosto iluminado pela mesma admiração. — «E eles pensam o mesmo sobre ti,» respondeu, com um sorriso. Os alienígenas estavam igualmente fascinados. As suas posturas revelavam respeito, os olhares brilhavam com uma curiosidade quase infantil. Era evidente que, para eles, Ilsa era mais do que uma visitante — era uma presença especial, uma figura aguardada com expectativa.

Um deles, com olhos que reluziam como estrelas numa noite clara, avançou um passo. O seu corpo parecia feito de um metal líquido que se movia suavemente, reflectindo a luz de uma forma hipnótica. Inclinou-se ligeiramente, num gesto que parecia simultaneamente uma saudação e uma reverência. — «Bem-vinda, Ilsa. És muito esperada,» disse o ser, a sua voz ecoando como uma melodia distante. Ilsa sentiu o peso das palavras. Não era apenas uma saudação; era um reconhecimento, um convite para algo muito maior. A emoção subiu-lhe à garganta, e por um momento não encontrou palavras para responder. Apenas acenou com a cabeça, tentando processar a magnitude do momento. Elverian colocou uma mão reconfortante no ombro dela, e Ilsa sentiu-se ancorada na presença dele. Atrás de si, os sons suaves de Young a correr e dos gatos a explorar traziam um conforto inesperado, um lembrete de que não estavam sozinhos nesta jornada. À medida que a comitiva os conduzia para o interior da nave-mãe, Ilsa sentiu que dava os primeiros passos numa realidade que nunca imaginara, mas que, de alguma forma, parecia estar à espera dela desde sempre.

A REUNIÃO DE BOAS-VINDAS

Foram conduzidos por um corredor que parecia não ter fim, envoltos numa luz que pulsava como uma respiração. Cada passo parecia ecoar numa frequência imperceptível, harmonizando-se com a nave. Finalmente, chegaram a uma sala que desafiava qualquer conceito terrestre. O espaço parecia suspenso no próprio cosmos, como se o chão e as paredes tivessem sido esculpidos a partir de estrelas condensadas. As paredes pulsavam com uma luz translúcida, oscilando entre tons de dourado e prateado, como se acompanhassem uma melodia silenciosa. O chão emitia um brilho suave a cada passo, respondendo ao toque com um calor acolhedor. No centro da sala, uma mesa de material desconhecido projetava imagens em movimento: representações holográficas de Amulon, as suas paisagens vibrantes, e dados detalhados da missão de Elverian. Ilsa observava tudo com um assombro contido. Era como se estivesse dentro de uma sinfonia viva, onde cada elemento tinha um propósito, uma nota para compor o todo.

Sentou-se ao lado de Elverian, os seus dedos roçando levemente os dele. Os seus companheiros mais que humanos tinham um espaço próprio, acolhedor e cuidadosamente projectado. Almofadas suaves formavam uma pequena área onde Young já se tinha deitado, a língua de fora numa expressão de satisfação canina. Alva, sempre majestosa, estava sentada numa plataforma que reflectia a luz pulsante, os seus olhos fixos nos hologramas como se estivesse a decifrar os segredos do universo. Gatinha e Gatinho exploravam as bordas do espaço, tocando levemente os cantos com as patas, curiosos mas cautelosos. Os alienígenas entraram na sala em silêncio, movendo-se com uma graça que parecia desafiar a gravidade. As suas formas, embora variáveis, eram todas de uma beleza etérea. Um deles, cuja pele reflectia o brilho das estrelas, assumiu o centro do círculo e dirigiu-se a Elverian. A sua voz era como uma melodia distante, envolvente e carregada de significado. — «Elverian, a tua missão superou as expectativas.

Trouxeste algo mais valioso do que podíamos imaginar.» Elverian inclinou ligeiramente a cabeça, um gesto de humildade. Os olhos brilhantes do alienígena voltaram-se então para Ilsa, estudando-a com uma curiosidade reverente. — «És uma figura de grande curiosidade

para nós. Conta-nos, quem és e o que representas na Terra?» Por um momento, o coração de Ilsa vacilou. As palavras pareciam escapar-lhe, esmagadas pela magnitude da situação. Mas então sentiu a mão de Elverian pousar na sua, quente e reconfortante, como um lembrete de que não estava sozinha. — «Sou apenas... eu,» começou, a sua voz ecoando suavemente no espaço. «Uma artista, uma exploradora da Natureza e do som. Sempre procurei compreender a ligação entre os seres vivos, a Terra e o universo. Não sabia que a minha vida poderia ser tão significativa para além do meu planeta.» Os alienígenas trocaram olhares, os seus olhos cintilando em tons suaves, como se cada palavra de Ilsa tivesse um peso especial.

Um murmúrio quase imperceptível percorreu a sala, uma vibração de entendimento e admiração. — «A simplicidade do teu ser é a sua própria complexidade,» disse outro alienígena, cuja forma parecia feita de névoa luminescente. «Trazes contigo algo que transcende o material e o tangível. És uma ponte entre mundos.» Ilsa inclinou ligeiramente a cabeça, sentindo-se simultaneamente pequena e gigantesca naquele momento. Young levantou-se, abanando a cauda com entusiasmo, e Gatinha saltou para o colo dela, como se percebesse a importância do momento. Alva, do alto da sua plataforma, deixou escapar um leve ronronar que parecia vibrar em uníssono com a sala. Elverian olhou para ela com um sorriso tranquilo, os seus olhos a dizerem o que as palavras não conseguiam. Eles não estavam apenas numa jornada espacial; estavam a traçar um caminho de descoberta mútua, de ligações profundas que desafiavam o entendimento humano e alienígena. O líder da comitiva fez um gesto, indicando que a reunião havia terminado.

— «Amulon aguarda-vos com ansiosa expectativa. A jornada que começa aqui será um marco na nossa história. E, Ilsa, na tua também.» Enquanto a comitiva se retirava, Ilsa permaneceu sentada, a mão de Elverian ainda na dela. Pela primeira vez, sentiu que o universo não era apenas um lugar vasto e desconhecido, mas um lar em potencial, esperando ser descoberto.

A PARTIDA PARA AMULON

Com as formalidades encerradas e a nave finalmente em curso, a Harmonia Stellarum deslizou suavemente pelo vasto oceano de estrelas. Cada movimento era tão preciso e elegante que parecia parte de uma coreografia cósmica. Ilsa estava sentada junto a uma janela ampla e translúcida, o rosto iluminado pelas luzes suaves e pulsantes da galáxia. Lá fora, o espaço parecia vivo, um manto infinito de estrelas dançando num silêncio profundo. Nebulosas brilhavam em tons iridescentes, como pinceladas de um artista divino, e meteoros riscavam o vazio com rastos luminosos. Elverian, sentado a poucos passos dela, inclinava-se sobre uma consola holográfica que exibia informações detalhadas sobre o trajeto. A sua expressão era tranquila, mas havia um brilho de excitação nos seus olhos, como se, mesmo para ele, esta viagem carregasse um significado especial. Depois de ajustar alguns comandos, olhou para Ilsa, que continuava a admirar o infinito.

— «A tua vida está prestes a mudar de formas que nem imaginas,» disse ele, a voz baixa e envolvente, como se estivesse a revelar um segredo ao próprio cosmos. Ela virou-se para ele, os olhos brilhando com um misto de curiosidade e serenidade. O sorriso que surgiu nos seus lábios era pequeno, mas cheio de significado.

— «E eu estou pronta,» respondeu, voltando o olhar para o universo que os rodeava. A sua voz parecia ecoar na sala, misturando-se com o suave zumbido dos sistemas da nave. Ao fundo, na área especialmente projectada para eles, Young dormia com a cabeça pousada sobre as patas, um leve ronco escapando do seu peito. Alva estava empoleirada numa plataforma elevada, os olhos meio fechados, mas atentos às sombras em movimento. Gatinha e Gatinho estavam aninhados juntos, formando uma pequena espiral de conforto e calor. De vez em quando, uma vibração suave atravessava a nave, sinalizando que estavam a atingir uma nova velocidade. O espaço, lá fora, transformava-se num espectáculo ainda mais grandioso: faixas de luz azul e dourada formavam padrões que pareciam dançar ao ritmo do movimento da Harmonia Stellarum. Ilsa deixou os dedos pousarem levemente no vidro translúcido da janela, como se pudesse tocar a vastidão que observava. O calor do vidro contrastava com a imensidão fria do

espaço.

Sentiu-se pequena, mas não insignificante — como uma nota numa sinfonia interminável. — «Elverian,» começou, hesitando por um momento, «como é que sabes que alguém pertence a um lugar? A um mundo?» Ele levantou o olhar dos hologramas e fixou-a, o seu rosto iluminado pelas luzes suaves do console. — «Não se trata de saber. Trata-se de sentir. Quando estás onde deves estar, o universo parece... certo. Como agora.» O silêncio que se seguiu não foi vazio; foi pleno, carregado da gravidade das suas palavras e do infinito que os rodeava. Ilsa voltou-se novamente para a janela, deixando as estrelas preencherem a sua mente com pensamentos que ela ainda não conseguia formular.

A nave acelerava continuamente, e à distância começou a surgir um brilho peculiar. Uma esfera radiante destacava-se no meio da vastidão, crescendo a cada segundo. Era Amulon. A luz que emanava do planeta não era apenas um reflexo do seu sol; parecia ter uma vida própria, pulsando como um coração gigante. Elverian levantou-se e aproximou-se de Ilsa, colocando a mão no seu ombro. — «Lá está ele,» disse ele, com uma voz quase reverente. «Amulon. O nosso destino.» Ela fixou o planeta que agora dominava a janela. Os seus olhos estavam arregalados, absorvendo cada detalhe: os anéis luminosos que o circundavam, os tons vibrantes de verde e azul que o definiam, e as luzes pulsantes nas suas superfícies que pareciam cidades a brilhar na noite. — «É mais do que imaginei,» murmurou, quase sem fôlego. «É... vivo.» Young, como se percebesse a importância do momento, ergueu a cabeça e olhou para a janela. Soltou um pequeno latido de excitação, que ecoou na cabine.

Gatinha e Gatinho saltaram das almofadas, aproximando-se curiosamente do vidro, enquanto Alva desceu graciosamente da sua plataforma para se juntar ao grupo. Elverian riu-se suavemente, colocando a mão na cabeça de Young. — «Eles também sentem. Este é o início de algo maior, Ilsa. E todos nós fazemos parte disso.» À medida que a nave se aproximava de Amulon, Ilsa sentiu o seu coração acelerar, não de medo, mas de antecipação. Era como se estivesse prestes a entrar numa nova melodia da vida, uma que ela sabia que

nunca esqueceria. E, enquanto o planeta enchia o horizonte, ela sussurrou, mais para si mesma do que para qualquer outro: — «Estou pronta.»

CAPÍTULO 17

A CHEGADA A AMULON

BEM-VINDA A AMULON

A Harmonia Stellarum deslizava pelo espaço com uma leveza que contrastava com a sua imensidão. O cosmos parecia mais vibrante à medida que se aproximavam do sistema solar de Amulon. Estrelas cintilavam com intensidade inédita, e os planetas à volta do sol pareciam respirar em tons vivos: um com anéis de cristal que reflectiam um arco-íris de luz, outro com mares turquesa tão brilhantes que pareciam feitos de diamantes líquidos. Ilsa, junto à janela principal, sentia-se como uma criança a descobrir um segredo magnífico. Cada planeta que surgia no horizonte tinha uma personalidade própria, uma história contada nas suas cores, texturas e movimentos. O coração dela acelerava ao vislumbrar a grandiosidade de algo que antes era apenas uma ideia abstrata. Finalmente, Amulon revelou-se. O planeta parecia envolver-se num abraço cósmico de tons verdes e azuis, brilhando com uma auréola de energia pulsante. Esta luz, fluida e viva, formava padrões que se moviam como um rio em câmera lenta, reflectindo uma dança interminável.

— «É o mais belo que já vi,» disse Ilsa, com um suspiro quase inaudível, como se a magnitude da visão lhe roubasse o fôlego. Elverian, que a observava com um sorriso sereno, aproximou- se. Colocou uma mão firme, mas reconfortante, no ombro dela. — «Bem-vinda a Amulon,» disse ele, num tom que misturava reverência e orgulho. «E é apenas o início. Visto daqui, é magnífico, mas quando estiveres na superfície, perceberás que a sua beleza vai além do que os teus olhos podem captar.» Ilsa virou-se, os olhos brilhando de uma mistura de excitação e receio. Ela sentia-se pequenina diante de

tamanha grandiosidade, mas ao mesmo tempo, uma força inexplicável a puxava para aquele planeta. — «Espero que estejam prontos para mim tanto quanto eu estou para eles,» disse, meio em brincadeira, meio em seriedade. Elverian riu, um som baixo e reconfortante que encheu o espaço. — "Estás destinada a este momento, Ilsa. Eles já te amam sem sequer te conhecerem.”

A ATRACAGEM NO HANGAR

À medida que a nave se alinhava com precisão para atracar, um som suave e musical encheu a cabine, sinalizando o início do procedimento. O painel holográfico projetava um modelo do hangar: uma estrutura colossal que parecia ter sido esculpida no próprio espaço, com luzes difusas que emanavam das paredes como se estas respirassem. — «Parece uma catedral flutuante,» murmurou Ilsa, fascinada. O hangar iluminava-se com um brilho dourado que parecia um reflexo de estrelas capturadas. A Harmonia Stellarum foi guiada por um feixe de luz até um ponto de acoplagem, onde as superfícies das naves se fundiram num encaixe perfeito, emitindo um zumbido baixo e contínuo, quase como uma nota musical. — «Estamos prontos,» disse Elverian, desligando os sistemas. Ele virou-se para Ilsa, que ainda olhava fixamente para o hangar. — «Preparada para entrar?» Ela respirou fundo, sentindo o peso do momento. — «Sim... mas não posso negar que estou nervosa.» Elverian sorriu e estendeu a mão.

— «Vamos juntos. Este é apenas o começo.» Quando a comporta principal da nave abriu, uma brisa leve e quente envolveu-os e foi como se a própria essência de Amulon entrasse na nave. O ar que invadiu o espaço era fresco, mas carregava um perfume suave, difícil de descrever, como uma mistura de flores inexistentes na Terra. Tinha uma qualidade quase mágica, perfumado com algo que Ilsa não conseguia identificar, mas que parecia evocar memórias esquecidas. A luz que emanava do exterior tinha uma qualidade quase líquida, envolvendo tudo com um brilho iridescente que parecia acariciar os olhos. Reflectia-se suavemente nas superfícies da nave, criando padrões hipnóticos que dançavam à medida que eles desciam pela rampa. Sentia-se a energia vibrante de um amanhecer cósmico. Young

foi o primeiro a sair, abanando a cauda com entusiasmo e farejando o ar como se quisesse absorver tudo de uma vez. Alva, sempre majestosa, manteve-se no ombro de Elverian, observando tudo como se fosse o comandante da expedição.

Gatinha e Gatinho, com os olhos arregalados de curiosidade, exploravam cada canto próximo, tocando delicadamente com as patas. Ilsa saiu por último, parando no final da rampa. O seu olhar encontrou o vasto hangar, onde cada detalhe parecia ter sido desenhado para impressionar e acolher. — «É como se o próprio universo me desse as boas-vindas,» disse ela, a voz embargada de emoção. Ao longe, uma comitiva aguardava, composta por figuras de uma beleza quase sobrenatural, com traços que misturavam formas naturais e tecnologia viva. E além disso, o som etéreo de uma orquestra robotizada enchia o ar, tocando uma versão arrebatadora de «Major Tom» de David Bowie. O momento parecia tirado de um sonho, e Ilsa sentiu-se, pela primeira vez, verdadeiramente parte de algo maior do que ela poderia imaginar.

A SAÍDA DA NAVE

Lumirian, o Chefe Supremo de Amulon, e a sua comitiva aguardavam. Estavam dispostos num semicírculo perfeito, como se representassem a harmonia natural que governava aquele mundo. As suas vestes, feitas de algo que Ilsa só poderia descrever como fios de luz pura, moviam-se suavemente, como se respondessem à música do vento invisível que preenchia o ambiente. Cada figura tinha traços únicos — alguns com pele que parecia conter fragmentos de estrelas, outros com olhos que reflectiam nebulosas em miniatura. Tudo neles exalava uma combinação de autoridade serena e sabedoria intemporal. Young, fiel ao seu espírito enérgico, avançou com a cauda a abanar furiosamente, farejando o chão e olhando em volta como se quisesse explorar tudo de uma vez. O seu entusiasmo arrancou um sorriso discreto de um dos membros da comitiva, cujo rosto parecia feito de cristal translúcido. Logo depois, Alva, pousada no ombro de Elverian, manteve a sua postura majestosa, os olhos dourados a observarem tudo com atenção quase analítica.

Gatinha e Gatinho, com passos hesitantes, mas curiosos, andaram lado a lado, os pequenos focinhos a erguerem-se para o ar novo, absorvendo o ambiente com um brilho de descoberta nos olhos. E então, Ilsa desceu. Assim que os seus pés tocaram o solo de Amulon, um silêncio reverente tomou conta da comitiva. Era como se cada movimento dela fosse um acontecimento, uma página a ser escrita na história daquele planeta. A sua figura, simples mas imponente, destacava-se contra o brilho do ambiente. A sua roupa branca parecia capturar e reflectir a luz de Amulon, fazendo-a parecer parte do próprio mundo que a recebia. Nesse momento, uma orquestra robotizada começou a tocar. O som era etéreo, algo entre música e energia pura. A melodia de «My Favourite Things» de John Coltrane ganhou vida, transformada em ondas sonoras que pareciam ecoar directamente na alma. Ilsa, com o coração a bater acelerado, sentiu-se ao mesmo tempo uma estranha e uma habitante natural daquele momento. Lumirian deu um passo à frente.

Ele era alto e esguio, com olhos que pareciam conter todo o conhecimento de um universo. A sua voz, profunda e ressonante, quebrou o silêncio, ecoando como uma canção antiga que todos reconheciam. — «Bem-vinda, Ilsa, e bem-vindo de volta, Elverian. Hoje marca um novo capítulo na história de Amulon.» Ilsa, surpresa pela gravidade das palavras, inclinou ligeiramente a cabeça, tentando absorver o peso do momento. A sua voz saiu hesitante, mas cheia de sinceridade. — «É uma honra estar aqui. Ainda estou a tentar compreender o que isto significa para todos nós.» Lumirian sorriu, e o brilho nos seus olhos parecia transmitir algo mais profundo do que as palavras podiam alcançar. Era um sorriso de acolhimento, mas também de compreensão — como se ele visse em Ilsa mais do que ela própria conseguia ver. — «Terás tempo para compreender, e nós teremos tempo para aprender contigo.» O vento acariciou o rosto de Ilsa, trazendo consigo um calor reconfortante, como se Amulon a estivesse a abraçar.

Olhou para Elverian, que lhe devolveu um olhar sereno, e soube naquele instante que estava exatamente onde precisava de estar.

A CAMINHO DO PALÁCIO

Os veículos flutuantes deslizavam pelo ar com uma graça etérea, cortando o vento de forma tão silenciosa que parecia que o próprio espaço à sua volta respeitava a ocasião. Dentro do transporte principal, Ilsa e Elverian estavam cercados por uma transparência panorâmica que lhes permitia absorver cada detalhe daquela recepção sem precedentes. O brilho suave das luzes da cidade iluminava o interior do veículo, reflectindo nas paredes curvas como ondas de energia calma. Pelas ruas, multidões vibrantes estendiam-se como um tapete vivo de cor e movimento. Os habitantes de Amulon erguiam as mãos em saudações efusivas, enquanto os coros de «Ilsa» e «Salvadora» ecoavam, misturando-se com a brisa fresca e criando um ambiente quase onírico. As vozes não eram gritadas, mas entoadas numa harmonia surpreendente, como se o próprio povo tivesse começado a comunicar de forma musical, reflectindo a transformação recente de Amulon. Os edifícios, anteriormente monótonos e cinzentos, agora mostravam-se coloridos.

Formas orgânicas e curvas suaves substituíam as linhas retas e austeras do passado, enquanto os padrões coloridos que adornavam as suas superfícies pareciam dançar com a luz. Havia vegetação artificial a emergir de varandas e terraços suspensos, e até pequenas criaturas semelhantes a pássaros faziam acrobacias no ar, reflectindo o renascimento vibrante de um planeta que voltava a respirar. Ilsa, encostada à janela, observava tudo com um misto de admiração e desconforto. Sentia o calor dos olhares, o peso das esperanças depositadas nela, e a grandiosidade da transformação que inspirara, mesmo sem nunca ter desejado essa responsabilidade.

— «Nunca quis ser uma figura pública, Elverian,» murmurou, com a voz embargada pela emoção. «Esta devoção... é esmagadora.» Elverian, sentado ao lado dela, virou-se com um sorriso compreensivo. O reflexo das luzes exteriores nos seus olhos dava-lhe um ar quase celestial. — «Não és apenas uma figura pública, Ilsa. És o símbolo de algo maior. Para eles, és a promessa de um futuro melhor, a personificação de uma mudança que esperaram durante gerações. Isso transcende qualquer fama terrena.» Young, sentado no chão do

veículo, parecia capturar a energia da multidão. Latia alegremente, como se estivesse a participar na celebração. A sua cauda abanava com tanta força que Ilsa não pôde evitar rir. — «Young, se continuares assim, vão pensar que és tu o salvador,» brincou ela, acariciando-lhe a cabeça. Enquanto isso, Alva, com a sua postura serena e imponente, observava tudo de cima de uma pequena plataforma no veículo. Os seus olhos dourados captavam cada movimento das multidões, como se estivesse a supervisionar o momento histórico.

Gatinha e Gatinho, por outro lado, estavam enroscados em assentos acolhedores, os pequenos corpos relaxados, mas com as orelhas a mexerem-se de tempos a tempos, captando os sons e as vibrações que preenchiam o ar. A viagem prosseguia, e o povo não parava de entoar os nomes de Ilsa e Elverian. Por vezes, pequenos objetos luminosos — que pareciam flores ou pequenas esculturas de energia — eram lançados para o ar e desapareciam num brilho suave, como oferendas efémeras ao momento. Ilsa fechou os olhos por um instante, tentando absorver tudo. O amor e a esperança projectados sobre ela eram quase tangíveis. Quando voltou a abrir os olhos, encontrou os de Elverian, que a observava com uma expressão de serenidade. — «Sei que isto é muito, Ilsa,» disse ele suavemente. «Mas lembra-te: não estás sozinha. Estamos juntos nisto.» Ela respirou fundo, acenando ligeiramente com a cabeça.

«Juntos,» repetiu, como uma promessa, enquanto olhava novamente para a cidade em festa, sentindo o peso de um mundo, mas também o apoio incondicional daquele ao seu lado.

A RECEPÇÃO NO PALÁCIO

O Palácio Luminar, imponente e radiante, parecia crescer a cada passo que davam em direcção a ele. A sua arquitectura, uma fusão perfeita entre formas orgânicas e linhas futuristas, evocava tanto a Natureza quanto a tecnologia. As paredes exteriores eram translúcidas, pulsando suavemente com cores que se alteravam ao ritmo de uma melodia invisível. Cúpulas iridescentes reflectiam o brilho das estrelas, criando um espectáculo de luzes que parecia envolver o edifício num abraço cósmico. Ao atravessarem o arco de entrada, foram imediatamente envolvidos por uma música etérea e única. Músicos alienígenas alinhavam-se ao longo do corredor principal, tocando instrumentos que desafiavam a lógica terrestre: harpas de luz sólida que vibravam com tons cristalinos, tubos translúcidos que emitiam notas profundas quando preenchidos por um fluxo de energia, e superfícies pulsantes que criavam ritmos ao toque. O som era ao mesmo tempo orgânico e eletrónico, uma composição que parecia unir o coração do universo ao momento presente.

Ilsa parou por um instante, os olhos brilhando com uma admiração que beirava o espanto. A música parecia penetrar a sua pele, atingindo um ponto profundo na sua alma que ela nunca soubera existir. — «É como se fosse o som do próprio universo,» sussurrou ela. Elverian, ao seu lado, observava-a com um sorriso, satisfeito por ver a ligação instantânea entre Ilsa e o que Amulon tinha para oferecer. — «É mais do que música,» respondeu ele. «É a essência de quem somos.» Quando finalmente chegaram à sala de recepção, a grandiosidade do espaço tirou-lhes o fôlego. O teto translúcido parecia dissolver-se no cosmos, permitindo que as estrelas iluminassem o ambiente com um brilho suave e natural. As paredes ondulavam como se estivessem vivas, mudando de cor de acordo com a vibração da música, criando uma atmosfera simultaneamente acolhedora e sublime. No centro, uma mesa longa e brilhante parecia flutuar no ar.

Os pratos sobre ela eram uma obra de arte: flores cristalinas, frutos luminescentes e texturas desconhecidas organizadas com uma precisão quase cerimonial. Aromas delicados e exóticos preenchiam o ar, provocando os sentidos com a promessa de novos sabores. Os

convidados já estavam reunidos, cada um trazendo consigo uma aura única de autoridade e criatividade. Nyvren, o responsável pela ciência de som, exibia uma figura alta e esguia, com traços quase líquidos que pareciam em constante movimento. Ailina, a artista revolucionária, tinha uma presença magnética, com cabelos que brilhavam como se fossem feitos de partículas de luz. Thalorin, o especialista em biologia regenerativa, mantinha-se sereno, com olhos que cintilavam com um conhecimento insondável. Ilsa e Elverian foram conduzidos a lugares de honra, com os seus companheiros não-humanos posicionados confortavelmente num espaço especialmente preparado para eles.

Young já explorava o ambiente, farejando curioso, enquanto Alva observava tudo do alto de uma plataforma, com a dignidade de um comandante. Gatinha e Gatinho encontraram um canto acolhedor, onde se enroscaram, mas com as orelhas bem atentas ao que acontecia. Os diálogos começaram com uma curiosidade intensa, mas respeitosa. Nyvren foi o primeiro a falar, a sua voz musical combinando com o ambiente. — «Ilsa, como foi viver num planeta onde a música já fazia parte da alma das pessoas?» Ilsa inclinou-se ligeiramente para a frente, pensativa. As suas palavras vieram com a profundidade de alguém que entende o que significa viver com o coração. — «A música na Terra não é apenas entretenimento. É uma forma de expressar o que as palavras não conseguem. É emoção pura, uma ponte entre as pessoas e os seus próprios corações. É onde encontramos conforto e onde guardamos os nossos sonhos.» Os alienígenas trocaram olhares de aprovação, e murmúrios de compreensão preencheram a sala. Thalorin, com a sua voz calma e profunda, fez a próxima pergunta.

— «E achas que podemos aprender isso? Que podemos sentir como vocês sentem na Terra?» Ilsa sorriu, os olhos encontrando os de Elverian por um breve momento, como se buscasse e encontrasse ali a força necessária para responder. — «Não é algo que se aprende. É algo que se sente. Mas se chegaram até aqui, acredito que já sabem sentir.» A sala encheu-se de silêncio por um momento, não por falta de palavras, mas por respeito à profundidade do que havia sido dito. A música de fundo parecia crescer levemente, como se o próprio ambiente respondesse às palavras de Ilsa.

Elverian, com a voz calma, mas carregada de convicção, acrescentou: — «Ilsa não é apenas uma visitante. Ela é uma mestra que vos ensinará a redescobrir o que sempre esteve em vós.» Os olhares voltaram-se para Ilsa novamente, mas desta vez não eram apenas de curiosidade. Eram de admiração profunda e de uma esperança renovada. E, naquele instante, Ilsa percebeu que estava, de facto, no centro de algo muito maior do que poderia ter imaginado.

O NOVO COMEÇO

Enquanto o jantar avançava, Ilsa sentia-se envolvida por uma atmosfera que parecia palpitar com vida e esperança. Amulon, com a sua vibração única, revelava-se não apenas como um planeta distante, mas como um lugar onde tudo parecia estar em sintonia — até mesmo os silêncios pareciam carregar significado. A mesa diante dela era uma celebração de formas e cores. Os alimentos pareciam pulsar com energia própria, como se fossem retirados directamente do coração do planeta. Frutos de texturas cristalinas brilhavam em tons de âmbar e azul celeste, enquanto pratos quentes exalavam aromas que evocavam as florestas e mares da Terra. A cada garfada, os sabores contavam histórias: doce, salgado, picante, e algo mais — uma dimensão nova que ela nunca tinha experimentado. À sua volta, as vozes dos habitantes de Amulon misturavam-se numa harmonia quase musical. Eles falavam com entusiasmo, riam com alegria genuína, e os seus olhos brilhavam com a energia de um futuro cheio de possibilidades. Ilsa percebeu que ali, até mesmo o simples ato de conversar era uma forma de arte, carregada de intencionalidade e emoção.

— «Eles mudaram tanto,» pensou, observando os sorrisos que iluminavam os rostos dos alienígenas. A transformação que Elverian começara com as transmissões da Terra era visível em cada detalhe: as roupas que antes seriam monocromáticas agora tinham padrões vivos; os rostos antes neutros irradiavam emoções, e o próprio ambiente parecia vibrar com um sentido renovado de propósito. Elverian, sentado ao seu lado, notava a expressão contemplativa de Ilsa. Colocou a mão suavemente sobre a dela, interrompendo o fluxo dos seus pensamentos. — «Estás a ver o que eu vejo?» perguntou ele,

a voz cheia de ternura. Ilsa virou-se para ele, os olhos brilhando com lágrimas que ela não sabia que estavam lá. — «Estou a sentir. Tudo isto... é tão belo. É como se Amulon estivesse a renascer, e nós fazemos parte disso.» Elverian sorriu, assentindo. — «Sempre fizemos parte, mesmo antes de saberes. E agora, és o catalisador de algo que será maior do que nós dois.» Ilsa olhou para os convidados à mesa, cada um uma peça vital neste novo mundo.

Nyvren falava animadamente sobre as novas composições que estavam a criar para incorporar os sons da Natureza; Ailina explicava as possibilidades infinitas de criar arte em colaboração com as paisagens de Amulon; e Thalorin partilhava visões sobre como reintroduzir espécies orgânicas no ecossistema. A vibração positiva era contagiante. Young, acomodado aos pés de Ilsa, adormeceu tranquilamente, satisfeito após receber alguns pedaços de fruta oferecidos pelos alienígenas curiosos. Alva, no entanto, mantinha-se no seu trono improvisado, observando tudo com o olhar de quem sabia que também fazia parte de algo grandioso. Gatinha e Gatinho, movidos pela curiosidade, exploravam silenciosamente as bordas da sala, arrancando sorrisos e risos dos convidados que pareciam maravilhados com os seus movimentos ágeis. Ilsa deixou-se levar pelo momento, sentindo-se preenchida por uma paz que nunca antes experimentara. Olhou novamente para Elverian. — «Pela primeira vez, sinto que encontrei o meu lugar no universo. É aqui, Elverian.

É exatamente aqui.» Ele apertou a mão dela, como se a ligação entre ambos e Amulon fosse agora algo indestrutível. — «Sempre soube que estavas destinada a algo maior, Ilsa. Agora o universo também sabe.» E, enquanto o jantar prosseguia, Ilsa percebeu que estava não apenas a testemunhar, mas a participar no nascimento de um novo mundo. A música, as cores e as vozes felizes à sua volta eram mais do que celebração; eram a prova tangível de que mudanças ainda maiores estavam por vir. E ela, pela primeira vez, sentia-se completamente em casa — não numa cidade, num país ou num planeta, mas no vasto e infinito tecido do universo.

CAPÍTULO 18

A VIDA EM AMULON

É COMO VIVER DENTRO DE UMA OBRA DE ARTE

Cansados, mas com os corações cheios de emoções após a recepção calorosa, Ilsa, Elverian, Young, Alva, Gatinha e Gatinho foram conduzidos à sua nova morada em Amulon. Quando o veículo flutuante se aproximou, Ilsa prendeu a respiração ao ver o edifício monumental que seria o seu lar. O exterior era um espectáculo de design orgânico e futurista. A estrutura parecia ter brotado do próprio chão, como uma árvore gigante de cristal que crescia em direcção ao céu. O material brilhava com tons suaves que variavam entre o verde e o dourado, reflectindo a luz das três luas de Amulon. A área circundante era um paraíso natural: jardins repletos de plantas luminescentes que emitiam um brilho sereno e caminhos flutuantes que serpenteavam sobre pequenos lagos de água cristalina. No centro do jardim, havia uma fonte que projetava feixes de luz em padrões hipnotizantes, criando uma sinfonia visual e sonora. — «Isto é... surreal,» sussurrou Ilsa, os olhos fixos na estrutura diante dela.

— «Bem-vinda a casa,» disse Elverian com um sorriso, enquanto Young saltava do veículo e começava a explorar os arredores, farejando cada canto. Alva pousou no ombro de Ilsa, observando tudo com a sua dignidade habitual, enquanto Gatinha e Gatinho corriam atrás de Young, encantados com as sombras dançantes das plantas. Ao entrarem no edifício, o espanto de Ilsa só aumentou. O interior era uma fusão perfeita entre tecnologia avançada e conforto acolhedor. As paredes pareciam vivas, mudando subtilmente de cor e textura conforme se moviam. A luz era difusa, irradiando de painéis invisíveis que criavam uma atmosfera serena. O hall de entrada era vasto, com

um chão translúcido que reflectia padrões de estrelas em movimento. Escadas flutuantes conduziam ao andar superior, enquanto no centro havia uma plataforma circular que emitia uma melodia suave sempre que alguém passava. — «É como viver dentro de uma obra de arte,» disse Ilsa, tocando a superfície de uma parede que mudava de textura ao toque, como se estivesse viva.

Exploraram a casa juntos, cada divisão mais impressionante que a anterior. A sala principal era espaçosa, com sofás que se moldavam automaticamente ao corpo e uma lareira holográfica que projetava não só calor, mas também sons suaves de florestas. A cozinha parecia saída de um sonho, com dispositivos que reconheciam os desejos de quem ali entrava, preparando alimentos a partir de ingredientes sintetizados com precisão. O estúdio de música era o verdadeiro tesouro para Ilsa e Elverian. Uma sala ampla, repleta de equipamentos que combinavam tecnologia de Amulon com instrumentos tradicionais da Terra, como guitarras, sintetizadores e um metalofone. No centro, havia uma consola circular que permitia criar composições tridimensionais, onde os sons podiam literalmente ser moldados no ar. — «Isto é mais do que imaginei,» disse Ilsa, maravilhada. «Podemos criar música que nem sequer sonhávamos na Terra.» Elverian riu-se. — «Aqui, a tua imaginação é o único limite.»

Havia também uma sala dedicada aos seus companheiros não-humanos, projectada com todo o cuidado. Brinquedos flutuantes, estruturas para escalada, áreas para descanso e até uma pequena piscina para Young. Gatinha e Gatinho correram para os brinquedos, enquanto Alva se aninhou numa plataforma que parecia feita à medida para ela. — «Parece que pensaram em tudo,» comentou Ilsa, sorrindo ao ver Young a saltar atrás de uma esfera luminosa que flutuava ao seu redor. — «Eles merecem,» respondeu Elverian. «São tão importantes para esta família quanto nós dois.» Após explorarem todos os cantos da casa, Ilsa e Elverian sentaram-se juntos na sala principal. Lá fora, as luas de Amulon iluminavam os jardins com um brilho etéreo, e o som suave da fonte chegava até eles como um murmúrio distante. Young, Alva, Gatinha e Gatinho estavam finalmente acomodados nos seus espaços, todos visivelmente felizes e tranquilos. Elverian ativou um painel na parede, e a casa foi preenchida pelas notas tranquilas de

«Music for Airports», de Brian Eno.

A música parecia fundir-se com o ambiente, criando uma sensação de paz absoluta. Ilsa inclinou-se para Elverian, os olhos fechados enquanto a música os embalava. — «Nunca imaginei que pudesse sentir-me tão em casa tão longe da Terra,» murmurou. Elverian segurou-lhe a mão, olhando para ela com ternura. — «Isto é só o começo. Aqui, podes criar um novo mundo... e também um novo sonho.» Lá fora, Amulon estava em paz, aguardando os dias que viriam com a promessa de um futuro transformador.

O PRIMEIRO PEQUENO-ALMOÇO EM AMULON

A manhã chegou suavemente, com a luz das três luas de Amulon ainda visível no horizonte, misturando-se com os primeiros raios do sol do planeta. A casa parecia acordar com eles, ajustando a luminosidade de acordo com o ritmo da manhã. Elverian e Ilsa desceram as escadas flutuantes, ainda recuperando do cansaço da noite anterior, mas sorrindo perante a novidade do dia. A cozinha era uma sinfonia de design e funcionalidade. As paredes brilhavam num tom de dourado suave, com texturas que lembravam campos de trigo. O balcão central era feito de um material translúcido que parecia cristal líquido, mudando de cor de acordo com os alimentos que ali eram preparados. Dispositivos flutuantes pairavam, emitindo sons leves e harmoniosos enquanto realizavam tarefas automaticamente. Havia uma máquina que sintetizava frutas perfeitas, como se tivessem acabado de ser colhidas, e um forno que emitia uma luz suave enquanto cozia pães com precisão.

Ao lado, a sala de refeições era ampla e acolhedora, com uma grande mesa circular feita de um material semelhante a mármore, mas quente ao toque. No centro, uma bandeja flutuava levemente, já cheia de delícias: frutas exóticas de cores vivas e formas nunca vistas na Terra, pão ainda quente com crostas douradas, cremes coloridos feitos de ingredientes vegetais de Amulon e jarros com líquidos brilhantes que exalavam aromas doces e frescos. Young, com a energia habitual, correu pela cozinha, perseguindo uma pequena esfera de luz que parecia reagir à sua presença. Gatinha e Gatinho exploravam curiosos

as esquinas da cozinha, enquanto Alva, sempre altiva, observava tudo de uma plataforma elevada. — «Isto é um paraíso,» comentou Ilsa, pegando numa fruta de um tom púrpura vibrante. «Nunca imaginei que pudesse acordar e ter algo assim à minha frente.» Elverian riu-se enquanto programava uma bebida quente para os dois.

— «Quis garantir que tudo fosse especial para ti... e também para eles.» Apontou para os animais, que estavam a brincar como se também soubessem que aquele lugar era único. Young saltou para perto da mesa, abanando a cauda com entusiasmo. Gatinha e Gatinho, curiosos, tentavam apanhar pequenos feixes de luz que surgiam no chão, enquanto Alva, digna como sempre, desceu para explorar o seu próprio prato de comida. Para os animais, havia um conjunto de iguarias especialmente preparadas: crocantes vegetais locais para os gatos e um creme nutritivo para Young, que o devorou alegremente. — «Já viste como eles estão felizes?» comentou Ilsa, observando o grupo. — «Animais sabem reconhecer onde estão bem,» disse Elverian. «E aqui, até a energia é feita para acolher todas as formas de vida.» Ilsa sentou-se à mesa, observando o pão dourado que se desfazia ao toque e espalhando um creme azul iridescente sobre ele. Deu uma trinca e os seus olhos brilharam. — «É maravilhoso,» murmurou.

«Sabe a algo que nunca experimentei e, ao mesmo tempo, a algo que sempre procurei.» Elverian sentou-se ao seu lado com a bebida quente que tinha preparado. Era de um tom dourado, e quando Ilsa tomou um gole, sentiu um calor reconfortante espalhar-se pelo corpo, como se fosse mais do que uma bebida, mas também uma experiência sensorial. Young latiu, chamando a atenção para um dos brinquedos flutuantes, que agora estava a orbitar em volta dele. Gatinha saltou sobre Gatinho, numa brincadeira que os fez correr pela sala, enquanto Alva, indiferente ao tumulto, voltou para o seu lugar de observação.

— «Parece que encontrámos o nosso ritmo,» comentou Elverian, sorrindo para Ilsa. «Um novo começo, uma nova casa... juntos.» Ilsa olhou para ele, o brilho da novidade ainda a iluminar os olhos. — «E estamos apenas a começar,» respondeu ela, levantando o copo dourado num gesto simbólico. «À nossa nova vida.» E assim, entre risos, brincadeiras e sabores desconhecidos, o primeiro

pequeno-almoço em Amulon tornou-se um momento inesquecível, uma promessa de tudo o que estava para vir.

OS ANIMAIS E O SEU PARAÍSO, O VEÍCULO DO FUTURO E O CENTRO DE MÚSICA DE AMULON

Após o pequeno-almoço, Ilsa acariciou Young, que estava deitado no chão com a língua de fora, exausto das suas brincadeiras. Gatinha e Gatinho saltavam por entre plataformas flutuantes na sala concebida especialmente para os animais, tentando apanhar pequenos drones luminosos que emitiam sons suaves, semelhantes ao chilrear de pássaros. Alva, majestosa como sempre, aninhou-se numa cadeira aquecida que emitia uma luz dourada reconfortante. — «Eles não vão sentir a nossa falta,» comentou Ilsa, rindo, enquanto observava Young a tentar apanhar um disco flutuante que girava à sua volta. — «Esta sala foi projectada para manter os seus sentidos estimulados e proporcionar diversão. Acho que vão divertir-se enquanto exploramos,» respondeu Elverian, já se dirigindo para a saída. Ilsa beijou Young na testa, deu uma última olhada nos gatos, e seguiu Elverian. No exterior, um veículo oval e flutuante esperava por eles. A sua superfície reflectia o ambiente, adaptando-se às cores e à luz à sua volta, quase como se estivesse camuflado.

As portas deslizaram suavemente para se abrir, emitindo um som harmónico. — «Uau, parece algo saído de um sonho,» exclamou Ilsa, enquanto tocava a superfície do veículo, sentindo uma textura semelhante ao toque de seda líquida. O interior era minimalista, mas acolhedor. Os bancos moldavam-se ao corpo de quem se sentava, e o painel frontal era inteiramente holográfico, exibindo mapas tridimensionais e informações em tempo real. — «Nem precisamos de o conduzir,» explicou Elverian. «Ele segue os nossos comandos mentais ou verbais.» — «É como se estivesse vivo,» comentou Ilsa, admirada. — «De certa forma, está. A tecnologia aqui é feita para ser intuitiva, quase como um parceiro na viagem.» Elverian deu uma ordem mental, e o veículo iniciou o trajeto, deslizando silenciosamente pelo ar. O veículo pousou suavemente diante de um edifício imponente, que parecia flutuar sobre um campo de energia luminosa. As paredes

eram feitas de um material cristalino que reflectia as cores do ambiente, mudando suavemente conforme o vento soprava.

— «Bem-vinda ao Centro de Música de Amulon,» disse Elverian, enquanto saíam do veículo. Ilsa ficou maravilhada ao entrar. O interior era uma fusão de arte e ciência. As salas eram envolvidas por paredes translúcidas que vibravam com sons suaves. Músicos flutuavam em plataformas, tocando instrumentos que pareciam feitos de luz e água. Hologramas de notas musicais dançavam pelo ar, sincronizados com a música.

— «Aqui é onde os maiores artistas e musicólogos do planeta trabalham para criar sons que inspiram a nossa civilização,» explicou Elverian. Um grupo de musicólogos aproximou-se. Entre eles estava Lyran, um ser alto com olhos cintilantes, e Viraen, uma especialista em frequências emocionais. — «Este é Lyran, responsável pela composição das harmonias planetárias,» apresentou Elverian. — «É uma honra conhecer-te, Ilsa,» disse Lyran, inclinando-se ligeiramente. «O que trouxeste para nós vai ressoar para sempre no âmago de Amulon.» — «Apenas partilhei algo que sempre foi natural para nós na Terra,» respondeu Ilsa, com humildade. Viraen sorriu e perguntou: — «Diz-nos, como é o som da tua alma? Aqui, acreditamos que cada ser tem uma frequência única.» Ilsa pensou por um momento. — «Talvez algo entre o som de um riacho e o eco de uma caverna... algo que é suave, mas ressoa profundamente.» Os musicólogos trocaram olhares fascinados, enquanto hologramas na sala projetavam representações visuais das frequências mencionadas por Ilsa.

Elverian levou Ilsa até um dos estúdios, onde os instrumentos estavam dispostos em plataformas flutuantes. Um deles chamou a atenção de Ilsa: era feito de fios translúcidos que se entrelaçavam e emitiam uma luz suave ao toque. — «Experimenta,» sugeriu Lyran. Ilsa tocou levemente o instrumento, e um som cristalino preencheu o espaço, como o som do vento a passar por folhas de cristal. — «É... mágico,» murmurou ela.

— «E é apenas o começo,» disse Viraen. «Aqui, os instrumentos não são apenas ferramentas, são extensões de quem os toca.» Ilsa passou os dedos por mais alguns instrumentos, enquanto Elverian a observava

com um sorriso sereno. — «Estás a adaptar-te rapidamente,» comentou ele. — «É como se sempre tivesse estado aqui,» respondeu ela, maravilhada. Depois de horas de descobertas e conversas, Ilsa e Elverian despediram-se dos músicos e musicólogos, prometendo voltar. No caminho de volta ao veículo, Ilsa suspirou. — «Este lugar... é como um sonho tornado realidade. Nunca pensei que pudesse haver algo tão perfeitamente ligado à música e à alma.» — «Este é apenas o começo,» disse Elverian, enquanto o veículo flutuante se preparava para os levar de volta. «Amulon tem muito mais para te mostrar.» E, enquanto se afastavam do Centro de Música, Ilsa sentia que cada momento naquele planeta era uma porta aberta para algo novo e inesperado.

A CHEGADA A ALKAZAM, O CENTRO DE MEDITAÇÃO HARMÓNICA

— «Agora, vamos visitar a nossa capital, Alkazam,» anunciou Elverian com um sorriso de entusiasmo. O veículo flutuante moveu-se com precisão em direcção a uma vasta planície. No horizonte, uma cidade imponente emergiu como uma miragem. Alkazam era um espectáculo de harmonia entre natureza artificial e tecnologia. Torres altas, feitas de materiais translúcidos e cintilantes, reflectiam a luz de uma estrela distante, projetando tons de dourado e azul. Jardins suspensos ligavam edifícios flutuantes, e rios artificiais serpenteavam pela cidade, reflectindo o céu cristalino.

— «É tudo tão vibrante... tão vivo,» comentou Ilsa, com os olhos brilhando enquanto absorvia cada detalhe. — «Alkazam é o coração de Amulon. Aqui, todos os nossos avanços em ciência, arte e espiritualidade convergem para criar equilíbrio,» explicou Elverian. Nas ruas largas, habitantes de diferentes formas e cores moviam-se com serenidade. Alguns usavam roupas feitas de tecidos luminosos que mudavam suavemente de tonalidade, enquanto outros pareciam fundir-se com o ambiente, como se fossem parte da paisagem. — «Repara nos transportes,» disse Elverian, apontando para plataformas flutuantes onde os habitantes se deslocavam sem pressa. «Aqui, o tempo não é algo a ser corrido, mas vivido.» Ilsa riu, impressionada. —

«Gostava que na Terra tivéssemos essa visão... de viver o tempo, em vez de o perseguir.» O veículo parou diante de um edifício monumental, o Centro de Meditação Harmónica. A estrutura parecia uma esfera dividida em camadas que giravam lentamente, como se estivesse a respirar.

Raios de luz suave escapavam pelas fendas, criando padrões dançantes no chão ao redor. — «Este é o nosso santuário de paz e reconexão,» explicou Elverian enquanto desciam do veículo. «Aqui, exploramos o silêncio como forma de entender o universo.» No interior, a atmosfera era etérea. As paredes pulsavam com um brilho quente e acolhedor, e sons quase imperceptíveis, como o murmúrio de ondas distantes, preenchiam o ar. Pequenas plataformas flutuantes estavam dispostas em círculos concêntricos, onde os habitantes meditavam em silêncio absoluto. Alguns levitavam ligeiramente, os seus corpos rodeados por auras suaves de luz.

— «Eles estão a meditar?» perguntou Ilsa em voz baixa, como se temesse perturbar a paz. — «Sim,» respondeu Elverian. «Mas a meditação aqui não é apenas silêncio. É uma sintonia com as frequências do universo. Cada pensamento, cada emoção, cria um som. Aqui, aprendemos a ouvir e a harmonizar essas vibrações.» Ilsa ficou fascinada. Observou um grupo que estava reunido em torno de um cristal flutuante que emitia tons suaves, sincronizados com a respiração coletiva. — «É como se a música estivesse em tudo,» comentou Ilsa. «Mesmo no silêncio.» Elverian sorriu. — «Exatamente. Aqui, o silêncio não é ausência, mas potencial. Uma ecrã em branco onde tudo pode ser pintado.» Ilsa sentou-se numa das plataformas, seguindo o exemplo dos habitantes. Fechou os olhos por um momento, tentando sentir as vibrações à sua volta. Sentiu um calor no peito, como se o próprio espaço a abraçasse. — «É diferente de tudo o que já experimentei,» confessou ela, abrindo os olhos. — «A tua sensibilidade está a crescer,» disse Elverian, sentando-se ao lado dela.

«A música da Terra despertou algo em Amulon, e agora Amulon está a devolver isso a ti.» Ilsa olhou para ele, tocada pelas palavras. — «Parece que tudo aqui tem um propósito... mesmo a nossa vinda.» Enquanto caminhavam de volta ao veículo, Ilsa olhou novamente para

a esfera giratória do centro de meditação. Sentia-se mais leve, como se algo dentro dela tivesse sido reorganizado. — «Acho que vou precisar de voltar aqui,» disse ela.

— «Podes voltar sempre que quiseres,» respondeu Elverian. «O silêncio é uma fonte inesgotável de sabedoria.» Quando o veículo os levou de volta para o coração de Alkazam, Ilsa sabia que aquele era apenas o início da sua exploração de Amulon — e talvez de si mesma.

O MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE ALKAZAM

O veículo flutuante parou diante de um edifício impressionante. O Museu de Arte Contemporânea de Alkazam era uma estrutura monumental que parecia suspensa no ar, sustentada por feixes de luz dourada. A fachada, composta por camadas translúcidas, reflectia o céu estrelado acima, enquanto filamentos brilhantes pulsavam lentamente, como se o edifício estivesse vivo. — «É como se o próprio edifício fosse uma obra de arte,» comentou Ilsa, maravilhada. — «Em Amulon, a arquitectura e a arte estão intrinsecamente ligadas. Este museu foi concebido para ser uma experiência completa — mesmo antes de entrares,» explicou Elverian, conduzindo-a pela rampa de entrada que parecia flutuar no vazio. Quando entraram, Ilsa ficou sem palavras. O interior do museu era um espaço infinito, onde a gravidade parecia opcional. As salas estavam suspensas em diferentes alturas, ligadas por passarelas translúcidas. Flutuando entre as exposições, pequenos drones projetavam hologramas que explicavam as obras. O teto parecia um céu em constante mudança, alternando entre nebulosas coloridas e vistas panorâmicas de Amulon. — «É como andar num sonho,» disse Ilsa, girando lentamente para absorver o ambiente. Elverian sorriu. — «Espera até veres as obras.»

EXPLORANDO AS SALAS DO MUSEU, OS MURMÚRIOS DE ADMIRAÇÃO E O RETORNO A CASA

A primeira sala era dedicada às primeiras expressões artísticas de Amulon, com pinturas e esculturas que pareciam vir directamente da Natureza. Uma escultura em espiral, feita de cristais luminescentes, capturava a luz de forma a criar um arco-íris em movimento constante. — «Esta peça representa a criação do nosso sistema solar,» explicou Elverian. «Cada cristal é uma representação simbólica de um planeta.» Ilsa passou os dedos sobre uma pintura holográfica que reagia ao toque, mudando os tons de azul para dourado. — «Na Terra, isto seria impossível. Aqui, a arte responde a quem a observa.» — «Arte aqui é uma interação, não apenas uma contemplação,» disse Elverian. Nas salas seguintes, as obras tornavam-se mais ousadas. Uma instalação preenchia todo o espaço com sons e luzes que reagiam à presença dos visitantes, criando uma música única para cada pessoa. Outra sala tinha esculturas flutuantes que desafiavam a física, mudando de forma com o tempo. — «Cada obra aqui é uma experiência,» comentou Ilsa, os olhos brilhando.

«É como se estivesse a participar de cada criação.» Enquanto caminhavam, Ilsa começou a perceber os olhares dos outros visitantes. Alguns cochichavam entre si, lançando olhares respeitosos e curiosos. — «É ela... a Salvadora,» murmurou um alienígena de pele iridescente. — «E Elverian... ele voltou e trouxe-nos o futuro,» disse outro. Ilsa corou ligeiramente, inclinando-se para Elverian.

— «Todos estão a olhar para nós. Não sei se vou conseguir habituar-me a isso.» Elverian colocou uma mão reconfortante no ombro dela. — «Eles não veem apenas nós. Veem a esperança que representamos.» Uma jovem habitante de Amulon, com olhos brilhantes que pareciam conter constelações, aproximou-se timidamente. — «Posso tocar a tua mão?» perguntou a Ilsa. Surpresa, Ilsa acenou afirmativamente. A jovem tocou-lhe suavemente a mão e sorriu, recuando com uma expressão de reverência. — «Obrigada. Só queria sentir a tua energia,» disse a jovem, antes de voltar ao seu grupo. De volta ao veículo, Ilsa suspirou profundamente. — «Foi tudo tão intenso... tão belo.» — «Ainda há muito mais para veres,»

respondeu Elverian. «Mas por hoje, precisamos descansar.» Quando chegaram a casa, foram recebidos com uma explosão de energia. Young correu até Ilsa, saltando alegremente, enquanto Gatinha e Gatinho se enroscavam nas suas pernas. Alva, digna como sempre, observava de um ponto alto, mas com um leve ronronar de satisfação.

— «Parece que eles sentiram a nossa falta,» comentou Ilsa, rindo enquanto Young tentava lamber-lhe o rosto. A mesa estava preparada com uma seleção de alimentos frescos de Amulon, trazidos pelos sistemas automatizados da casa. As frutas tinham cores impossíveis, e os pratos brilhavam com texturas incomuns. — «O que é isto?» perguntou Ilsa, apontando para um prato que exalava um aroma doce. — «É uma das nossas sobremesas mais antigas,» explicou Elverian. «É feita de néctar cristalizado.» Enquanto comiam, Ilsa e Elverian partilhavam os pensamentos do dia. — «Sabes,» começou Ilsa, «hoje foi um dos dias mais incríveis da minha vida. Este planeta é um tesouro, e eu sinto-me sortuda por fazer parte disto.» Elverian sorriu. — «E isto é apenas o começo. A tua presença aqui já está a fazer a diferença.» Após o jantar, exaustos mas felizes, dirigiram-se para os seus quartos. Os animais, já acomodados na sua área especial, estavam igualmente tranquilos. Ilsa olhou para Elverian antes de adormecer. — «Amanhã será outro dia incrível,» disse ela.

Elverian acenou. — «E será sempre assim, enquanto estivermos juntos.» Com um sorriso, ambos deixaram o cansaço do dia envolvê-los, prontos para os novos capítulos que Amulon ainda lhes reservava.

CAPÍTULO 19

DESILUSÃO & CONTESTAÇÃO

A REVOLTA DA SALVADORA

Seis meses tinham passado desde que Ilsa e Elverian chegaram a Amulon. A chegada deles marcara o início de uma nova era para o planeta, e Ilsa rapidamente tornou-se a figura central de uma revolução cultural. No início, ela era recebida com entusiasmo quase reverencial. Os líderes, intelectuais e até mesmo os habitantes comuns viam-na como uma emissária de transformação, alguém que, com as suas ideias e presença, trouxera uma nova perspectiva a um mundo que antes parecia estagnado. Eventos e receções enchiam o seu calendário. Ela passeava por auditórios iluminados por hologramas vibrantes, era apresentada em grandes salões onde músicas recém-descobertas ecoavam, e discursava diante de multidões curiosas. No entanto, mesmo com a atmosfera de celebração e otimismo, Ilsa sentia um peso crescente no coração. As mudanças, embora visíveis, não eram tão profundas quanto ela esperava. As cidades de Amulon começaram a mostrar cores nas fachadas que antes eram cinzentas.

Padrões geométricos e tons vivos agora decoravam edifícios que antes eram uniformes e assépticos. Mas, para Ilsa, as cores, embora bonitas, eram apenas uma máscara. O concreto ainda dominava, e a vida orgânica parecia mais um enfeite do que uma integração real. A música, silenciada por séculos, havia finalmente voltado ao planeta. Grupos de músicos criavam novas melodias, explorando sons há muito esquecidos, enquanto artistas locais redescobriam instrumentos

antigos que antes eram considerados obsoletos. O povo começava a comunicar-se não apenas com palavras, mas também com tons e ritmos, criando um idioma emocional que unia as pessoas de formas que antes pareciam impossíveis. Apesar disso, Ilsa via que a música ainda era um artifício, algo que os habitantes de Amulon aprendiam mecanicamente, sem o sentimento visceral que ela sabia ser essencial para a verdadeira ligação. Os primeiros passos para a introdução de vegetação nas cidades também começaram a surgir.

Pequenos jardins suspensos foram instalados em algumas torres, e árvores geneticamente criadas surgiram em praças centrais, emitindo luzes suaves durante a noite. A tentativa de recriar a Natureza era evidente, mas a falta de diversidade e o controle excessivo sobre cada detalhe faziam com que esses esforços parecessem artificiais, uma simulação daquilo que Ilsa sabia ser caótico e indomável na Terra. Por todo o lado, havia sorrisos. O povo parecia mais alegre, as ruas vibravam com sons e cores, e a monotonia de Amulon parecia, finalmente, dar lugar a uma sociedade mais viva. Mas para Ilsa, algo ainda faltava. As árvores não eram árvores de verdade, os animais não-humanos inexistiam, e o toque da terra, o som dos riachos e o aroma de florestas reais continuavam ausentes. Ela começou a sentir que tudo o que estava a acontecer era apenas uma camada superficial de mudança. Havia uma relutância subjacente entre os líderes e intelectuais de Amulon em abraçar uma transformação completa.

A arquitectura das cidades, embora mais viva, permanecia essencialmente a mesma. A vida do planeta ainda era controlada por algoritmos, previsível e segura, mas desprovida de espontaneidade e verdadeira ligação com a Natureza. À medida que os meses passavam, Ilsa tornou-se mais introspectiva. Entre uma conferência e outra, ela dedicava longos momentos a observar o horizonte de Amulon a partir da sua residência. A vastidão do céu daquele planeta, pontilhado por estrelas vibrantes e luas distantes, era impressionante, mas ela sentia uma falta quase física da Terra. O cheiro das florestas, o som dos oceanos, o voo desordenado dos pássaros – tudo isso estava ausente. Aos poucos, uma sensação de desilusão começou a crescer dentro dela. O que inicialmente parecia ser um movimento promissor em direcção à verdadeira ligação e harmonia começava a parecer uma

tentativa tímida e hesitante. A essência da mudança, para Ilsa, era a coragem de abandonar o controle e permitir que a vida, na sua forma mais pura e imprevisível, emergisse.

E isso, ela temia, ainda estava distante no coração de Amulon.

A DESILUSÃO CRESCENTE

Nas inúmeras palestras para as quais era convidada, Ilsa começou a moldar o seu discurso com uma intensidade crescente, determinada a usar cada oportunidade para chamar a atenção dos líderes e intelectuais de Amulon. As conferências aconteciam em auditórios grandiosos, com paredes translúcidas que mostravam as estrelas lá fora, enquanto luzes pulsavam suavemente ao ritmo das palavras do orador. Os assentos estavam sempre cheios, uma mistura de figuras influentes e cidadãos ansiosos por ouvir as palavras daquela que eles consideravam a «Salvadora». Ilsa subia ao palco com a serenidade de alguém acostumado à atenção, mas com a urgência de quem carregava uma verdade inadiável. Usando hologramas impressionantes, criava paisagens da Terra, com florestas luxuriantes, oceanos revoltos e animais em movimento. As imagens enchiam o espaço, projetando-se até as últimas filas, como se convidassem cada espectador a caminhar por aqueles cenários.

— «Estas paisagens não são meros adereços,» dizia, a voz carregada de emoção. «São um reflexo da alma do meu planeta. E um planeta sem natureza, sem vida pulsante, é um corpo sem coração.» A sua paixão transbordava, levando os espectadores a momentos de silêncio reverente. Ela falava sobre ecologia profunda, um conceito que explicava com delicadeza, mas firmeza. Descrevia como a Natureza não era algo a ser controlado ou simulado, mas sim uma entidade viva com a qual era necessário conviver em harmonia. Falava de rios que moldavam terras, florestas que respiravam e transmitiam a memória dos séculos, e animais que eram muito mais do que recursos – eram companheiros na jornada da existência. — «Em Amulon, vejo uma tentativa de mudança,» continuava. «Mas onde estão os sons genuínos da vida? Onde está o caos criativo da Natureza, o inesperado, o indomável? Vocês trouxeram música, cores e até vegetação, mas

ainda falta algo essencial: a liberdade da vida em sua forma mais pura.»

Os hologramas então se apagavam, deixando apenas a figura dela, de pé sob um feixe de luz, enquanto o público a observava em silêncio. Muitos aplaudiam, profundamente tocados, mas havia também quem permanecesse imóvel, os braços cruzados, os rostos impassíveis, indicando resistência às suas palavras. Mesmo com o sucesso crescente do duo musical The Banksys, cuja música se havia tornado um símbolo cultural em Amulon, Ilsa sentia-se vazia. Em cada concerto, onde multidões enchiam arenas futuristas e dançavam ao som das harmonias complexas que ela e Elverian criavam, o aplauso ensurdecedor contrastava com o vazio interno que a assombrava. A energia dos concertos era eléctrica, mas, ao fim, quando as luzes se apagavam e o silêncio voltava, Ilsa sentia o peso de algo que faltava. Durante uma pausa num desses concertos, sentada nos bastidores enquanto Elverian ajustava os sintetizadores, ela desabafou. — «Às vezes sinto que estamos a criar um espectáculo para um planeta que ainda não compreende o que estamos a tentar dizer.

A música deles pode ser nova, mas será que as suas almas estão a ouvir?» Elverian virou-se para ela, os olhos cheios de compreensão. — «Levará tempo, Ilsa. Estás a pedir para que um planeta mude não apenas o que faz, mas quem é. Isso não acontece em seis meses.» Ela suspirou profundamente, o coração dividido entre o amor pelo impacto que sabia estar a causar e a frustração de ver mudanças que considerava insuficientes. O vazio dentro dela crescia, alimentado pela saudade de algo que parecia estar cada vez mais distante: a Terra.

O DIÁLOGO COM ELVERIAN

A noite estava tranquila, com a luz das estrelas de Amulon filtrando-se pelas enormes janelas translúcidas da sala principal. A suave música de fundo, composta por um misto de sons eletrónicos e ressonâncias orgânicas criadas por Elverian, parecia perder-se no silêncio carregado que se instalara entre os dois. Young, deitado ao lado de Ilsa, levantou a cabeça, como se percebesse o turbilhão de emoções que crescia no ar. Alva, no topo de um móvel, observava com o seu olhar penetrante, enquanto Gatinha e Gatinho se aninhavam, alheios à tensão. — «Estou a começar a perder as esperanças, Elverian,» disse Ilsa, a voz baixa mas firme, enquanto os seus dedos deslizavam distraidamente pelo pelo de Young. «As mudanças que começaram a acontecer foram boas, sim, mas não vão longe o suficiente. Onde está a Natureza? Onde estão os animais? Tudo ainda é tão artificial.» Elverian, sentado no sofá, suspirou profundamente, um som que parecia ecoar o peso das palavras dela.

Ele olhou para a luz tênue que emanava das paredes da sala, uma tecnologia que reflectia o estado de ânimo dos seus habitantes. Naquele momento, parecia pálida, quase inerte. — «Entendo o que sentes, Ilsa,» disse ele, as palavras escolhidas com cuidado. «Mas precisas dar-lhes tempo. O meu povo viveu séculos sem esses elementos. É difícil mudar a mentalidade de uma civilização de um momento para o outro.» Ilsa levantou-se abruptamente, caminhando até à janela. A paisagem da cidade, com as suas estruturas futuristas e luzes vibrantes, parecia uma obra de arte congelada. Mas para ela, aquele cenário era frio, desprovido de vida real. — «Tempo? Quanto mais tempo, Elverian?» perguntou ela, o tom de voz ganhando intensidade. «Há um limite para a paciência. Sinto que estou a lutar sozinha por algo que deveria ser óbvio para todos.» Ela apoiou as mãos na moldura da janela, como se buscasse força naquele contacto com o material. A cidade abaixo, apesar da recente explosão de cores e sons, parecia-lhe um eco distante daquilo que ela ansiava.

Não havia árvores frondosas ou o canto dos pássaros, apenas formas geométricas e linhas de luz. Elverian aproximou-se dela em silêncio. Pousou uma mão no ombro dela, um gesto de conforto que

também carregava a sua própria inquietação. Ele sabia que as palavras não seriam suficientes, mas ainda assim tentou.

— «Tu não estás sozinha, Ilsa,» disse ele suavemente. «Eu estou contigo. E muitos aqui já estão a ouvir-te. Mas revoluções profundas levam gerações. O meu povo está a aprender, mas ainda não sabe como sentir a profundidade do que queres transmitir.» Ela virou-se para ele, e os seus olhos brilhavam com uma mistura de determinação e tristeza, como um rio que tentava romper uma represa. — «Não sei se consigo aceitar isso, Elverian,» respondeu ela, a voz trémula, mas carregada de paixão. «Fui criada num mundo onde a Natureza estava em toda parte, onde os sons dos rios e os cheiros das florestas eram parte da minha essência. Aqui, sinto-me sufocada por tanto vazio, mesmo com todas as mudanças.» Elverian segurou as mãos dela, olhando-a com uma sinceridade que era quase palpável. — «A tua força já mudou mais do que consegues ver. Estás a plantar sementes, Ilsa. E elas vão crescer. Talvez mais lentamente do que desejas, mas vão crescer.» Ilsa desviou o olhar, tentando conter as lágrimas.

Young, como que entendendo o momento, aproximou-se e pousou a cabeça nas pernas dela. Ela acariciou-o com movimentos lentos, encontrando algum consolo na presença dele. — «Às vezes sinto que estas sementes estão a ser plantadas em solo infértil,» murmurou ela. «Mas não consigo desistir. Preciso de acreditar que isso é possível... mesmo que acredite sozinha.» Elverian puxou-a gentilmente para um abraço, sentindo a fragilidade e a força que coexistiam nela. Alva, do seu posto elevado, miou suavemente, como se também quisesse partilhar o peso daquele momento. Gatinha e Gatinho, agora despertos, saltaram para o sofá e ficaram próximos, as caudas movimentando-se lentamente. O silêncio voltou à sala, preenchido apenas pelos pequenos sons dos animais e pela respiração profunda de Ilsa. Elverian sabia que as palavras dela eram o reflexo de algo maior, algo que nem todo o amor dele poderia resolver sozinho.

A PREPARAÇÃO PARA A PALESTRA

Na manhã seguinte, o estúdio de Ilsa estava banhado por uma luz suave que parecia pulsar junto com a energia que preenchia a sala. Young deitou-se ao lado da cadeira de Ilsa, os olhos atentos e cheios de um entendimento silencioso, enquanto Alva permanecia no topo de um móvel elegante, observando cada movimento com a sua majestosa serenidade. Gatinha e Gatinho corriam pela sala, divertindo-se com hologramas coloridos projectados por Elverian. As formas flutuantes piscavam e giravam, reflectindo nas superfícies translúcidas do estúdio, criando um ambiente quase mágico. Ilsa, sentada à frente de um painel holográfico, tinha os olhos fixos no discurso que estava a refinar. Palavras cuidadosamente escolhidas flutuavam no ar, iluminadas por tons quentes de laranja e dourado. As ideias que ela pretendia transmitir pareciam arder dentro dela.

Inspirada pelos princípios da ecologia profunda de pensadores como Arne Naess, cada frase era uma tentativa de alcançar a essência do que ela sentia ser vital para Amulon: um respeito genuíno por todos os seres vivos e um apelo para que as cidades deixassem de ser barreiras contra a Natureza, tornando-se antes uma extensão dela. Ela murmurava trechos em voz baixa, ajustando ritmos e tons. A certa altura, pausou, os olhos perdidos no vazio enquanto pensava na recepção que poderia esperar. Seria este discurso demasiado ousado? Ou seria exatamente o que Amulon precisava ouvir? Young roçou-lhe suavemente a perna com o focinho, chamando-a de volta ao momento presente. Ela olhou para ele e sorriu, acariciando-lhe a cabeça. — «Estás sempre aqui para me apoiar, não é, rapaz?» disse ela, num tom carinhoso. Ele respondeu com um olhar cúmplice, como se compreendesse o peso da tarefa dela. Nesse instante, Elverian entrou na sala, movendo-se com a fluidez natural que lhe era característica.

Os hologramas reflectiam nas suas roupas de tons suaves, misturando-se com o ambiente. Ele aproximou-se, os olhos fixos em Ilsa. — «Estás pronta?» perguntou, a voz baixa mas cheia de um incentivo tranquilo. Ilsa respirou fundo, desviando o olhar do holograma flutuante para ele. A intensidade no seu olhar era evidente, mas também havia uma sombra de dúvida. — «O discurso está

pronto,» respondeu ela, voltando-se para o painel e ajustando uma frase com um gesto delicado. «A questão é... estarão eles prontos para ouvir?» Elverian sorriu, inclinando-se ligeiramente para ela. Pegou numa das suas mãos e apertou-a suavemente. — «És a voz da mudança, Ilsa. Mesmo que nem todos concordem de imediato, as tuas palavras já estão a plantar sementes.» Ela baixou os olhos para a mão dele sobre a sua, sentindo um breve momento de consolo. Mas a dúvida ainda pairava no ar, não dita, mas presente. — «Espero que tenhas razão,» disse ela, o tom da voz hesitante. «Porque o tempo é algo que sinto que está a escapar-me... a escapar-nos.»

Alva miou do alto do móvel, interrompendo o silêncio momentâneo. Ilsa olhou para cima, e a expressão séria deu lugar a um sorriso suave. — «Até Alva parece ter uma opinião sobre isso,» comentou ela. Elverian riu baixinho, enquanto Gatinha e Gatinho corriam até eles, saltando e deslizando entre as pernas dos dois. — «Os nossos amigos aqui confiam plenamente em ti,» disse Elverian, apontando para os animais. «Talvez devesses confiar um pouco mais em ti também.» Ilsa suspirou e desligou o painel holográfico com um movimento de mão, as palavras do discurso desaparecendo lentamente no ar como faíscas. — «Vamos a isso,» disse ela, levantando-se. «Já não há volta a dar.» Elverian inclinou a cabeça num gesto de concordância. Young levantou-se imediatamente, abanando a cauda como se entendesse que um momento importante estava prestes a começar. Os outros animais seguiram-no com a mesma energia silenciosa que parecia preencher a sala.

E assim, Ilsa deu um último olhar à sala onde tantas das suas ideias tinham nascido, antes de seguir Elverian para o veículo que os levaria ao Centro de Desenvolvimento de Vida de Amulon.

A CHEGADA AO CDVA

O Centro de Desenvolvimento de Vida de Amulon era uma obra- prima de arquitectura e tecnologia. Suspenso sobre um vasto lago de águas cristalinas, o edifício parecia flutuar, sustentado por um campo de energia invisível que lhe dava uma leveza surreal. As suas paredes translúcidas, construídas com materiais que captavam e refratavam a luz das estrelas, brilhavam suavemente, como se o próprio cosmos respirasse através delas. Ao redor, jardins aquáticos expandiam-se em plataformas circulares, repletos de plantas bioluminescentes que dançavam ao ritmo de uma brisa imperceptível. Quando o veículo automatizado de Elverian e Ilsa chegou, deslizando silenciosamente pelo caminho flutuante, uma comitiva já os aguardava. Os intelectuais de Amulon, figuras de influência e renome, usavam roupas minimalistas em tons neutros que contrastavam com a complexidade de suas presenças. Cada movimento, cada inclinação de cabeça, parecia calculado para transmitir uma autoridade natural.

Os olhos, brilhando como se reflectissem o conhecimento acumulado de eras, pousaram sobre Ilsa com uma intensidade quase palpável. Ela desceu do veículo, sentindo o peso do momento. O ar ao redor era fresco e carregado de uma calma eléctrica, como se o ambiente próprio aguardasse algo significativo. Elverian, ao seu lado, colocou uma mão reconfortante no ombro dela. — «Todos estão aqui por ti,» disse ele baixinho, com um sorriso encorajador. Ilsa apenas assentiu, respirando fundo antes de dar o primeiro passo em direcção ao interior do edifício. Um dos membros da comitiva, uma mulher alta com traços delicados e uma voz musical, inclinou-se ligeiramente. — «Ilsa, é uma honra recebê-la. Este momento será lembrado por gerações,» disse, conduzindo-a. Os corredores do centro eram vastos e iluminados por uma luz difusa que parecia emanar das próprias paredes. À medida que caminhavam, hologramas surgiam ao longo do caminho, projetando imagens das mudanças recentes em Amulon.

Exibiam cenas de cidades vibrantes com novas cores, os primeiros passos na reintrodução de vegetação orgânica, e habitantes reunidos em celebrações musicais. Algumas imagens mostravam Ilsa em eventos anteriores, a sua figura pequena mas impactante em meio a

multidões. Ela parou por um instante, observando uma dessas projeções. Era uma gravação de um dos primeiros concertos dos The Banksys em Amulon, onde a sua música ecoava por uma praça cheia de espectadores emocionados. — «És parte desta mudança,» murmurou Elverian ao lado dela, vendo o reflexo dela no holograma. Continuaram até ao auditório principal, cuja entrada era marcada por portas altas que pareciam feitas de cristal líquido, moldando-se suavemente ao movimento enquanto se abriam. Ao atravessá-las, Ilsa sentiu um arrepio. O auditório era imenso, com fileiras de assentos dispostos em semicírculo ao redor de um palco central elevado. Acima, o teto era completamente translúcido, revelando o céu estrelado de Amulon.

As constelações, diferentes das que ela conhecia na Terra, pareciam formar padrões que quase contavam histórias. O espaço estava preenchido com centenas de figuras, todas voltadas para ela. Havia uma expectativa silenciosa no ar, pesada mas não opressiva. Ao alcançar o centro do palco, Ilsa viu o podium levitacional que a aguardava, brilhando suavemente com uma luz dourada. Ela sentiu as mãos tremerem ligeiramente, mas ergueu a cabeça. Elverian, sentado na primeira fila, olhava para ela com um sorriso de incentivo, enquanto os olhos dos intelectuais fixavam-se nela, alguns com curiosidade, outros com ceticismo. Ela inspirou profundamente antes de pisar no podium, sentindo-o ajustar-se ao seu peso como se a sustentasse de forma protetora. O silêncio no auditório era absoluto, quebrado apenas pela respiração dela.

— «Boa noite,» começou, a voz firme mas gentil. «Estou aqui para falar sobre algo que considero essencial: o vosso futuro, o nosso futuro, e a ligação com o que nos rodeia.» As palavras pairaram no ar, como se o próprio espaço esperasse para absorvê-las. Ilsa sentiu a tensão no ambiente, mas não hesitou. Ela sabia que este era um momento crucial, e que as suas palavras tinham o poder de plantar as sementes de uma mudança mais profunda.

O DISCURSO DE ILSA

No podium levitacional, Ilsa sentiu a leve vibração sob os pés, como se o próprio palco estivesse conectado à sua energia. Com um gesto suave, ativou o holograma que havia preparado durante semanas. Num instante, imagens tridimensionais ganharam vida ao seu redor. Florestas exuberantes, rios cristalinos serpenteando pelo terreno e bandos de aves a sobrevoarem vastas planícies preenchiam o espaço aéreo acima da audiência. Os sons das águas correntes, o canto dos pássaros e o vento a atravessar as árvores criavam uma atmosfera envolvente, transportando todos para um ambiente que parecia distante e, ao mesmo tempo, tangível. — «Amulon mudou muito nos últimos meses,» começou ela, a voz clara mas carregada de emoção. «Vocês deram passos significativos para transformar este mundo. Mas uma transformação verdadeira não é apenas uma questão de estética ou funcionalidade. É algo mais profundo. Algo que nos liga ao que nos torna vivos — à essência da Natureza.» As imagens mudaram, mostrando vastas paisagens de Amulon antes da chegada de Ilsa.

Cidades cinzentas e uniformes, onde o silêncio dominava, deram lugar às cenas vibrantes de florestas e animais terrestres que tinham desaparecido da memória de muitos dos presentes. A audiência observava em silêncio, os olhos reflectindo um misto de fascínio e desconforto. — «Ecologia profunda,» continuou Ilsa, o holograma agora exibindo figuras de pensadores humanos como Arne Naess, enquanto uma narração acompanhava a sua explicação. «Este conceito ensina-nos que a vida não-humana tem um valor intrínseco, independentemente da utilidade para nós. Não se trata de recursos ou eficiência. Trata-se de coexistência.» Ela gesticulou, e o holograma exibiu uma visão futura de Amulon. As cidades antes áridas estavam agora repletas de vegetação: jardins verticais cobriam os edifícios, árvores cresciam em praças centrais, e rios artificiais serpenteavam pelas ruas. Crianças brincavam ao lado de animais recriados geneticamente, enquanto adultos meditavam em jardins serenos.

O silêncio inicial da sala foi quebrado por murmúrios baixos, que cresceram à medida que as imagens mudavam. — «Podemos criar florestas artificiais para começar,» sugeriu Ilsa, o tom da sua voz

agora mais enfático. «Mas, eventualmente, devemos integrá-las como parte natural das nossas cidades. As zonas verdes não podem ser um acessório. Precisam de ser o coração pulsante das nossas vidas urbanas.» Algumas cabeças começaram a acenar em concordância. Outros mantinham os braços cruzados, os rostos imóveis como pedra. Ilsa não desviou o olhar. Ela sabia que a mensagem não seria universalmente bem-recebida. — «E os animais?» questionou ela, o tom mais firme. «Animais são a alma da Terra. Aqui, podem ser também a alma de Amulon. Com os avanços genéticos que possuem, podem trazer de volta criaturas que já foram extintas. Não como um espectáculo, mas como parte integrante da vida neste planeta.» Houve um movimento inquieto na plateia. Uma imagem de um tigre recriado holograficamente caminhou pelo palco virtual, com passos graciosos.

Olhares curiosos fixaram-se na figura projectada. Uma parte da audiência aplaudiu suavemente. Outros mantinham-se em silêncio, os rostos cerrados em resistência ou dúvida. — «Este planeta tem a oportunidade de ser um modelo para o universo,» continuou Ilsa. «Mas não podemos ficar pela superfície. Precisamos de criar uma cultura de respeito pela vida, onde cada ser, humano ou não, tenha um espaço legítimo neste ecossistema. É assim que um mundo se torna verdadeiramente vivo.» A plateia dividiu-se ainda mais. Alguns levantaram-se, aplaudindo de pé, com olhos brilhantes de emoção. Outros permaneciam sentados, os braços cruzados, o desconforto visível nos seus rostos. O silêncio e os aplausos criaram um contraste quase tão impactante quanto o discurso. Ilsa observou tudo, a respiração ainda controlada, mas sentindo o peso do momento. O holograma dissipou-se lentamente, e a sala voltou a ficar iluminada pela luz suave do teto translúcido. Ela deu um passo atrás no podium, observando os rostos diante de si.

Sabia que tinha tocado muitos, mas também sabia que havia plantado a semente da resistência em outros. — «Este é apenas o começo,» concluiu. «O futuro de Amulon está nas vossas mãos. Que seja um futuro digno de cada ser que aqui vive.» O silêncio que se seguiu foi interrompido por uma salva de palmas de parte da plateia, enquanto a outra metade permanecia imóvel.

O DEBATE

Quando abriu espaço para perguntas, Ilsa sentiu uma tensão palpável no ar. Havia rostos expectantes e outros cerrados, indicando uma batalha de ideias prestes a começar. A primeira pergunta veio de um jovem intelectual, Nyrel, cuja postura demonstrava genuína curiosidade. — «Ilsa,» começou ele, levantando-se com um olhar decidido. «Como sugeres que comecemos a implementar estas ideias? Sabemos que a tecnologia está do nosso lado, mas como podemos mudar a mentalidade de gerações acostumadas ao isolamento da Natureza?» Ilsa inclinou-se ligeiramente para a frente, sentindo a sinceridade na pergunta. — «Com coragem,» respondeu, a voz firme mas carregada de compaixão. «Cada cidade deve reavaliar a sua estrutura. Não estou a falar de uma revolução caótica, mas de uma transformação consciente. Abraçar o verde não significa perder o que já construíram. Significa enriquecer as vossas vidas. Animais não são luxos, são parceiros. Fazem parte do equilíbrio que nos torna completos.»

Nyrel assentiu, anotando as palavras dela num dispositivo holográfico. O murmúrio de aprovação na sala foi interrompido por uma voz mais velha e severa. Era Thoryn, um cientista de renome, conhecido pelo seu pragmatismo rígido. — «O que pedes é uma utopia,» disse ele, levantando-se lentamente, com os olhos fixos em Ilsa. «O povo está feliz como está. Porquê forçá-los a mudanças radicais? Estás a propor algo que vai destabilizar o equilíbrio que finalmente encontramos.» Houve um silêncio momentâneo, mas os olhos de Ilsa brilharam com determinação. — «Felicidade baseada no artificial não dura, Thoryn,» respondeu ela, voltando-se para ele directamente. "Amulon precisa de mais do que sobrevivência. Precisa de vida. Vocês criaram um sistema funcional, sim, mas não é sustentável.

Olhem para as vossas cidades: há cor, há som, mas onde está o espírito? Onde estão os ciclos naturais que garantem equilíbrio e propósito?« Thoryn permaneceu em silêncio, os lábios comprimidos. Outros membros da audiência começaram a sussurrar entre si, o ambiente carregado de tensão. Outro detrator, uma figura alta e

austera chamada Velnor, ergueu-se, os braços cruzados. — »E se o povo não quiser estas mudanças? Como podes garantir que a tua visão é melhor para nós?« Ilsa respirou fundo, escolhendo as palavras cuidadosamente. — »A minha visão não é sobre o que é melhor para mim ou por vós. É sobre o que é melhor para o planeta. Quando a vida se torna apenas sobre conforto e rotina, algo vital é perdido. E se o vosso povo não quer mudanças agora, então é ainda mais urgente plantar a semente para que as gerações futuras possam florescer. Vocês têm o poder de criar um legado real, algo que inspire e conecte.« Velnor permaneceu imóvel, mas a sala começou a dividir-se.

Alguns aplaudiram baixinho, enquanto outros mantinham o silêncio ou olhavam para os lados, desconfortáveis. Elverian, sentado ao fundo, observava tudo com um misto de admiração e preocupação. Uma jovem artista, Ailina, uma velha amiga de Elverian, levantou-se e aplaudiu com entusiasmo, quebrando a tensão. — »Eu apoio-te, Ilsa. O que estás a dizer não é apenas importante, é necessário. A arte sem a Natureza é vazia. Precisamos de mais do que tecnologia para nos sentirmos vivos." O aplauso dela incentivou outros a juntarem-se, e em pouco tempo, metade da audiência estava de pé, batendo palmas calorosamente. Mas a outra metade permaneceu sentada, os rostos sérios, alguns até franzidos em oposição. O contraste era evidente, uma divisão clara entre o velho e o novo. Quando Ilsa finalmente deixou o podium, sentiu o peso da discussão. Elverian aproximou-se, colocando a mão no seu braço. — «Fizeste o que devias,» disse ele baixinho, o olhar cheio de compreensão. «Nem todos estão prontos para ouvir, mas tocaste aqueles que importam.»

Ilsa suspirou, olhando para as pessoas que ainda debatiam acaloradamente nas suas cadeiras. — «Espero que tenhas razão, Elverian. Porque sinto que estou a lutar contra uma maré que pode nunca mudar.» Ele sorriu levemente, puxando-a para mais perto. — «Marés mudam, Ilsa. Só precisam de tempo e persistência.»

O REGRESSO A CASA

Exausta, Ilsa deixou o auditório com passos pesados, o rosto reflectindo uma mistura de cansaço e frustração. Ao entrarem no veículo automatizado, o silêncio inicial foi quebrado pela tentativa cuidadosa de Elverian de trazer alguma paz ao momento. — «Ilsa, fizeste um discurso poderoso. Não tens noção de quantas mentes tocaste hoje,» disse ele, com a voz suave. Ela cruzou os braços, olhando para além da janela, onde as luzes cintilantes da capital passavam rapidamente, transformando o exterior numa paisagem quase hipnótica. — «Tocar mentes não é suficiente,» respondeu, com um tom firme, mas magoado. «As sementes que eu planto parecem cair em terra estéril. Quanto tempo mais posso esperar para ver mudanças reais?» Elverian suspirou, virando-se ligeiramente para ela, os olhos cheios de compreensão e preocupação.

— «Estás a fazer mais do que qualquer outra pessoa conseguiu em séculos. Mas Amulon não pode mudar da noite para o dia. O meu povo viveu tanto tempo num isolamento emocional que qualquer transformação, por menor que seja, já é um milagre.» — «Milagres,» repetiu ela, quase num sussurro. «Eu não quero milagres, Elverian. Quero acção. Quero ver florestas, ouvir o som de rios, ver animais livres. É isso que dá vida a um planeta, não edifícios coloridos ou melodias artificiais.» Elverian estendeu a mão para pousá-la no ombro dela, mas Ilsa afastou-se levemente, inclinando-se ainda mais para a janela. — «Talvez não entendas, porque este sempre foi o teu lar. Mas para mim, tudo isto é estranho, vazio. E começo a pensar se foi um erro vir até aqui.» As palavras atingiram-no como uma lâmina silenciosa, mas Elverian manteve a calma, sabendo que qualquer reação impulsiva só agravaria a situação. — «Talvez devesses descansar. Amanhã vais ver que nem tudo está perdido,» sugeriu ele, com um tom mais neutro.

O resto da viagem decorreu em silêncio, os sons do veículo a flutuar no ar, como uma melodia triste e contida. Quando chegaram a casa, Young correu para cumprimentá-los com o habitual entusiasmo. Alva, Gatinha e Gatinho vieram logo atrás, curiosos e animados, mas Ilsa não lhes deu a atenção habitual. Murmurou algo inaudível e dirigiu-se

imediatamente para o quarto, fechando a porta atrás de si. Elverian permaneceu na sala, sentado num dos sofás ergonómicos, observando os animais que o rodeavam. Young, percebendo a tensão, aproximou-se e pousou o focinho no colo dele, enquanto Alva subiu para o encosto, observando-o atentamente com os seus olhos sábios.

— «Ela só precisa de tempo,» disse Elverian para si mesmo, acariciando Young. «Mas o tempo parece ser algo que não podemos comprar agora.» O ambiente da casa, que geralmente era preenchido com risos e conversas, estava agora carregado de um silêncio inquietante. Cada um deles, em quartos separados, mergulhou nos seus pensamentos — um reflexo das diferenças que começavam a emergir entre dois seres de mundos tão distantes. Na escuridão do quarto, Ilsa deitou-se, os olhos fixos no teto, lutando contra as lágrimas que ameaçavam cair. Sentia- se como uma estrangeira numa terra que, apesar de a venerar, parecia incapaz de entender o que ela realmente desejava. No sofá, Elverian inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos, uma expressão de fadiga emocional marcada no rosto. Ele sabia que esta era a primeira vez que a harmonia entre eles estava verdadeiramente em risco, e isso doía mais do que qualquer desafio que já enfrentara. A noite terminou em silêncio absoluto, interrompido apenas pelo som distante de um dos brinquedos holográficos dos gatos e pelo respirar pesado de Young, que parecia tentar, à sua maneira, consolar os seus companheiros humanos.

CAPÍTULO 20

O SURGIMENTO DE AILINA

MELANCOLIA E INCERTEZA

Tinham-se passado sete dias desde a palestra de Ilsa, mas a atmosfera entre ela e Elverian parecia suspensa numa frágil corda de silêncio. Havia afecto, é claro, mas o ardor que antes os unia, como uma corrente eléctrica que atravessava o espaço entre os dois, estava agora envolto numa névoa de hesitação e melancolia. As conversas eram breves e práticas, e os momentos partilhados, embora pacíficos, estavam desprovidos da profundidade emocional que outrora os definira. Elverian sentia o peso daquela distância crescente, uma desconexão que o preocupava profundamente. Ele sabia que algo tinha de ser feito para restaurar a harmonia entre eles. Foi então que uma ideia tomou forma na sua mente: convidar Ailina, uma amiga de longa data e artista, cuja postura fervorosa durante o discurso de Ilsa o deixara impressionado. Ailina tinha sido uma voz clara de apoio às ideias de Ilsa, e talvez a sua presença pudesse trazer leveza e inspiração à relação.

Enquanto ponderava a ideia, Elverian hesitou, sabendo que a proposta poderia ser interpretada de várias formas. Decidiu arriscar. Aproximou-se de Ilsa, que estava sentada no sofá da sala principal, mergulhada nas imagens holográficas da Terra que deslizavam na consola à sua frente. Na ecrã, uma cascata na floresta amazónica caía em camadas de espuma branca, enquanto um colibri pairava, imóvel, como um pequeno espírito de cor. — Estive a pensar... — começou Elverian, com a voz suave. — E se convidássemos alguém para jantar esta noite? Uma pessoa especial. Ailina. Acho que seria uma oportunidade para conhecê-la melhor. Ela é uma artista incrível e

partilha muitos dos teus ideais. Ilsa, sem desviar os olhos do holograma, levou alguns segundos antes de responder. O murmúrio constante da cascata na consola parecia preencher o espaço entre eles. — Claro — disse ela, finalmente, com um aceno de cabeça. — Convida-a. Pode ser interessante conhecer alguém que realmente entende a minha visão.

Elverian soltou um suspiro de alívio, que tentou disfarçar num leve sorriso. Fechou os olhos por um instante e concentrou-se. Através do canal telepático, enviou a mensagem a Ailina. Sentiu a resposta dela quase de imediato, como uma onda de calor e entusiasmo que atravessou a sua consciência. Enquanto Ilsa permanecia absorta nas imagens da Terra, acariciando Young, que descansava ao seu lado, Elverian começou a preparar o jantar. A cozinha, uma extensão elegante de superfícies lisas e translúcidas, encheu-se com os aromas vibrantes de ingredientes orgânicos únicos de Amulon. Ele seleccionou os pratos com cuidado, escolhendo sabores e texturas que esperava criar uma experiência sensorial inesquecível. Do outro lado da casa, os sons de Gatinha e Gatinho a brincarem com um holograma interativo misturavam-se com os ruídos suaves de Alva, que se movia graciosamente entre os móveis, inspecionando cada detalhe com o seu ar usual de majestade. Young olhava para Ilsa com olhos atentos, como se pressentisse a tensão que pairava no ar.

No entanto, por mais que Elverian tentasse concentrar-se na preparação do jantar e na expectativa da chegada de Ailina, não podia deixar de lançar olhares furtivos na direcção de Ilsa. A distância emocional entre eles ainda estava lá, um peso invisível que ele esperava que aquela noite ajudasse a dissipar.

OS CABELOS DOIRADOS DE AILINA

Começou então a preparar o ambiente para o jantar. A casa, com as suas linhas minimalistas e superfícies translúcidas, parecia pulsar com uma luz suave que reflectia o cuidado de Elverian em cada detalhe. Ele ajustou a temperatura da iluminação, escolhendo um tom dourado quente que emanava serenidade, enquanto fragrâncias leves e florais eram liberadas por difusores embutidos nas paredes. Nos corredores, o som distante das brincadeiras de Young, Alva, Gatinha e Gatinho ecoava, um contraste alegre com a tensão quase imperceptível que pairava no ar. À hora marcada, uma suave mensagem sonora anunciou a chegada de Ailina. A porta sensorial deslizou com um movimento fluido, revelando uma figura que parecia sair de um sonho. Ailina era esbelta, com um porte elegante que transbordava naturalidade. Os seus longos cabelos dourados reflectiam a luz ambiente, criando uma aura que parecia quase sobrenatural. Os seus olhos, de um azul cristalino, irradiavam uma serenidade que parecia capaz de dissolver qualquer mal-estar.

— «É uma honra estar aqui,» disse Ailina, inclinando ligeiramente a cabeça em direcção a Ilsa, num gesto simultaneamente humilde e confiante. A sua voz era melodiosa, cada palavra cuidadosamente entoada. «Admiro profundamente o seu trabalho. A sua palestra foi uma inspiração para muitos de nós.» Ilsa respondeu com um sorriso educado, mas havia algo na sua postura que denotava reserva. — «Obrigada. É sempre bom saber que as minhas palavras encontram eco em alguém.» Ailina percebeu o tom de cordialidade distante, mas manteve a conversa leve, evitando qualquer intrusão. — «Espero que esta noite possa trazer um pouco de descontração depois de tanto trabalho intenso. Todos precisamos de momentos assim, não é?» Antes que o diálogo pudesse aprofundar-se, Elverian surgiu, atravessando a sala com uma energia contagiante, a sua voz vibrando de entusiasmo. — «O jantar está pronto! Preparei algo especial para todos.» Os olhos de Ailina iluminaram-se, enquanto Ilsa manteve o sorriso sereno.

Ailina virou-se ligeiramente para seguir Elverian, que as conduziu até à sala de jantar. A mesa, disposta com uma elegância surpreendente, estava decorada com pratos de cerâmica orgânica,

cuidadosamente escolhidos para complementar os alimentos coloridos que transbordavam das travessas. No centro, uma luminária etérea projetava feixes de luz que imitavam a dança das estrelas, conferindo ao ambiente uma qualidade quase mágica. — «Elverian,» começou Ailina, admirando a mesa. «Superaste- te. É uma verdadeira obra de arte, como tudo o que fazes.» Ilsa observava em silêncio enquanto Elverian sorria, claramente satisfeito com o elogio. O ambiente, apesar de acolhedor, parecia tingido por uma leve tensão que nenhum dos presentes parecia querer reconhecer de imediato.

UM GRANDE PLANO REVOLUCIONÁRIO

Na mesa, o banquete parecia uma sinfonia de cores e texturas, cuidadosamente dispostos para encantar não apenas o paladar, mas também os sentidos. As saladas, com folhas luminescentes que reflectiam tons de verde e violeta, pareciam captar e refratar a luz suave do ambiente, criando um efeito hipnotizante. Os frutos cristalinos, translúcidos e brilhantes como gemas, exalavam um aroma delicado e exótico, enquanto o prato principal combinava vegetais texturizados com um molho de especiarias locais que libertava um perfume doce e terroso, quase nostálgico. As bebidas, servidas em recipientes flutuantes que se mantinham sempre à temperatura ideal, brilhavam com cores suaves, e cada gole libertava uma sensação de calor e renovação. Enquanto se serviam, Ailina não conseguia esconder a admiração pela mesa. — «Elverian, isto é simplesmente extraordinário. Tens um talento raro para criar experiências completas,» disse ela, olhando para ele com um brilho nos olhos.

Ilsa permaneceu em silêncio por um momento, observando a interação entre os dois, antes de se concentrar no prato à sua frente. O jantar prosseguia de forma animada, com Ailina demonstrando uma curiosidade genuína em relação às ideias que Ilsa havia apresentado na palestra. — «Como conseguiste articular de forma tão clara e apaixonada uma visão tão complexa para o nosso povo? Muitos tentaram antes, mas sem sucesso,» perguntou Ailina, inclinando-se ligeiramente na direcção de Ilsa, a sua expressão fascinada. Ilsa pousou o garfo delicadamente, olhando directamente para Ailina antes

de responder. — «Talvez porque não se trata apenas de palavras,» começou, o tom da sua voz firme, mas carregado de emoção. «Eu cresci rodeada pela Natureza, senti o peso da sua presença, a vitalidade dos animais. Não é uma ideia abstrata para mim; é uma experiência profundamente enraizada naquilo que sou.

Quando falo sobre reconexão com a Natureza, não é uma utopia teórica, mas algo que eu sei ser essencial para qualquer civilização que queira prosperar de forma genuína.» Ailina assentiu, os olhos brilhando de respeito e interesse genuíno. — «E talvez seja exatamente essa experiência que nos falta aqui. Por isso as tuas palavras nos tocam tanto,» disse Ailina, a sua voz carregada de sinceridade. Elverian, percebendo que a conversa se tornava demasiado séria, interveio com um sorriso brincalhão. — «Sabes, Ailina, há dias em que a Ilsa passa horas no espaço dos animais a brincar com Young e os gatos, como se eles fossem parte de um grande plano revolucionário,» disse, rindo. Ailina riu-se, um som cristalino que ecoou pela sala, talvez mais alto do que o necessário. Os seus olhos fixaram-se nos de Elverian, e o sorriso que partilharam tinha uma cumplicidade que fez com que Ilsa, por um momento, sentisse um aperto subtil no peito.

Embora ela mantivesse o sorriso, não conseguiu evitar reparar na intensidade com que Elverian olhava para Ailina, um olhar que fazia lembrar os primeiros momentos da sua própria relação com ele. — «Os animais são a revolução,» respondeu Ilsa, com uma nota de leveza na voz, mas que escondia uma faísca de desconforto. «Eles têm uma sabedoria instintiva que muitas vezes subestimamos. Talvez devessem ser os nossos verdadeiros guias.» Ailina voltou-se para Ilsa, rindo levemente, mas o brilho nos seus olhos mostrava que compreendia a profundidade da resposta. Elverian, por sua vez, desviou o olhar para o prato, parecendo por um instante reflectir sobre algo que não verbalizou. A conversa continuou fluida, mas havia uma tensão quase imperceptível no ar, que apenas Ilsa parecia sentir plenamente.

O ENCANTO DE ELVERIAN POR AILINA

Após o jantar, Elverian, com os olhos a brilhar de entusiasmo, virou-se para Ailina e sugeriu: — «Mostra à Ilsa o teu trabalho. Quero que ela veja por que sempre considerei que és uma das nossas mentes mais brilhantes.» Ailina sorriu, tirando um pequeno dispositivo holográfico do bolso. Era um objeto discreto, mas quando ela o ativou, um feixe de luz projetou-se no centro da sala, dando origem a uma série de imagens tridimensionais que começaram a tomar forma. Inicialmente, as obras pareciam padrões microscópicos, semelhantes a fractais vivos. Aos poucos, estas formas cresciam, expandindo-se como organismos em evolução, e assumiam cores que pareciam impossíveis — tonalidades que Ilsa nunca tinha visto, que mudavam subtilmente conforme ela inclinava a cabeça. A dança orgânica dessas formas era hipnotizante, alternando movimentos fluídos com pulsos rítmicos, como se respondessem ao batimento do coração da sala. — «Isto é... inacreditável,» disse Ilsa, aproximando-se lentamente da projeção, os olhos fixos nas criações de Ailina.

«Consegues dar vida a algo que parece transcender o material. É como se estas formas fossem... conscientes.» Ailina inclinou ligeiramente a cabeça, encantada com a reação. — «Obrigada. Esta é a intenção. Quero que as minhas criações evoquem algo primal, algo que está em todos nós, mas que muitas vezes esquecemos. Muitas das minhas últimas peças foram inspiradas pelas tuas ideias, Ilsa. A tua visão sobre ecologia e ligação com a Natureza ressoou profundamente comigo.» Ilsa desviou o olhar das obras, focando-se em Ailina. Apesar do impacto emocional das criações, algo na forma como Elverian olhava para a amiga não lhe escapava. Havia uma admiração que ia além da mera apreciação artística. Mesmo assim, ela manteve o tom educado e sincero: — «Fizeste algo extraordinário. É como se tivesses criado vida onde menos esperamos encontrá-la. Gostaria muito de ver mais. Tens de me convidar ao teu estúdio.» Ailina sorriu, radiante. — «Será um prazer. Acho que vais gostar especialmente das minhas últimas criações.

Algumas são interativas, reagem à presença de quem as observa.» Os três permaneceram em torno das projeções por mais alguns

minutos, enquanto Ailina explicava os detalhes técnicos e conceituais do seu trabalho. Elverian ouvia com atenção, ocasionalmente trocando comentários e risadas com a amiga, num tom que a Ilsa notava ser mais descontraído do que o habitual. Depois de um tempo, Ilsa, sentindo-se cada vez mais cansada — e talvez ligeiramente deslocada — levantou-se. — «Foi um prazer conhecer-te melhor, Ailina. Mas vou descansar. Continuem sem mim.» Ailina acenou, calorosa. — «O prazer foi meu. Espero que possamos conversar mais da próxima vez.» No quarto, Ilsa deixou-se cair na cama, mas a sensação de desconforto persistia. Dos corredores, os sons das vozes de Elverian e Ailina chegavam até ela, alternando entre risos e tons de conversa que pareciam cheios de uma intimidade natural. Era impossível não ouvir. Tentou afastar os pensamentos, concentrando-se na respiração, mas a melodia das vozes tornava-se mais insistente.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, o silêncio caiu, interrompido apenas pelos ruídos suaves de Elverian a programar os sistemas de limpeza da casa. Mas, em vez de ir para o quarto, Elverian dirigiu-se ao estúdio. Pouco depois, o som de um instrumento começou a preencher a casa. Era algo entre um sintetizador granular e uma harpa luminescente, emitindo tons ambientais que oscilavam entre o etéreo e o melancólico. Os glitches rítmicos criavam uma melodia desconcertante, quase orgânica, que parecia pulsar como uma entidade viva. A música infiltrava-se no espaço de Ilsa, envolvendo-a como uma onda delicada, mas impossível de ignorar. Ela fechou os olhos, permitindo que os sons a embalassem, mas não encontrou conforto. Havia algo na música de Elverian que parecia falar directamente da distância que começava a sentir entre os dois. Pela primeira vez desde que chegara a Amulon, adormeceu com uma sensação de solidão que não tinha a ver com o planeta, mas com o espaço crescente entre ela e o homem que amava.

CAPÍTULO 21

A BUSCA DE UM NOVO PROPÓSITO

A MELANCOLIA DOS DIAS

Os dias arrastavam-se como folhas levadas por um vento fraco, sem direcção definida. A casa de Ilsa e Elverian, outrora repleta de risos, criatividade e momentos de cumplicidade, parecia agora ecoar uma melancolia silenciosa. As paredes, que antes vibravam com o som de discussões apaixonadas sobre arte e ecologia, estavam agora mergulhadas numa quietude pesada, quebrada apenas pelos ruídos ocasionais de vidas que pareciam correr em linhas paralelas, sem se cruzarem. Elverian mergulhara profundamente nos seus estudos no Centro de Música de Amulon. Lá, cercado por interfaces holográficas e equipamentos futuristas, explorava formas sónicas akusmáticas, sons abstratos que desafiavam a lógica e a compreensão humana. Passava horas a fio no estúdio, absorto numa busca quase obsessiva por frequências e texturas sonoras que escapavam à concepção tradicional de música. Para ele, aquela era uma forma de lidar com o vazio crescente na sua relação com Ilsa, preenchendo-o com algo que, ainda que intangível, lhe dava propósito.

Já Ilsa encontrava-se imersa na Sala Holográfica, um espaço que parecia transcender as dimensões físicas. Rodeada pelos seus fiéis companheiros não-humanos, passava os dias navegando por paisagens projectadas de planetas distantes. Young, sempre atento, permanecia deitado ao seu lado, ocasionalmente levantando as orelhas ao perceber qualquer movimento ou mudança no tom da sua dona. Alva, altiva como sempre, ocupava o topo de um móvel, observando as imagens

com uma serenidade quase meditativa, enquanto Gatinha e Gatinho corriam atrás das projeções holográficas, tentando capturar com as patas as figuras efémeras que dançavam pelo espaço.

Era ali, naquele espaço quase etéreo, que Ilsa encontrava algum conforto, ainda que temporário. As imagens dos planetas que explorava eram tanto um escape quanto uma obsessão. Passava horas a observar mundos estéreis, desertos de areia infinita e mares de metano, ou civilizações completamente mecanizadas, onde seres tecnológicos habitavam estruturas geométricas sem qualquer sinal de vida orgânica. Cada um desses mundos parecia reflectir o vazio que sentia no coração: uma beleza superficial, mas sem alma. Por vezes, suspirava profundamente, os olhos perdidos nos hologramas. — «Que falta me faz a vida,» murmurava, enquanto passava a mão pelo pelo de Young. A casa parecia vibrar com a ausência de ligação entre os dois. Elverian regressava tarde, trazendo consigo o cheiro dos equipamentos do Centro e o cansaço de quem passara o dia a esculpir sons invisíveis. Quando tentava interagir com Ilsa, encontrava-a distante, os olhos fixos nas projeções holográficas ou entretida com os animais.

Eles trocavam poucas palavras, os gestos tornando-se cada vez mais mecânicos, como se temessem tocar nas feridas que sabiam existir. — «Como foi o teu dia?» perguntava ele, a voz cautelosa. — «Igual aos outros,» respondia ela, sem desviar o olhar do holograma. Young, Alva, Gatinha e Gatinho pareciam perceber a tensão, tentando animá-la com as suas brincadeiras. Young abanava a cauda vigorosamente, oferecendo-lhe a bola que adorava perseguir, enquanto Gatinha se aninhava no colo de Ilsa, ronronando em busca de atenção. Gatinho escalava móveis, testando os seus limites com saltos ousados, e Alva permanecia como a guardiã silenciosa, observando tudo com uma sabedoria que parecia transcender a sua condição de gato. E assim, os dias seguiam, arrastando-se num ritmo melancólico, enquanto a casa se tornava um reflexo da distância que crescia entre eles. Cada um perdido no seu próprio mundo, eles viviam juntos, mas separados, como dois corpos orbitando um ao outro sem nunca se tocarem.

A DESCOBERTA DE CHI

Naquela sala mágica, onde a realidade se fundia com as infinitas possibilidades do cosmos, Ilsa parecia encontrar um refúgio. Cercada por projeções holográficas de mundos distantes, observava paisagens que pareciam ecoar a sua própria tristeza: desertos estéreis onde o silêncio era a única companhia, mares de gás que reflectiam uma beleza desprovida de vida, e máquinas inteligentes a moverem-se sobre superfícies sem alma. Havia algo de hipnótico na vastidão do vazio, mas também algo profundamente inquietante. Cada planeta que surgia era uma metáfora da sua própria solidão, como se o universo lhe devolvesse o reflexo daquilo que ela sentia. Durante semanas, nenhum mundo conseguiu prender a sua atenção por mais de alguns minutos. As projeções eram desligadas com um gesto desanimado, e os seus olhos voltavam-se para Young, Alva, Gatinha e Gatinho, que pareciam os únicos a compreender o que ela atravessava. Mas tudo mudou numa tarde, quando um pequeno ponto azulado num canto remoto do mapa estelar apareceu no ecrã.

Algo naquele planeta a fez hesitar. Intrigada, ampliou a imagem. O planeta era uma joia. Chi, como o sistema o denominava, era uma esfera coberta de vegetação exuberante, com rios cristalinos que serpenteavam como artérias brilhantes por entre montanhas verdejantes. O céu, de um azul profundo, parecia tão puro que parecia irreal. Era um contraste gritante com tudo o que tinha visto até então. — «Este planeta é habitado?» — perguntou ela, com uma urgência que surpreendeu até a si mesma. A sua voz ecoou na sala, quebrando o silêncio quase reverente. O computador quântico respondeu com uma suavidade que parecia projectar uma calma deliberada. — «Sim, este planeta é habitado pelo Povo Godai. São pacíficos e vivem em completa harmonia com a Natureza. Alimentam-se exclusivamente de vegetais, veneram os animais e consideram todos os elementos naturais sagrados. Cobrem os seus corpos com plantas vivas que crescem e se moldam à sua forma.» Ilsa ficou imóvel, absorvendo cada palavra.

Era como se aquelas descrições tivessem atravessado a névoa que a rodeava, acendendo algo que ela pensava ter perdido para sempre. Naquele momento, a sua mente libertou-se, pela primeira vez em

meses, do desencanto de Amulon. O seu coração, tão pesado nos últimos tempos, parecia agora bater com um ritmo renovado. Com um movimento suave, aumentou ainda mais a projeção, explorando os detalhes da superfície do planeta. Havia florestas densas onde árvores gigantescas formavam cúpulas naturais, lagos que brilhavam sob a luz de um sol dourado, e aldeias que pareciam integradas no ambiente, como se tivessem brotado do solo. Cada casa era feita de materiais vivos, coberta de musgo e flores que mudavam de cor com o passar do dia. — «Young, Alva, Gatinha, Gatinho... vejam isto!» — exclamou, chamando os seus companheiros. Young levantou as orelhas, aproximando-se da projeção, enquanto Gatinha e Gatinho saltavam para o colo de Ilsa, ronronando. Alva, com a sua postura habitual de dignidade, simplesmente observava, o olhar fixo no holograma.

Ilsa inclinou-se para acariciar Young, a voz baixa e emocionada. — «Já viste, Alva? Eis um povo que vive segundo a minha filosofia de vida.» E voltando-se para Young, continuou: «Que dizes, meu querido? Gostavas de viver aqui?» Young respondeu abanando a cauda com energia, como se compreendesse a pergunta. Gatinha e Gatinho começaram a brincar com as sombras projectadas na sala, enquanto Alva permanecia imóvel, como um guardião atento. Nos dias seguintes, Ilsa tornou-se obcecada pelo Povo Godai. Passava horas na Sala Holográfica, absorvendo todas as informações que o computador quântico podia fornecer. Descobriu que os Godai acreditavam que tudo no universo estava interligado por uma energia vital que chamavam de «Ki». A sua filosofia baseava-se nos cinco elementos: Terra, Água, Fogo, Vento e Vazio, que moldavam as suas vidas e os seus rituais. Para eles, a tecnologia era uma extensão da Natureza, não uma força oposta. Criavam ferramentas e estruturas que cresciam como plantas e que morriam como seres vivos, retornando ao solo.

— «Eis um povo que não necessita das minhas palestras,» murmurava para si mesma, enquanto acariciava Alva. «Pelo contrário, eu é que preciso da sua sabedoria.» Era como se a existência dos Godai tivesse devolvido a Ilsa um propósito. Ela começou a conversar com os seus amigos não- humanos sobre o planeta, como se fossem cúmplices na sua descoberta. Cada vez que um novo detalhe surgia no holograma, ela partilhava-o com entusiasmo, como se estivesse a

redescobrir a alegria de viver.

Ao mesmo tempo, no andar de baixo, Elverian e Ailina continuavam a cimentar a sua amizade. As risadas e os murmúrios que subiam pelas escadas eram um lembrete constante de que as suas vidas estavam a seguir caminhos divergentes. Mas Ilsa, perdida na beleza de Chi, mal lhes prestava atenção. Para ela, o Povo Godai era mais do que uma distração — eram a promessa de um futuro diferente, algo que ela sentia que Amulon nunca poderia oferecer.

O FASCÍNIO PELO POVO GODAI

Todos os dias, a Sala Holográfica tornava-se o refúgio de Ilsa, um portal para um mundo que parecia conter tudo o que ela sentia faltar em Amulon. A projeção do Povo Godai ocupava todo o espaço, iluminando as paredes com cenas de uma vida em perfeita harmonia com a Natureza. A cada visita, Ilsa aprofundava-se mais nos costumes e na filosofia daquele povo. Observava com fascínio as danças cerimoniais que executavam sob árvores gigantescas, cujas copas formavam uma catedral natural. As figuras pequenas dos Godai moviam-se em círculos, as suas plantas-veste a ondular como parte da dança, reflectindo as cores da floresta ao seu redor. Ela estudava com atenção as construções Godai, feitas de galhos vivos. Não eram cortados ou forçados, mas persuadidos, com paciência e cuidado, a crescer em formas úteis. Era uma arquitectura que vivia e respirava, mudando com as estações e florescendo na primavera. As casas pareciam fazer parte da floresta, abrigando os Godai sem ferir o ambiente que os rodeava.

Num momento particularmente encantador, Ilsa viu um grupo de crianças Godai a brincar com aves gigantescas, de plumagem tão vibrante que parecia capturar o arco-íris. As aves não estavam presas ou treinadas; aproximavam-se das crianças por escolha, movendo-se ao seu lado numa dança de confiança mútua. Era uma cena que tocava algo profundo em Ilsa, como se estivesse a assistir a um vislumbre do que a vida deveria ser. — «Young, olha isto,» disse ela, com uma excitação que iluminava o seu rosto. Apontou para a imagem das crianças e das aves, as mãos acariciando o pelo macio do cão. «Não

seria maravilhoso viver assim? Livre, em completa comunhão com tudo à nossa volta?» Young, abanando vigorosamente a cauda, parecia partilhar o entusiasmo dela. Soltou um latido curto, como se estivesse a responder afirmativamente, antes de voltar a aninhar-se junto aos seus pés.

Gatinha e Gatinho, alheios às reflexões de Ilsa, revezavam-se entre perseguições animadas de hologramas projectados na sala e longas sestas nos seus braços, ronronando de contentamento. Alva, como sempre, mantinha-se afastada, pousada num móvel próximo, o olhar inquisitivo fixo nos hologramas, quase como se estivesse a ponderar a possibilidade de viver naquele mundo. Os rituais dos Godai eram outro aspeto que fascinava Ilsa. Observava-os sentados em círculos, acompanhados por animais de todas as espécies, desde pequenos roedores até grandes felinos. Todos coexistiam em harmonia, partilhando a energia do momento. Não havia medo, apenas respeito mútuo. Os animais não eram tratados como inferiores, mas como iguais, participantes de um equilíbrio que os Godai consideravam sagrado. — «Alva, imagina isto,» disse Ilsa, virando-se para a gata que a observava. «Eles não caçam, não domesticam à força, não veem os animais como objetos. Para eles, os animais são parceiros de vida. Não é maravilhoso?»

Alva piscou lentamente, quase como se compreendesse o que ela dizia. Gatinha e Gatinho, ouvindo a voz de Ilsa, saltaram para o seu colo e acomodaram-se, ronronando suavemente, enquanto Young abanava a cauda, sentado ao lado dela. Era como se todos soubessem que algo especial estava a acontecer. Dia após dia, Ilsa mergulhava mais profundamente no mundo dos Godai. Aprendia sobre as suas crenças nos cinco elementos — Terra, Água, Fogo, Vento e Vazio — e como moldavam cada aspeto das suas vidas. Descobriu que as plantas-veste que usavam eram cuidadas como parte das suas famílias, que os rios eram reverenciados como entidades vivas e que o vento era saudado com cânticos sempre que soprava. Tudo no planeta Chi parecia ser uma celebração da vida e da interconexão de todas as coisas. — «Já viste, Gatinho?» murmurava, enquanto o pequeno felino tentava apanhar um reflexo da luz holográfica com a pata. «Eis um povo que vive o que nós só conseguimos imaginar. Aqui, em Amulon,

tudo é tão... distante. Lá, tudo faz sentido.»

A obsessão de Ilsa pelo Povo Godai começou a preencher o vazio que ela sentia. Naquele planeta distante, encontrava a promessa de um mundo onde as suas crenças não eram uma luta solitária, mas a própria base de uma civilização. A cada dia, o desejo de conhecer aquele povo crescia, misturando-se com a esperança de que, talvez, ali, pudesse encontrar a paz que lhe escapava.

O CRESCENTE DISTANCIAMENTO

Enquanto Ilsa se aprofundava na sua obsessão pelo planeta Chi, o seu tempo parecia suspenso num loop de imagens holográficas de vastas florestas, rios cristalinos e a simplicidade harmoniosa dos Godai. Cada novo detalhe sobre aquele povo despertava nela uma sensação mista de esperança e melancolia, uma percepção crescente de que o mundo que desejava já existia, mas a anos-luz de distância. Nos hologramas, as florestas pareciam respirar, como se cada árvore estivesse em sincronia com o vento, e os rios murmurassem segredos antigos. Os Godai moviam-se como se fossem parte daquele ciclo natural, nunca interrompendo, apenas fluindo com ele. Eram imagens que traziam conforto a Ilsa, mas também uma tristeza silenciosa ao perceber o contraste entre aquela harmonia e a artificialidade de Amulon. Young, como sempre, estava aos pés dela, atento às mudanças no tom da sua voz. Quando ela suspirava profundamente ou murmurava algo para si mesma, ele levantava a cabeça, como se quisesse garantir que ela sabia que ele estava ali.

Alva mantinha o seu posto no topo de um móvel próximo, os olhos felinos analisando tudo com a calma de um observador atento. Gatinha e Gatinho, indiferentes à profundidade das reflexões de Ilsa, revezavam-se entre perseguir hologramas projectados pelo sistema ou brincar com bolinhas de Zlink que rolavam pelo chão. Enquanto isso, no andar de baixo, a vida de Elverian seguia um rumo próprio. Ele passava os seus dias no Centro de Música de Amulon, explorando formas sónicas que oscilavam entre o sublime e o incompreensível. Mas, ao fim da tarde, invariavelmente, Ailina aparecia. Com a mesma graciosidade que a definia, ela trazia consigo uma leveza que

preenchia a casa. No estúdio, os dois partilhavam risos e recordações, a intimidade entre eles crescendo como uma planta cuidadosamente regada. Os risos de Ailina e Elverian vinham do andar de baixo, suaves mas inconfundíveis. Inicialmente, Ilsa não prestava atenção, a sua mente demasiado focada no Povo Godai. Mas, com o passar dos dias, os sons começaram a perfurar a sua concentração.

Não era ciúme o que sentia, mas uma inquietação silenciosa. Algo no timbre das gargalhadas ou na forma como as vozes se misturavam trazia-lhe uma sensação incômoda, como uma sombra que insistia em pairar na periferia da sua consciência. — «O vínculo entre nós está a mudar,» pensava ela, com um nó no peito que preferia ignorar. As interações entre Elverian e Ailina eram frequentes e naturais. As conversas no estúdio iam desde discussões profundas sobre as complexidades da bioarte até memórias descontraídas dos tempos que tinham passado juntos. Ailina tinha um jeito peculiar de rir, uma risada que parecia ecoar, preenchendo cada recanto do espaço. E Elverian, por sua vez, parecia genuinamente animado na sua presença, o que era uma visão que Ilsa já não via há algum tempo. Na Sala Holográfica, porém, Ilsa mantinha-se firme na sua bolha de estudo obsessivo, usando cada nova descoberta sobre os Godai como uma tábua de salvação para o vazio crescente dentro de si.

Mesmo quando o som das vozes no andar de baixo lhe chamava a atenção, ela recusava-se a desviar o olhar do holograma. — «Já viste isto, Young?» murmurava, acariciando o cão com mãos ausentes. «Eles dançam com os pássaros, não os aprisionam. Talvez eu devesse aprender a voar também.» Young lambeu-lhe a mão, como se a quisesse tranquilizar, enquanto Gatinha e Gatinho saltavam um sobre o outro, indiferentes à gravidade do momento. Mas a inquietação continuava a crescer. Embora Ilsa evitasse confrontar os seus pensamentos, havia algo na presença constante de Ailina e na nova energia de Elverian que fazia ecoar uma melodia desconcertante no fundo da sua mente, uma nota dissonante que não podia ser ignorada por muito mais tempo.

O CONVITE ACEITE

Naquela tarde, após horas perdida na contemplação de hologramas de florestas e rios de Chi, Ilsa ergueu-se do seu assento com uma determinação renovada. O silêncio da Sala Holográfica era quebrado apenas pelos movimentos suaves dos seus companheiros não-humanos. Young, atento, levantou a cabeça, os olhos expressivos fixando-se nela como se pressentisse algo importante. — «Chegou a altura de aceitar o convite de Ailina para visitar o seu estúdio,» disse ela, mais para si mesma do que para o cão, embora ele abanasse a cauda como resposta. «Não posso continuar presa nesta espiral. Preciso de ver algo novo, algo que me inspire.» Ela caminhou até à consola de comunicação digital quântica, um dispositivo brilhante com um núcleo pulsante de luz azul, e pronunciou o nome que há muito evitava. — «Ailina.» Quase imediatamente, uma vibração suave percorreu o ambiente, seguida pela voz de Ailina, calorosa e envolvente, ecoando directamente na mente de Ilsa. — «Olá, Ilsa! Que surpresa agradável.

A que se deve este contacto?» perguntou Ailina, a sua alegria evidente até na tonalidade mental. Ilsa respirou fundo antes de responder. — «Gostava de aceitar o teu convite para visitar o teu estúdio. Preciso de algo que me tire deste marasmo.» Do outro lado, Ailina reagiu com entusiasmo palpável.

— «Que maravilha! Sempre quis mostrar-te o meu trabalho. Quando quiseres, será um prazer.» — «Amanhã de manhã? Parece-te bem?» sugeriu Ilsa, a voz mantendo uma nota de hesitação. — «Perfeito,» confirmou Ailina. «Cá te espero. Vou preparar algo especial.» Quando a ligação terminou, Ilsa ficou por um momento imóvel, como se estivesse a digerir a decisão. Olhou para os seus companheiros não-humanos, que a rodeavam com a confiança tranquila de quem sabia ser essencial na vida de alguém. — «Amanhã poderá ser o início de uma nova vida para nós, meus queridos amigos,» murmurou, dirigindo-se a Young, Alva, Gatinha e Gatinho. «Tenho de agir, senão perderei a minha alegria de viver, como alguém que perde a sua sombra.» Young soltou um pequeno latido de encorajamento, como se a incitasse a avançar. Gatinha e Gatinho perseguiam um holograma de

borboleta que dançava no ar, alheios à gravidade da declaração, enquanto Alva, sempre majestosa, observava Ilsa do alto de uma prateleira, os olhos cintilando com a sua sabedoria silenciosa.

Sentada novamente, Ilsa sentiu uma faísca de algo que há muito não experimentava: esperança. Talvez a visita ao estúdio de Ailina fosse a ponte que precisava para reconectar-se com a sua criatividade e encontrar um propósito novo neste planeta que, até agora, parecia cada vez mais distante daquilo que desejava para si.

CAPÍTULO 22

O ENCONTRO

O SOM DE UM BURACO BRANCO

Na manhã do encontro com Ailina, o silêncio entre Ilsa e Elverian preenchia a casa como um nevoeiro denso. Cada um na cozinha, preparava o pequeno-almoço com gestos quase mecânicos, evitando cruzar olhares. O som da faca de Ilsa cortando fatias finas de vegetais ecoava, misturando-se com o zumbido baixo do dispositivo holográfico de Elverian, que projetava gráficos e fórmulas no ar. Ilsa inclinou-se para alcançar um prato, os movimentos meticulosos. Passou uma camada de patê de vegetais numa fatia de pão artesanal que tinha cultivado a partir de grãos locais adaptados à Terra de Amulon. Ao mesmo tempo, Elverian mexia uma infusão que mudava de cor a cada giro, um hábito quase hipnótico. Ambos pareciam orbitar o mesmo espaço, mas em mundos diferentes. — «Vais para o teu estúdio?» — perguntou Ilsa, quebrando o silêncio com uma voz calma, mas carregada de uma tensão latente. Elverian ajustou o holograma, os dedos movimentando-se rapidamente no painel de luz. Ele demorou a responder, como se estivesse a pesar cada palavra. — «Sim.

Estou perto de uma grande descoberta.» — A sua voz era neutra, quase automática. — «Creio que consegui recriar o som de um Buraco Branco muito afastado... a milhões de anos- luz daqui.» Ilsa fez uma pausa, segurando a faca no ar, antes de responder. — «Fico feliz por ti.» Ela tentou sorrir, mas o gesto pareceu-lhe forçado, como se tivesse perdido o hábito.

Elverian hesitou, os olhos finalmente deixando o holograma e encontrando os dela. O silêncio parecia mais carregado quando se

olharam. — «E tu?... vais para a Sala Holográfica?» — perguntou ele, tentando soar casual, mas a preocupação espreitava na sua voz. — «Não... hoje vou visitar Ailina,» respondeu Ilsa, enquanto reorganizava distraidamente os vegetais no prato, como se as palavras fossem um detalhe menor. Elverian parou de mexer a infusão, a colher pairando no ar. Os seus lábios entreabriram-se, como se fosse dizer algo, mas nenhuma palavra saiu. Depois, acenou lentamente com a cabeça, desviando o olhar. — «Tem um bom dia,» murmurou, com um tom que oscilava entre a aceitação e o desconforto. Ilsa olhou para ele com um sorriso suave, mas cheio de nostalgia, um eco de tempos mais felizes. — «Obrigado,» respondeu ela, enquanto ele saía da cozinha, os passos ecoando suavemente na casa. Ela ficou a observá-lo desaparecer pela porta, a chávena de chá quente ainda nas suas mãos.

Suspirou profundamente antes de se voltar para a mesa, terminando a sua refeição com a mesma calma meticulosa com que a havia preparado. Aquele momento, simples na superfície, parecia conter o peso de um universo de palavras não ditas e emoções não expressas.

UMA BORBOLETA HOLOGRÁFICA

Quando terminou o pequeno-almoço, Ilsa empurrou o prato vazio para o lado, os pensamentos já no que o dia lhe reservava. Antes de sair, dirigiu-se ao espaço dedicado aos seus companheiros não-humanos. A luz suave que preenchia a sala fazia o pelo de Young brilhar e os olhos de Alva cintilarem como pequenas estrelas. Gatinha e Gatinho estavam enroscados um no outro, mas imediatamente despertaram ao ouvir os passos de Ilsa. — «Até já, meus queridos amigos,» disse ela, com um sorriso carinhoso. Young levantou-se num salto, abanando a cauda com tanta energia que parecia querer comunicar algo. Aproximou-se de Ilsa e enfiou o focinho no seu colo, ganhando carícias enquanto ela se agachava para o abraçar. — «O que achas, meu fiel amigo? Hoje vou conhecer o mundo de Ailina. Será que ela tem surpresas para nós?» Young soltou um pequeno latido, como se aprovasse a ideia, e depois deu uma volta rápida sobre si mesmo, ansioso por brincar.

Gatinha e Gatinho, por sua vez, estavam encantados com uma borboleta holográfica que pairava no ar, projectada por um dos dispositivos de entretenimento que Elverian tinha programado para eles. Corriam em círculos, tentando capturar o inseto brilhante, mas a sua leveza digital escapava-lhes de cada vez. — «Vocês dois,» disse Ilsa, rindo-se, «são a verdadeira alegria desta casa. Que seria de mim sem as vossas traquinices?» Ela passou os dedos pelo pelo suave de Gatinha, que parou momentaneamente para ronronar antes de voltar à sua perseguição frenética. Gatinho, não querendo ficar para trás, saltou para o colo de Ilsa e esfregou a cabeça contra ela. — «E tu, Alva?» — perguntou Ilsa, levantando o olhar para a gata, que estava pousada no seu poleiro favorito, com uma postura digna e atenta. — «Estás pronta para liderar a tua pequena matilha enquanto eu estiver fora?» Alva inclinou a cabeça ligeiramente, como se considerasse a pergunta. Depois, soltou um leve miado que Ilsa interpretou como um «sim» inequívoco.

— «Sabem, meu adorável exército peludo,» continuou ela, levantando-se, «uma nova aventura está prestes a começar. Talvez seja o que todos nós precisamos. Uma mudança. Uma descoberta.» Young sentou-se, observando-a atentamente, como se tentasse entender o significado das suas palavras. Gatinha e Gatinho, agora cansados da borboleta holográfica, aninharam-se juntos num canto, enquanto Alva pulava graciosamente do poleiro para o chão, aproximando-se de Ilsa para roçar o corpo contra as suas pernas. — «Prometo não demorar,» disse ela, inclinando-se para beijar Alva na testa. «E quando voltar, quem sabe? Talvez eu tenha encontrado algo que mude as nossas vidas.» Young abanou a cauda com renovado entusiasmo, como se quisesse assegurar-lhe que estaria ali para qualquer aventura que viesse depois. Ilsa caminhou até à porta, mas virou-se uma última vez para os quatro. — «Guardem a casa e o coração de quem aqui vive. Volto logo.»

E assim saiu, com a imagem dos seus companheiros a gravar-se na sua mente como um lembrete do que realmente importava na sua vida.

BEM-VINDA

O veículo automatizado de Ilsa deslizava suavemente pelas ruas vibrantes do extremo da capital. A zona habitada quase exclusivamente por artistas parecia um mundo à parte, onde a criatividade estava entranhada em cada detalhe. Os edifícios tinham fachadas que mudavam com a luz do dia, exibindo projeções de obras de arte vivas que pareciam respirar. Esculturas flutuantes, algumas translúcidas e outras iridescentes, preenchiam os espaços entre os prédios. Pequenos grupos de habitantes conversavam em tons harmoniosos, as suas vozes fluindo como melodias numa sinfonia improvisada. Quando o veículo parou em frente à casa de Ailina, esta já a aguardava nos degraus da entrada. Vestia algo que parecia feito de tecido luminescente, fluindo como água sob a luz do sol. A casa tinha uma entrada circular, emoldurada por plantas trepadeiras que pareciam ajustar-se ao movimento da brisa, como se estivessem vivas e conscientes. — «Bem-vinda,» disse Ailina, segurando a porta aberta com um sorriso acolhedor.

O interior da casa era uma explosão de criatividade, um vasto espaço sem divisões que misturava o orgânico com o futurista. As paredes emitiam uma luz suave que mudava de tonalidade conforme o ambiente. Estruturas pulsantes como organismos vivos pendiam do teto, e ecrãs de bioarte ocupavam as paredes, exibindo imagens dinâmicas que se transformavam de acordo com o ângulo de observação. Havia esculturas de materiais luminescentes que projetavam sombras dançantes no chão, criando uma atmosfera onírica. Ilsa ficou parada por um momento, absorvendo a energia do lugar. — «Tomas um chá orgânico?» — perguntou Ailina, apontando para uma cozinha minimalista integrada num canto do loft. — «Sim, por favor,» respondeu Ilsa, enquanto os seus olhos passeavam pelas obras espalhadas pela sala. Ailina desapareceu por uns instantes, deixando Ilsa sozinha com as criações. Uma peça em particular chamou-lhe a atenção: parecia um casulo translúcido, que pulsava com uma luz suave, como se estivesse a respirar.

Aproximou-se, estendendo a mão quase sem querer, sentindo uma energia calma e envolvente que emanava da obra. A peça mudava de

cor subtilmente, como se respondesse à presença de Ilsa. — «Essa é uma das minhas favoritas,» disse Ailina ao regressar, trazendo duas chávenas de chá ergonómicas que pareciam moldar-se perfeitamente às mãos. «Chamo-a de Renascimento. Representa a transformação e o potencial oculto em cada um de nós.» — «É impressionante,» disse Ilsa, os olhos fixos na peça. «Consegues capturar algo que parece transcender o material... é quase espiritual.» — «É exatamente isso que eu procuro transmitir,» respondeu Ailina, sentando-se numa área acolhedora junto a uma janela ampla que oferecia uma vista espetacular da cidade artística. Sentaram-se em silêncio por um momento, saboreando o chá. Ilsa olhava para o líquido quente, como se procurasse coragem no vapor que subia em espirais. — «Fico feliz que me tenhas vindo visitar,» disse Ailina, com um sorriso caloroso. «A que devo o prazer da tua visita?»

Ilsa tomou mais um gole do chá antes de levantar o olhar. — «Tu gostas de Elverian?» Ailina ficou imóvel, os olhos arregalados com a surpresa da pergunta directa. A chávena quase lhe escorregou das mãos. — «S...si...sim... claro que gosto do Elverian... porque perguntas?» — respondeu, gaguejando. Ilsa manteve o olhar sereno, a sua expressão carregada de uma paz que desarmou Ailina. — «Eu penso que entre vocês existe algo mais que uma amizade,» continuou Ilsa. «Sinto que Elverian se sente muito feliz quando está contigo, e tu com ele. Ouço os vossos risos e conversas, e fico feliz por Elverian... e também por ti. Mas preciso perguntar-te directamente: tu amas o Elverian?» Por um instante, o loft parecia respirar com a tensão do momento. Ailina ficou em silêncio, os olhos a procurar respostas no ambiente em redor. Finalmente, suspirou, como se libertasse um peso antigo. — «Sim... amo-o do fundo do coração,» disse, quase num sussurro. O rosto de Ilsa iluminou-se com um sorriso genuíno. — «Óptimo.

Fico muito feliz,» disse ela, a voz firme mas gentil. «Assim sei que também Elverian irá ser feliz, e isso deixa-me aliviada e reconfortada.» Ailina parecia estar num estado de sonho, como se o momento fosse irreal. — «Sabes, Ailina... eu vou partir. Para muito longe daqui. E queria ter a certeza de que Elverian ficaria em boas mãos. Agora sei que isso se vai concretizar. Desejo-vos todo o amor do mundo.» Antes

que Ailina pudesse reagir, Ilsa colocou a chávena na mesa e levantou-se. Dirigiu-se calmamente para a porta, mas antes de sair virou-se. — «Obrigada pelo chá... e pela sinceridade. Até breve, Ailina.» Ailina, ainda sentada, observou-a sair. Quando a porta se fechou, o silêncio do loft parecia ecoar a grandeza do momento. Ailina segurava a chávena com as mãos trémulas, tentando processar a serenidade de Ilsa e a profundidade das palavras que acabara de ouvir.

CAPÍTULO 23

A PARTIDA PARA O MUNDO DA FELICIDADE

O ÚLTIMO DIÁLOGO

A casa estava envolta em um silêncio que parecia quase tangível, como se o próprio espaço ao redor contivesse a respiração, aguardando o momento inevitável. A luz suave do entardecer filtrava-se pelas janelas, envolvendo tudo num brilho dourado, mas não conseguia dissipar o peso da despedida iminente. Elverian e Ilsa estavam sentados lado a lado na sala principal, mas a distância entre eles parecia maior do que qualquer dimensão física. Young repousava com a cabeça no colo de Ilsa, os seus olhos grandes e castanhos a reflectirem uma tristeza que parecia entender tudo. Alva, imponente como sempre, observava o ambiente de um canto elevado, as suas penas brilhantes parecendo captar e devolver cada raio de luz. Gatinha e Gatinho corriam despreocupados atrás das pequenas esferas luminosas que Elverian projetava, como se quisessem compensar com brincadeiras a melancolia que pairava no ar. Finalmente, Elverian quebrou o silêncio. A sua voz, embora controlada, carregava uma fragilidade que só Ilsa conseguia perceber.

— «É mesmo isto que queres?» — perguntou, sem desviar os olhos dela. Ilsa virou-se lentamente para ele, os seus olhos profundos, cheios de uma tristeza calma e resignada, mas também de uma determinação inabalável. A sua mão deslizou até à dele, apertando-a suavemente, num gesto que dizia mais do que qualquer palavra. — "Sim, meu querido Elverian... agora tudo parece fazer sentido. Tu reencontraste o teu verdadeiro amor, e eu encontrei o meu mundo. O que partilhámos

foi belo, uma dança entre duas almas que se encontraram contra todas as probabilidades, mas estava destinado a ser breve. Somos de mundos diferentes, opostos. Como o Sol e a Lua: jamais podem viver juntos. Apenas se cruzam brevemente nos céus — um para ir dormir, e o outro acabado de acordar.« Elverian desviou o olhar por um momento, engolindo em seco para tentar dissipar o nó que se formava na sua garganta. Quando voltou a falar, a sua voz era quase um sussurro. — »Preparei tudo para a tua viagem. A nave está programada. Não precisas de te preocupar com nada...

Ela te levará ao teu mundo.« A tentativa de firmeza na sua voz não escondeu a tremura que escapou no final da frase. Os seus olhos, brilhando mais do que o habitual, encontraram os de Ilsa novamente. Ela sorriu, um sorriso triste e pleno de gratidão. Levantou uma mão e tocou suavemente no rosto dele, o seu polegar deslizando pela curva da sua bochecha. — »Eu sei, querido Elverian... tu sempre foste bom com a tecnologia. E sempre foste ainda melhor como pessoa. Obrigada por seres quem és." Young levantou a cabeça e, como se sentisse o peso do momento, soltou um pequeno ganido, quase como um suspiro de despedida. Gatinha e Gatinho pararam de brincar por um instante, olhando em direcção aos dois com uma curiosidade calma, enquanto Alva inclinava levemente a cabeça, como se estivesse a absorver cada palavra. O silêncio voltou a cair, mas desta vez era diferente. Não era apenas o peso da despedida, mas também um reconhecimento mútuo da beleza do que tinham partilhado.

E, ao mesmo tempo, uma aceitação melancólica de que era hora de seguir em frente.

Ilsa afastou-se ligeiramente, mas não sem antes apertar mais uma vez a mão de Elverian, como se quisesse gravar aquele momento na eternidade. Ambos sabiam que, mesmo separados, uma parte de cada um viveria sempre no outro.

A CAMINHO DO ESPAÇO-PORTO

Com os seus companheiros não-humanos a rodeá-la como guardiões silenciosos, Ilsa ajustou o cinto no veículo automatizado. Elverian sentou-se ao seu lado, as mãos repousando no colo, mas os dedos inquietos traindo a calma que tentava demonstrar. Young, sempre sensível às emoções humanas, deitou-se aos pés de Ilsa, ocasionalmente soltando um pequeno ganido, como se tentasse decifrar a atmosfera carregada. Gatinha e Gatinho, aninhados juntos, trocavam lambidelas tranquilizadoras, enquanto Alva, no seu habitual ar majestoso, mantinha-se empoleirada no encosto do banco traseiro, os olhos atentos às luzes que deslizavam pela janela. O veículo arrancou suavemente, preenchendo o interior com o som quase imperceptível do motor. As ruas da capital passaram como um borrão líquido de cores e formas, enquanto o céu parecia um quadro em movimento, pintado com pinceladas de púrpura e dourado. As luzes que dançavam ao longo dos edifícios orgânicos eram tão vibrantes que pareciam pulsar com a vida da própria cidade.

— «Lembras-te da primeira vez que viemos ao Espaço-Porto juntos?» — perguntou Ilsa, rompendo o silêncio com um tom gentil, mas impregnado de melancolia. Elverian virou-se ligeiramente, os olhos a procurarem os dela. O seu sorriso foi breve, mas cheio de uma nostalgia que quase doeu.

— «Como esquecer? Tu estavas tão maravilhada com tudo... disseste que parecia uma fusão perfeita entre os teus sonhos e a ficção científica.» Ilsa riu-se baixinho, inclinando-se para acariciar Young, cujos olhos castanhos brilhavam com uma mistura de preocupação e lealdade. — «Talvez seja por isso que agora sinto esta confiança. É como se eu já estivesse a viver um sonho... e estivesse apenas a seguir o seu curso.» Do lado de fora, a cidade começou a desaparecer, dando lugar a amplos campos iluminados pela luz suave das estrelas. O silêncio no interior do veículo tornou-se quase absoluto, exceto pelos pequenos movimentos dos animais. Gatinha começou a brincar com uma bolinha translúcida que saltitava no chão do veículo, enquanto Gatinho observava com atenção, esperando o momento certo para intervir. Alva permaneceu impassível, mas o ocasional movimento da

sua cauda indicava que também sentia o peso daquele momento. — «Nunca imaginei que te ver partir seria tão difícil,» murmurou Elverian, os olhos fixos na estrada diante deles.

Ilsa suspirou profundamente, o olhar perdido na escuridão pontuada pelas luzes das estrelas. Por um instante, pareceu hesitar, mas depois respondeu com uma calma que apenas a aceitação pode trazer. — «É difícil porque foi belo. Só sentimos a perda porque tivemos algo valioso. E isso nunca desaparecerá, Elverian. Sempre carregarei o que vivemos, como uma melodia que nunca esquece as suas notas.» Elverian inclinou ligeiramente a cabeça, absorvendo as palavras dela, sentindo-as ecoar dentro de si como uma verdade inescapável. O veículo automatizado começou a desacelerar, e à distância, o Espaço-Porto surgiu no horizonte como uma joia luminescente contra o céu escuro. A nave em forma de espiral que os aguardava reluzia, um símbolo da partida inevitável que agora estava à sua frente. — «Estás pronta?» — perguntou Elverian, num tom tão baixo que parecia uma prece. — «Mais do que nunca,» respondeu Ilsa, segurando-lhe a mão por um breve momento.

Young abanou a cauda vigorosamente, como se quisesse assegurar a Ilsa de que estava pronto para qualquer aventura que estivesse por vir. O veículo parou suavemente à entrada do Espaço-Porto. Ilsa respirou fundo, um gesto que parecia reunir toda a sua força interior. Ao sair, os seus olhos encontraram os de Elverian por mais um instante, um olhar carregado de memórias, despedidas e gratidão que não precisavam de palavras.

A DESPEDIDA

No Espaço-Porto, a luz da nave em forma de espiral iluminava suavemente o ambiente, como se tentasse atenuar a solenidade do momento. A estrutura, majestosa e fluida, parecia mais uma obra de arte do que um meio de transporte, pulsando entre tons de azul profundo e prata etérea. O campo de luz que a sustentava criava uma sensação de leveza, como se a nave estivesse pronta para flutuar para o infinito. Ailina aguardava na entrada do porto, a sua figura destacando-se contra o brilho difuso da nave. Vestia uma túnica de um tecido translúcido que captava os reflexos ao redor, mas era a sua postura serena e o sorriso caloroso que suavizavam a tensão do adeus. Ela exalava uma tranquilidade que parecia quase etérea, como se quisesse absorver parte do peso emocional de Ilsa. Ilsa aproximou-se com passos firmes, mas cada passo parecia carregar o peso de todas as memórias partilhadas. Young caminhava ao seu lado, abanando a cauda com um misto de entusiasmo e desconhecimento.

Alva seguia na sua habitual majestade, enquanto Gatinha e Gatinho se enroscavam nos pés de Ilsa, a cada passo. — «Adeus, Ailina… que sejam os dois muito felizes,» disse Ilsa, com uma suavidade que escondia a tempestade de emoções no seu coração. Ela estendeu os braços para abraçar Ailina. O gesto não era apenas de despedida, mas de entrega, de confiança. Ailina retribuiu o abraço com força inesperada, como se quisesse transmitir algo mais profundo do que palavras poderiam expressar. — «Obrigada, Ilsa. E tu, que encontres a paz e a felicidade que procuras,» respondeu Ailina, a sua voz embargada enquanto os olhos brilhavam com lágrimas que teimavam em não cair. Por um momento, ficaram assim, envolvidas numa ligação que transcendia qualquer diferença ou ressentimento. Quando se separaram, Ilsa olhou brevemente para Ailina e esboçou um sorriso que mais parecia um adeus silencioso, um agradecimento por cuidar de Elverian de uma forma que ela já não podia. Ela virou-se então para Elverian.

Ele estava parado, os ombros ligeiramente curvados, como se carregasse um peso invisível. O seu rosto era uma máscara de contenção, mas os olhos traíam a dor e a luta interna que vivia naquele

instante. Ilsa hesitou, mas sabia que prolongar o momento só tornaria tudo mais difícil. — «Adeus, querido Elverian... sabes que não gosto de despedidas.» As palavras foram ditas com uma ternura tão densa que pareciam ficar suspensas no ar. Elverian abriu a boca, mas nada saiu. O nó na sua garganta era mais forte do que qualquer palavra que pudesse encontrar. Em vez disso, acenou ligeiramente, os olhos seguindo cada movimento dela como se quisesse gravar aquele momento para sempre. Sem mais palavras, Ilsa virou-se. Segurou a trela de Young com firmeza, e os gatos seguiram-na, como se sentissem a solenidade do momento. Cada passo parecia uma despedida, não apenas de um lugar, mas de uma vida inteira, de um amor que, embora eterno em significado, já não tinha um lugar no futuro de ambos.

Quando chegaram ao círculo de luz projectado pela nave, um feixe dourado desceu, envolvendo-os com um calor suave que parecia acarinhar cada um deles. Ilsa sentiu o seu corpo a levitar lentamente, como se fosse sustentado por um abraço invisível. Young abanava a cauda, os olhos brilhando com curiosidade, enquanto Alva mantinha a sua pose serena. Gatinha e Gatinho estavam lado a lado, olhando para cima com uma mistura de curiosidade e excitação. Elverian e Ailina observaram, imóveis, enquanto o feixe de luz intensificava por um momento, como um último adeus. A nave pulsou com um brilho mais forte, e então começou a elevar-se, cortando o céu com uma elegância sobrenatural. Enquanto a figura de Ilsa desaparecia dentro da nave, Elverian sussurrou, quase para si mesmo: — «Adeus, Ilsa... sê feliz.» E o Espaço-Porto voltou ao silêncio, como se o cosmos também tivesse sentido a partida de algo insubstituível.

A BORDO DA NAVE

O interior da nave envolveu Ilsa como um abraço silencioso, um espaço onde o futurismo e o calor humano se encontravam numa simbiose perfeita. As paredes curvas pareciam pulsar suavemente, emitindo uma luz que mudava de intensidade conforme ela e os seus companheiros exploravam. Havia uma calma naquele lugar, uma serenidade que contrastava com o turbilhão de emoções no seu peito. Young, sempre curioso, correu em círculos pelo espaço amplo, farejando os cantos como se quisesse mapear cada detalhe do seu novo ambiente. Gatinha e Gatinho, sempre brincalhões, perseguiam feixes de luz que apareciam e desapareciam no chão, como estrelas fugidias. Alva, com a sua majestade habitual, encontrou um poleiro elevado junto a uma janela panorâmica. Ali, observava o cosmos com o mesmo olhar contemplativo com que vigiava a Terra e Amulon, como se soubesse que aquele era o começo de algo maior. Ilsa, por sua vez, deixou-se cair numa das poltronas ergonómicas que imediatamente se moldou ao seu corpo, como se a conhecesse há muito tempo.

A textura era suave, quase viva, e o toque reconfortante parecia transmitir que ela estava no lugar certo. O console central, com os seus hologramas dinâmicos, projetava imagens do espaço exterior: estrelas que pareciam respirar, nebulosas de cores indescritíveis, e o horizonte distante de Amulon, agora a desaparecer lentamente. Pela grande escotilha, Ilsa viu Alkazam reduzir-se a uma mancha brilhante, um mosaico de luzes que cintilavam na distância. A figura de Elverian e Ailina no porto era agora apenas um esboço indistinto, mas ela sabia que eles estavam ali, a observá-la partir. Com um movimento lento, levantou a mão numa despedida silenciosa, os dedos trémulos denunciando a tempestade de sentimentos que lutava por conter. O gesto parecia simples, mas carregava o peso de um amor perdido, de um adeus a um capítulo que, embora findo, permaneceria eterno na sua memória.

Uma única lágrima escorreu pelo seu rosto, desenhando um caminho que parecia carregar consigo todas as palavras não ditas, todos os momentos partilhados e todas as promessas que agora ficavam por cumprir. Ela não a limpou. Deixou que caísse, como um

ritual de aceitação, enquanto o feixe dourado que mantinha a nave ancorada desaparecia num último brilho. Com um leve zumbido, o veículo começou a elevar-se, o movimento tão suave que parecia um sussurro do cosmos. A gravidade de Amulon soltou-a delicadamente, permitindo que a nave se libertasse da sua atração. Lá fora, o planeta começou a diminuir, transformando-se num orbe luminoso que flutuava no vasto vazio do universo. Ilsa permaneceu junto à janela, o olhar fixo no horizonte que se alargava a cada segundo. As suas mãos, agora pousadas no colo, estavam calmas, mas o coração batia forte. O silêncio era interrompido apenas pelos passos leves de Young, pelos miados curiosos de Gatinha e Gatinho, e pelo leve farfalhar das penas de Alva.

Era como se todos soubessem que aquele momento era mais do que uma partida; era o começo de uma transformação. Enquanto o planeta desaparecia na vastidão do espaço, Ilsa fechou os olhos por um instante. Inspirou profundamente, sentindo o aroma quase impercetível do interior da nave, misturado com algo indefinível, talvez o cheiro do infinito. Quando os abriu novamente, uma determinação serena brilhava nos seus olhos. Ela sussurrou para si mesma, mas as palavras ressoaram como um juramento ao universo ao estilo de Gertrude Stein: — "Este é o meu caminho. Este é o meu destino, Este é o meu caminho. Este é o meu destino Este é o meu caminho. Este é o meu destino.”

RUMO À FELICIDADE

A nave deslizava pelo cosmos com uma suavidade quase etérea, como se fosse parte do próprio tecido do universo. O som do motor era um zumbido sereno, um pano de fundo para a vastidão silenciosa que se estendia para além das janelas panorâmicas. Lá fora, nebulosas em tons de púrpura, dourado e azul dançavam como pinceladas num quadro cósmico, enquanto as estrelas piscavam com a delicadeza de lanternas antigas, cada uma parecendo carregar um segredo que apenas o tempo poderia revelar. Ilsa manteve o olhar fixo na imensidão à sua frente. O seu reflexo na janela fundia-se com as cores do espaço, criando uma imagem que parecia flutuar entre dois mundos. Sentiu uma calma que nunca antes experimentara, uma serenidade que lhe dizia que, finalmente, estava no caminho certo. No colo, Young dormia profundamente, a cabeça pesada sobre as suas pernas, os olhos cerrados num sonho tranquilo. Gatinha e Gatinho corriam atrás de pequenos feixes de luz que apareciam e desapareciam no chão da nave, os seus movimentos cheios de alegria inocente.

Alva, sempre altiva, observava tudo do topo de uma estrutura curva, como uma guardiã silenciosa. — «Estamos a caminho, meus amigos,» murmurou, a voz baixa e carregada de emoção. «Rumo ao nosso mundo... ao nosso lugar.» As palavras pareciam ecoar na nave, como se o espaço ao seu redor as ouvisse e aprovasse. Na consola holográfica, um pequeno ponto azul começou a surgir no horizonte distante. Chi. O nome brilhou na interface, acompanhando a visão de um planeta coberto de azul e verde, cercado por nuvens brancas que giravam suavemente na sua atmosfera. Era como se o planeta estivesse a chamá-la, uma voz muda que encontrava ressonância no fundo da sua alma.

Ilsa não conseguiu conter um sorriso. Era um sorriso tímido, mas carregado de uma felicidade tranquila que parecia iluminar todo o seu ser. O brilho nos seus olhos reflectia a beleza do planeta à sua frente, como se o próprio Chi estivesse a responder ao seu olhar. — «Tão pequeno e tão perfeito,» disse baixinho, como se falasse consigo mesma. «Talvez seja isso que o torna tão especial. É a simplicidade... é

a harmonia.» Enquanto a nave acelerava, cortando o vazio infinito com precisão, o cosmos ao seu redor transformava-se numa tapeçaria viva, cada estrela e cada nebulosa parecendo contar uma história. Era um espectáculo que não pedia interpretação, apenas admiração. Ilsa recostou-se na poltrona que se moldava ao seu corpo, sentindo o peso dos meses anteriores desaparecer lentamente, como poeira a ser soprada pelo vento. Finalmente, estava a deixar para trás as expectativas e desilusões de Amulon, os corredores vazios da sua casa, e as memórias de um amor que, embora belo, não conseguira sobreviver à distância entre os seus mundos.

Com uma mão suave, acariciou Young, que murmurou algo num sonho profundo. Olhou para Gatinha e Gatinho, agora enroscados num canto, e para Alva, cuja presença parecia eterna e sábia. — «Finalmente, estamos a ir para casa,» sussurrou, com a voz embargada. E, enquanto o pequeno ponto azul no console crescia, tornando-se cada vez mais nítido, Ilsa sentiu algo que há muito lhe escapava: completude. Não era apenas um planeta que se aproximava. Era um novo começo, uma promessa de vida em harmonia com tudo aquilo que sempre acreditara ser sagrado.

Fechou os olhos por um momento, permitindo-se absorver o som suave da nave, o brilho das estrelas, e o calor dos seus companheiros ao seu redor. E, nesse instante, soube, com a certeza de uma estrela em órbita, que estava finalmente a caminho do seu verdadeiro destino.



VÍTOR RUA

Vítor Rua compõe, improvisa, escreve, investiga e trabalha entre o cinema, o vídeo e as artes plásticas, como quem procura, em cada linguagem, uma passagem secreta para a seguinte. Vive em Lisboa, no planeta Terra, com a sua amiga e artista Ilda Teresa Castro, o cão Doutor Young Yang e a gata Professora Alva — uma pequena constelação doméstica onde a criação, a amizade e o mais-que-humano partilham a mesma órbita.

A música desapareceu de Amulon. Para a reencontrar, Elverian atravessa o espaço até à Terra e chega a Lisboa, onde o encontro com Ilsa, Young Yang e Alva transforma uma missão científica numa viagem entre mundos, afectos e formas de vida. Uma fantasia cósmica sobre aquilo que o som conserva quando uma civilização começa a esquecer-se de sentir.

9 789899 999900 · FICÇÃO

ASOKA MIAU EDITIONS

LISBOA · 2026